

AMANDA MIMOSO RODRIGUES COELHO

AS INTERFERÊNCIAS DOS ESCRIBAS NO “DIÁRIO DO EMBAIXADOR” (1752-1755): na fronteira entre história e literatura de viagem

**ASSIS/SP
2023**

AMANDA MIMOSO RODRIGUES COELHO

AS INTERFERÊNCIAS DOS ESCRIBAS NO “DIÁRIO DO EMBAIXADOR” (1752-1755): na fronteira entre história e literatura de viagem

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001

**ASSIS/SP
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

C672i Coelho, Amanda Mimoso Rodrigues
As interferências dos escribas no *Diário do Embaixador* (1752-1755) : na fronteira entre história e literatura de viagem / Amanda Mimoso Rodrigues Coelho.
— Assis, 2023
126 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes

1. Diário do Embaixador. 2. Interferência pessoal.
3. Monotestemunhal. 4. Escritos de viagem - Séc. XVIII.
I. Título.

CDD 801.953

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: As interferências dos escribas no "Diário do Embaixador" (1752-1755): na fronteira entre história e literatura de viagem

AUTORA: AMANDA MIMOSO RODRIGUES COELHO

ORIENTADOR: CARLOS EDUARDO MENDES DE MORAES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Letras, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO MENDES DE MORAES (Participação Virtual)
UNESP/FCL - Assis/SP

Prof. Dr. RICARDO MAGALHÃES BULHÕES (Participação Virtual)
UFMS - Três Lagoas/MS

Prof. Dr. ODILON HELOU FLEURY CURADO (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL - Assis/SP

Assis, 06 de novembro de 2023

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, agradeço a bolsa de dois anos de formação acadêmica diferenciada e de qualidade.

O desenvolvimento desta dissertação contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Aos funcionários da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), que foram sempre prestáveis em minhas consultas ao documento Manuscrito 42.

Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Eduardo Mendes de Moraes, por toda a paciência para a elaboração dessa dissertação.

Aos professores da banca de qualificação, Professor Doutor Odilon Helou Fleury Curado e Professora Doutora Daniela Mantarro Callipo pelos pertinentes apontamentos que engrandeceram esse estudo.

Aos professores da banca de defesa, Professor Doutor Odilon Helou Fleury Curado e Professor Doutor Ricardo Magalhães Bulhões, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Aos meus colegas do Grupo de Estudo Manuscritos e Impressos Luso Americanos (MILA) que contribuíram nas discussões do meu trabalho.

E, por fim, agradeço a minha mãe e amigos pelo apoio incondicional que me deram ao longo deste trabalho.

“A vida é uma viagem, experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espírito através da matéria, e, como é o espírito que viaja, é nele que se vive.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

A dissertação toma como objeto de análise as narrativas do diário de viagem intitulado “Relação da viagem que Diogo Baduem da Serra da família do excelentíssimo senhor embaixador fez a Macau, China e Moçambique, e Rio de Janeiro na nau Nossa Senhora da Conceição e Lusitânia Grande e notícias das províncias da China cidades, e vilas, fábricas, rendas, e tratamento dos Bonzos, que são os seus padres, e com estampas de algumas cidades que se puderam tirar da viagem que fez” (Diário do Embaixador). No Diário do Embaixador, escrito no século XVIII, identificamos interferências dos escribas, de quatro punhos, como um elemento importante na narrativa. Nesse registro diarístico são constituídas de diferentes abordagens, por exemplo, a técnica de episódio que expressam o olhar europeu e suas tensões sentidas à medida que informam o percurso e os costumes dos países visitados. A fim de compreender as descrições observadas entre o documento monotestemunhal e as interferências dos escribas surgiram a necessidade de entender o papel da Literatura de Viagem e da História dado os diferentes registros da realidade vivenciada pelos autores. Por isso, buscamos na dissertação argumentar em função de dois eixos: 1. compreender como o relato de viagem pode se tornar literatura; 2. analisar as interferências pessoais dos escribas no embate com o outro ao longo da viagem. Para tanto usamos no referencial teórico e metodológico leituras de autores como Candido (2002), Carrizo Rueda (2008), Todorov (2006), Pratt (1999), Lima (2006), Moraes (2019) entre outros autores. Desse modo, trabalhamos com a metáfora de Diabos e de Malfeitores, procurando com isso criar uma imagem que traduza o modo como emergem as novas compreensões no processo de composição dessa obra por meio dos quatros testemunhos no Diário do Embaixador.

Palavras-Chave: Diário do Embaixador; interferências dos escribas; literatura de viagem; história.

ABSTRACT

This dissertation analysed the narrative of travel diary entitled “Relação da viagem que Diogo Baduem da Serra da família do excelentíssimo senhor embaixador fez a Macau, China e Moçambique, e Rio de Janeiro na nau Nossa Senhora da Conceição e Lusitânia Grande e notícias das províncias da China cidades, e vilas, fábricas, rendas, e tratamento dos Bonzos, que são os seus padres, e com estampas de algumas cidades que se puderam tirar da viagem que fez” (Ambassador’s Diary). In the Ambassador’s Diary, written in the 18th century, we identified interference from four scribes as an important element of the narrative. The record consists of different approaches, for example, the episode technique that expresses the European perspective. It was tensions felt as they informed the route and customs of the countries visited. Hence, we appreciated the descriptions observed between the mono testimonial document and the interference of the scribes. However, the narrative of Travel Literature and History given the different information throughout the reality experience by the authors. Therefore, in the dissertation we seek to argue based on two axes: 1. Understand how travel reports can become literature; 2. Interpret the personal interference of the scribes in clashes with others by the journey. Then we use readings from authors such as Candido (2002), Carrizo Rueda (2008), Todorov (2006), Pratt (1999), Lima (2006), Moraes (2019) among other authors. Thus, the text we labored with the metaphor of Devils and Evildoers, attempting to create an image that reflects a new understanding in the process of composing the diary through the four scribes in the Ambassador’s Diary.

Keywords: Ambassador’s Diary; scribes’ interference; travel literature; history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Título do Manuscrito 42.....	33
Figura 2: Variações na prática de escrita do “Diário do Embaixador”	34
Figura 3: Vila Yuchanhien – China	37
Figura 4: Província Tchekiang	38
Figura 5: Retrato do Mandarin	59
Figura 6: Registro do punho 1 no Manuscrito 42.....	80
Figura 7: Programação de Novenas.....	83
Figura 8: Registro do punho 2 no Manuscrito 42.....	88
Figura 9: Registro do punho 3 no Manuscrito 42.....	94
Figura 10: Registro do punho 4 no Manuscrito 42.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: “FONTE”	26
1.1 Descrição do Manuscrito	26
1.2 Autoria/ Punho	27
1.3 Viagem	35
1.4 Relato	43
1.5 Diário de Viagem	47
CAPÍTULO 2: “A NARRATIVA”	52
2.1 Descobertas das Viagens	52
2.2 O “novo” registro da impressão/interferência do escriba	54
2.3 Imaginário Europeu	56
2.4 A Pedagogia do Medo	64
CAPÍTULO 3: A EMBAIXADA: O resultado narrado da viagem de Diogo Baduem da Serra (ou a interferência do escriba no relato oficial diário)	69
3.1 Embaixada portuguesa no século XVIII	69
3.2 Tempo, aspectos e modo da narrativa, segundo Todorov	75
3.3 Interferências: A “técnica do episódio” empregada na composição do “Diário do Embaixador”	79
3.3.1 No punho 1	79
3.3.2 No punho 2	87
3.3.3 No punho 3	93
3.3.4 No punho 4	99
CONCLUSÃO: Diabos, Malfeitores e o <i>Outro</i>	104
REFERÊNCIAS	106
ANEXOS	113
ANEXO A - Descrição da viagem da Europa a Macau no Manuscrito 42	113
ANEXO B - Relato do Itinerário da viagem no Manuscrito 42	114
ANEXO C - Descrição do Império chinês no Manuscrito 42	115
ANEXO D - Descrições minuciosas dos cidadãos “chinas”	116

ANEXO E - Espetáculo com cavalos na China.....	117
ANEXO F - O Diabo manejando o tridente.....	118
ANEXO G - Informações das Províncias relevantes da China.....	119
ANEXO H - Relatório do Império chinês.....	120
ANEXO I - Arca de Noé descrição em Latim no Manuscrito 42.....	121
ANEXO J - Embaixador no Palácio do Governador chinês.....	122
ANEXO K - Notícias de Moçambique no Manuscrito 42.....	123
ANEXO L - Moçambique descrições de conflitos internos.....	124
ANEXO M - Contrabando no Rio de Janeiro no Manuscrito 42.....	125
ANEXO N - Notícias do Rio de Janeiro no Manuscrito 42.....	126

INTRODUÇÃO

O presente estudo desenvolveu uma leitura crítica do manuscrito “Relação da viagem que Diogo Baduem da Serra da família do excelentíssimo senhor embaixador fez a Macau, China e Moçambique, e Rio de Janeiro na nau Nossa Senhora da Conceição e Lusitânia Grande e notícias das províncias da China cidades, e vilas, fábricas, rendas, e tratamento dos Bonzos, que são os seus padres, e com estampas de algumas cidades que se puderam tirar da viagem que fez”, o qual passaremos a tratar como “Diário do Embaixador”, em virtude da extensão do título.

Ao iniciar o trabalho de leitura dos quatro punhos, do terceiro capítulo, entramos em contato com a Sessão de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade - SP para inserirmos as figuras na dissertação. Estas figuras contêm informações preciosas a respeito da vida cotidiana da embaixada e as relações de trabalho, costumes e toda uma cultura com características muito particulares dos quatro punhos. Por isso, visitamos a biblioteca e selecionamos vinte e duas imagens, onde foram autorizados o uso e publicação das fotografias encontradas no anexo desta dissertação.

Após pesquisar nos arquivos e papéis lusitanos, não localizamos até o presente estudo nenhuma cópia deste Manuscrito 42¹ no exterior ou em outras bibliotecas no Brasil. As narrativas foram documentadas em linguagem coloquial na forma de diário por diferentes secretários entre 1752 e 1755. Nesses episódios apresentaram, de um lado, as atividades do embaixador Francisco Xavier de

¹ O documento “Diário do Embaixador” está identificado e catalogado no acervo da Sessão de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade como “Manuscrito 42”. Este manuscrito é considerado uma fonte primária.

Assis Sampaio e Pacheco² e, de outro, as imagens específicas do “estrangeiro” por meio de interferências pessoais dos diferentes secretários. Historicamente a viagem à qual o “Diário do Embaixador” está referenciado é vista como um empreendimento por parte da coroa portuguesa, no reinado de D. José I (1750-1777), de encaminhar a embaixada à China, de transigir a presença dos jesuítas em solo chinês e de demarcar sua posse nos países visitados.

Para além de seu caráter documental, observamos também como complexa obra literária, náutica, geográfica e de cunho etnográfico. Neste momento, o “Diário do Embaixador” traz o ineditismo por ser considerado um documento não oficial e monotestemunhal referente à embaixada de Francisco Xavier de Assis Pacheco e Sampaio (1752-1755).

Assim, nossa pesquisa teve a premissa na autenticidade e na raridade desses testemunhos únicos de acontecimentos da história (literária) portuguesa. Ressaltamos as intervenções dos secretários que lhes permitiram o livre exercício de suas opiniões no texto e, por isso, o “Diário do Embaixador” diferencia-se de textos jornalísticos, de correspondências particulares e de documentos formais. No entanto, como essas interferências pessoais contribuíram para o “Diário do Embaixador” ser considerado um texto literário? A história esteve presente na escrita do “Diário do Embaixador”, mas há no olhar português elementos da literatura de viagem ou esta contribuiu para descrever os episódios ocorridos na viagem?

Nosso interesse em problematizar tal tema deve-se ao fato de o diário de navegação ser um gênero textual e uma fonte preciosa para os estudos sócio-históricos, pois traz por meio de registros linguísticos um legado cultural e intelectual incomensurável a respeito dos países visitados pela expedição. O

² O Francisco Xavier de Assis Pacheco e Sampaio, cavaleiro da Ordem de Cristo, ministro do Conselho Ultramarino e embaixador extraordinário de Sua Majestade Fidelíssima ao Imperador da China. “[N]asceu em Benavente, no seio de uma das famílias ilustres da terra, filho de um bacharel com pretensões literárias, [...] não se tendo apurado a data certa em que nasceu, sabe-se, contudo, que morreu novo, a 19 de Junho de 1767. Estudou na Universidade de Coimbra e iniciou a sua carreira pública de magistrado como ouvidor em Beja, tendo passado em seguida por outras comarcas do Algarve e do Alentejo. É em Beja que de novo se encontrará, como provedor da comarca, quando nas vésperas da partida para a China, é nomeado conselheiro do Conselho Ultramarino. Regressado a Lisboa em 1755, a poucos dias do terramoto que assolou a cidade, continuará a desempenhar funções no Conselho Ultramarino até à data da sua morte.” (CARVALHO, 2015, p.42-43).

texto reafirmou uma peculiaridade de seu gênero, a indissociabilidade dos seus múltiplos saberes e finalidades. Ademais, os secretários que documentaram o “Diário do Embaixador” registraram suas impressões de língua portuguesa do século XVIII, com isso a escrita, em nosso trabalho, foi considerada uma fonte de preservação da memória linguística do português setecentista. Portanto, apresentamos os trechos transcritos do manuscrito na ortografia original da época, ou seja, a mesma usada no “Diário do Embaixador” (1752-1755).

Nesse aspecto, não imprimimos qualquer discussão teórica quanto às origens ortográfica, lexical ou sintática, apenas apresentamos reflexões a respeito de literatura de viagem, filologia e crítica textual sobre os trechos apresentados. Outro aspecto necessário era o método de trabalho e uma ordem na atribuição de valor desses testemunhos apócrifos³ identificados no manuscrito. O método de pesquisa utilizado foi o de composição de um inventário de ocorrências de registros escritos que permitem entrever a interferência de um ponto de vista (português) sobre a produção do relato / descrição da cultura e costumes do país visitado.

Neste trabalho, o recorte mais específico dos objetivos de pesquisa fora realizado com base em dois eixos considerados relevantes para a análise:

- (i) a relação dos escribas com o deslocamento da embaixada e
- (ii) uma compreensão das estratégias pelas representações dos quatro punhos a partir das suas interferências pessoais no “Diário do Embaixador”.

A análise dessas influências resultou no apanhado dos fatores socioculturais reconhecíveis durante as interferências do escriba nas narrativas, de forma a demonstrar um discurso que está subjacente ao escrito aparentemente neutro e objetivo do relato de viagem. Podemos dizer que as referências descritas sobre o estrangeiro possuem convergências entre o simbólico-literário e o histórico-testemunhal. De outra parte, esse procedimento não se realizou isoladamente, pois

³ Considerado o “Diário do Embaixador” um documento apócrifo é aquele que não tem origem conhecida, não traz identificação ou assinatura e não está autenticado.

referiu ou imita modelos que se conseguem entrever quando se aplicam à leitura da escritura do texto algumas regras da retórica que eram vigentes no século XVIII.

O “Diário do Embaixador” pelas mãos dos secretários narra as experiências e descobertas por meio da palavra e dos desenhos, tendo como ponto central desta narrativa a viagem do Embaixador Diogo Baduem da Serra e dos seus familiares em cumprimento da missão religiosa e diplomática à China, com foco nas cidades de Macau e de Pequim. A embaixada correspondeu ao curto período nas colônias de Moçambique e do Rio de Janeiro, numa tentativa, por parte da Coroa, de obter informações das ações hostis dos habitantes ou dos malfeitores que invadiam a colônia, explorando as riquezas naturais ou saqueando os núcleos litorâneos.

O interesse das descrições, informações e situações escritas variam de acordo com o trajeto da viagem. Nesse sentido, é possível reconhecer no processo de análise do documento a presença de diferentes estratos de narração e, com isso, refazer o percurso da embaixada sob diversas perspectivas: 1. aspectos geográficos e astronômicos; 2. relato das ações dos envolvidos de acordo com os objetivos da embaixada; 3. relato dos costumes e; 4. interferências pessoais dos escribas.

Posto isso, o Manuscrito 42 mantém características nas narrativas do relato de viagem, pois eram as maneiras como cada escriba via o mundo e o “outro”, ao produzir o discurso “oficial” e, nele, interpretar suas singularidades pela perspectiva formal dos componentes desse discurso. Utilizam-se diferentes gêneros no texto, embora se tenha como predominante o gênero diário, o qual consiste em relatar por dia os acontecimentos dentro e fora da rotina das pessoas envolvidas.

A experiência do viajar, do colocar-se em risco em aventuras fascinantes e perigosas, se concretiza em uma parte do fio narrativo, enquanto a outra simboliza os deslocamentos espaciais podem ser vistos positivamente, pois adquirem mais conhecimentos sobre aquelas passagens, e assim proporcionem diversas descrições geográficas e astronômicas realizadas pelas viagens; por isso, dividimos o “Diário do Embaixador”, de acordo com a rota, em quatro momentos:

[a], o início da expedição até a chegada das embarcações à Ásia. A embaixada largou de Lisboa (Portugal) em direção à China na Nau Nossa Senhora da Conceição e Lusitânia Grande para cumprir as missões (religiosa e diplomática)

designadas na expedição. Em relação a este primeiro aspecto do “Diário do Embaixador” abordam no conteúdo desta passagem descrições do cotidiano da navegação ao relatar as experiências vivenciadas na viagem pelos escribas, como: itinerários, fauna, flora, ocorrências, rezas implorando a divina clemência; enfim, a estrutura apresentada se aproxima de um diário de navegação com os termos náuticos, ao exporem as técnicas e modos de se navegar.

Na verdade, expressavam indiretamente tensões no olhar do viajante. Na maioria, os viajantes eram missionários, intelectuais e funcionários a trabalho do Estado. E os relatos de viagens narravam as atividades religiosas: missas, novenas e peregrinações. A teologia cristã também disseminava seu ensinamento no Novo Mundo. Assim, escrever as observações do Novo Mundo, muitas vezes, expressava o imaginário dos escribas.

[b], e o andamento da viagem da embaixada em território chinês, rumo a Macau e depois sua ida em direção a Pequim. Nesta passagem da viagem entre Macau e Pequim o relato cumpre com a função de ilustrar os interesses da Igreja Católica e da Coroa Portuguesa ao estreitarem relações com chineses em seu território expressava sobre os aspectos do lugar como o costume, as vestimentas, a arquitetura, o comércio, a religião e a cultura. Nesse sentido compreendemos o paradigma da oposição entre Ocidente e Oriente. Os escribas ilustram por meio das interferências pessoais as vivências no percurso à China, sobretudo, relatam a diferença cultural e as diferentes crenças e todo e qualquer hábito dos “chinas”⁴, pois contrastam com os costumes da corte portuguesa.

Percebemos os embates nesses discursos, pois retratam o combate incessante contra o “inimigo”; na verdade, era o inventário dos medos sentidos pela Igreja e Coroa Portuguesa que sentiam seus interesses ameaçados, pois a China não era sua colônia e sim uma parceira comercial. Em outras palavras, os Diabos, sempre presente na China, serviram de pretexto para lembrar o leitor a distância do homem europeu descritos nos relatos do “Diário do Embaixador”.

⁴ Os secretários portugueses referem-se por “chinas” a população chinesa. Pode-se também caracterizar esse termo dentro das forças militares na China como não tendo “acesso às altas graduações militares” (LISBOA, 2016, p.180) em contraste com o uso de outro termo “mandarins”, esses têm acesso a altos postos administrativos e militares.

Pode dizer-se que as influências dessas relações luso-chinês decorreram em parte das práticas dos missionários católicos, em especial dos jesuítas, até o final do século XVIII. Vale dizer que foram registradas na viagem algumas atuações de missionários naquelas civilizações e suas interações com os Bonzos⁵ e as dificuldades que enfrentaram durante o percurso. Do mesmo modo descrevem as relações de poderes, disputas econômicas e religiosas com outros países europeus em território asiático.

[...] No tempo de Kanhi floresceu muito a cristandade e havia quantidade de igrejas públicas por toda a China e nas cidades principais; mas com as mudanças dos padres franceses e com as oposições dos propagandistas que entraram no tempo do Kanhi, sendo o primeiro o Pedrine; e com a embaixada do trono, dizem que fora o dito imperador diminuindo o conceito que fazia dos europeus e que, por não se mostrar arrependido do que tinha feito, deixava ditoa tuchin que destruísse as igrejas e deitasse fora os europeus. E logo este, no principio do seu reinado, mandou destruir mais de 300 igrejas e deixou sem pastos mais de 3030 católicos, desterrando os missionários para Cantão; e desde então que se não o podem estabelecerem, como estavam no tempo Kanhi; em que houve a liberdade de pregar e professarem a religião católica, havendo decretos que a publicavam boa e somente deixaram ficar igrejas de Pequim com os padres que lhes são necessários para o serviço do imperador (fólio 350)

Mas, a tradicional política chinesa limitava as relações diplomáticas e comerciais externas, em razão da desconfiança das culturas estrangeiras. Com isso, foi instaurado um sistema tributário centralizado na absoluta imagem do Imperador chinês, a elaboração do sistema altamente cerimonial (Tribunal dos Ritos). Ao cumprirem a missão de entregarem o presente ao Imperador e cartas de Dom. José I, retornam a Macau e seguem viagem a Moçambique.

[c], a expõe da travessia entre Índico e Pacífico, especialmente, a curta 1 e chefaturas macuas (1753-1754). Este conflito salientou no relato português o discurso militar por meio de mecanismos retóricos utilizados para amenizar a situação da colônia, mas não encobriu em tais discussões os Malfeitores e as dificuldades enfrentadas pelos portugueses em derrotar os inimigos contra a possível retomada de território. Durante a passagem da embaixada descrevem

⁵ A palavra Bonzo se refere a membros das ordens religiosas budistas da China e do Japão. Outro sentido, segundo a cultura oriental, era de conselheiro, de curandeiro e de mediadores de discussões em sua comunidade.

a precária assistência a doentes e moribundos, mortes de soldados, estratégias dos inimigos e armamentos, como eram utilizados de forma errônea pelos portugueses. Assim, observou-se outra forma de interferência pessoal dos escribas nas notícias de Moçambique. E, finalmente:

[d], a passagem e permanência no Rio de Janeiro e posterior regresso a Lisboa. No Rio de Janeiro a embaixada relata pirataria e contrabando nos portos brasileiros, pois a embaixada foi meio de contrabandear para a Inglaterra as pedras preciosas da Coroa Portuguesa. Esta última passagem da embaixada retrata a indignação do escriba ao descrever tal situação vergonhosa à Coroa Portuguesa. Para tanto debatemos a metodologia de análise de nosso trabalho, a análise narrativa e suas configurações estéticas. Precisa-se compreender a contribuição da descrição, enquanto tipologia textual no gênero literário aristotélico narrativo. Por isso, a descrição geralmente é designada *ancilla narrationis* (escrava da narração), em razão da descrição ter o objetivo de auxiliar a narração.

A partir desses tópicos, observamos que os deslocamentos são relevantes, pois afetam os estilos dos punhos. O ato da escrita manifestou em todos os punhos diferentes perspectivas, no foco narrativo. Nesta pesquisa, seguimos a ordem dos punhos, dos escribas, para analisá-las sob as perspectivas de Todorov e de Barthes. De acordo com Todorov (2006), o foco narrativo trata dos pontos de vista do narrador acerca dos acontecimentos (a voz no texto), sendo classificadas as perspectivas em dois tipos, no “Diário do Embaixador” divide-se em primeira pessoa e em terceira pessoa a narração.

Nesse ambiente descritivo a escrita marcou outra mudança nos cenários, quando os escribas manifestaram nos discursos as impressões como instrumento de transmissão de “fragmentos de mundo”, ou seja, revelavam “uma imagem do mundo” a partir da perspectiva de cada escriba, como, por exemplo, preocupações sociais, políticas ou ideológicas vivenciadas naquele contexto diplomático (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 20).

O Manuscrito 42, considerado não literário, contribuiu para as descobertas científicas portuguesas quanto para a Literatura de Viagem. No uso de palavras como, por exemplo, “diabos”, “diabruras”, “bonzos” e “malfeitores” fez-nos

reconhecer as interferências dos escribas e os estilos fronteiriços com o texto literário. Desse modo, realizamos uma reflexão para estabelecer como ferramenta de raciocínio o significado do interesse cultural relevante (documental, científico e literário) e da memória coletiva (herança cultural) o gênero diário.

Essas mudanças nos olhares influenciaram na escrita e na análise; portanto, utilizamos a perspectiva de Barthes (1977) para compreender a descrição dos acontecimentos reais, o efeito da realidade de alterar a forma como este mundo foi pensado e/ou percebido, pois no processo ocorrem algumas modificações por parte dos escribas em suas perspectivas de Diabos, de Malfeitores e do Outro. No olhar da embaixada portuguesa tomavam como registro as características pejorativas para descrever os nativos, a tal ponto que se utilizavam do pretexto de que professavam uma religião, um costume e uma tradição diferentes da religião católica. Contudo, apesar da extensão do documento, dividimos em quatro punhos as análises das interferências no texto.

Nesses registros dos portugueses na segunda metade do século XVIII, a narrativa refere-se aos apontamentos realizados pelos escribas nessa embaixada portuguesa em relação à viagem à China, a Moçambique e ao Rio de Janeiro, correlacionando-os às finalidades indicadas nas páginas iniciais do próprio documento. Portanto, devemos estar atentos às reformas promovidas pelo governo de Dom José I (1750-1777) e, conseqüentemente, à maneira como elas se refletem na retórica da estrutura do “Diário do Embaixador”.

No primeiro capítulo, descrevemos o corpus do trabalho. Identificamos nos estudos de Moraes (2019) a variação de punhos e, com isso, delimitamos por meio da rota da viagem a análise do corpus. Essa metodologia se justifica pelas seguintes razões: proporcionou ao trabalho seguir a ordem cronológica dos fatos relatados e passou a inserir mais ideias das formas práticas de escritas; nos deslocamentos da embaixada os registros acabam por convergir entre descrições mais objetivas e detalhadas. Ademais, essas formas de escritas possibilitaram, também, observar a confluência entre os escritores da obra e da visão nas condições sociais daquele tempo e espaço na escrita (CHARTIER, 1999; BARTHES, 1977; LEFÈBVRE; JEAN-MARTIN, 2017). Tratamos também de explicitar os conceitos ‘viagem’, ‘relato

de viagem' e 'diário' (LE GOFF, 1994; BOSI,1988; CARRIZO RUEDA, 2008 entre outros).

No segundo capítulo tratamos da questão da narrativa de viagem, do imaginário europeu e do registro da impressão/ interferência do escriba, abordando questões como as descobertas, a rota da viagem e a pedagogia do medo segundo Antunes (2017) e Link (1998). Para o desenvolvimento dos conceitos de narrador, de espaço e de tempo utilizamos da teoria narrativa de Tzvetan Todorov (1972;1982). Objetivamos analisar a manifestação de uma estrutura abstrata, utilizando-nos da narrativa para compreender mais especificamente as estratégias de intervenção pessoal na análise dos registros desses variados punhos. Desse modo, encontramos os meios de descrever os recursos estilísticos que despertam a atenção do leitor europeu, isto é, a onipresença do fato colonial, a impregnação visual por meio de espetáculos, propaganda e exposições empregadas no “Diário do Embaixador”.

No terceiro capítulo buscamos o rastreamento das intervenções tratadas como intencionais à medida em que se “chocaram” com a objetividade do documento relato de viagem. Diante da narrativa diarística, encontramos as minúcias, isto é, os detalhes que representam o ocorrido, sem omissões, exatamente como uma pintura em exposição. Configurou-se uma descrição do espaço narrativo ao longo da viagem e das impressões dos secretários dessa embaixada no relato.

Desenvolvemos a análise do corpus por meio de coleta e análise do material bibliográfico e documental produzido, chamando a atenção para as narrativas de viagens, sobretudo, as narrativas envolvidas nesse contexto de influências socioculturais nos relatos, com aporte de diferentes autores, como Lima (2006), Pratt (1999), Lejeune (2013), Todorov(2006), Barthes (1977), Cambraia (2005), Moraes (2019), Bicalho (2003), Rêgo (2019) e Lisboa (2006).

Convém ressaltar, o cenário daquela época, a organização social que os altos cargos jurídicos,eclesiásticos e os militares estavam reservados à aristocracia da época. Utilizando informações da história, na primeira metade do século XVIII, Portugal estava sob administração de D. João V (1706-1750). O governo joanino caracterizou-se por apresentar o início das transformações no vasto império

colonial e no seu reino. Originam-se das ideias iluministas presentes no reinado de D. José I (1750-1777), para a modernização do reino.

Para compor aquele cenário português, também, deve-se observar que as relações humanas se transformam continuamente. Com isso, nos referimos ao papel desempenhado pela nobreza em administrar e organizar o reino do monarca D. João V. Por isso, o modo de viver em torno do monarca era mais rentável. Consequentemente, esta configuração social aristocrática (nobres-letrados) centralizou a vida cultural do país. Dentro desses termos, o centro da renovação cultural desenvolveu novos investimentos no campo da arte, ciência, literatura, arquitetura entre outros.

Os pensamentos mais modernos nesta época eram aplicados no projeto cultural e no educacional. Referimo-nos à presença das ordens religiosas e aos mecenatos artístico e literário. Os “estrangeirados” eram figuras constantes no Regime Antigo. Colocam-se, portanto, no reinado de D. João V, as bases das reformas. Desse modo, compreendeu-se que o desenvolvimento do Iluminismo estava presente em seu reinado, no entanto, de uma forma bruxuleante, como, por exemplo, na criação da Academia Real da História.

Observou-se uma limitada renovação cultural sobre as ciências, nas inovações de conhecimentos da aristocracia portuguesa. O uso da razão ocasionou ameaças na ordem estabelecida pela Igreja Católica. As restrições morais empregadas pelos clérigos determinaram o confronto entre as autoridades antigas e os novos modos de pensar cientificamente. Assim, “o reinado joanino, nesse particular, apesar de toda repressão e fechamento intelectual promovidos pela autoridade religiosa, e por causa disso, foi um período marcado pela ambiguidade” (OLIVEIRA, 2009, p.129).

Nesse momento, as situações cultural e histórica referem-se às confluências versus o confronto entre elementos da cultura escolástica ou jesuítica com aspectos da cultura iluminista. Na complexa situação, as atividades científicas apoiadas pela Coroa, podendo ser dentro ou fora da Corte, contribuíram com os denominados “estrangeirados”, que eram os portugueses que viveram a maior parte de suas vidas no estrangeiro. Esses homens “estrangeirados” eram letrados que tiveram acesso aos escritos iluministas e regressavam com novas ideias.

Assim, os novos pensamentos estimularam a inserção de Portugal nas esferas culturais do Iluminismo. Nestes pensamentos os homens expressavam a modernização e a melhor organização do reino. Isso gerou controvérsias marcadas no campo intelectual entre o Antigo Regime e as Novas ideias que predominavam na Europa. Outra questão, que configurou a renovação das ideias na idade moderna, foi o desenvolvimento do senso crítico, a afirmação da objetividade e do individualismo.

Houve também sérios progressos com relação à aplicação do método científico e isso revolucionou as formas de reflexão humana sobre sua realidade, no caso, com a publicação do Verdadeiro Método de Estudar (1746), de Luís António Verney (1718-1792). Nesta obra, tratou-se da possibilidade de mudanças didático-pedagógicas, que reformulavam o olhar dos letrados de forma sistemática e objetiva visando-se suplantá-la, pela modernização, a prática do ensino escolástico⁶.

Na abordagem, Verney revelou severas críticas ao ensino ministrado pelos padres da Companhia de Jesus. A preocupação de analisar cientificamente o desenvolvimento dos pensamentos iluministas intensifica-se no reinado de José I (1750-1777), com as reformas do Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, entre elas encontra-se a reforma no ensino da Universidade de Coimbra.

Ao inserirem-se algumas proposições de Verney, caracterizou-se a revolução de liberdade e do historicismo católico para abrir um novo espaço para novas práticas de desenvolvimento do Estado. Alguns nomes de reformadores foram, por exemplo, D. Luís da Cunha, Alexandre de Gusmão, José da Cunha Brochado, Conde da Tarouca, os Condes da Ribeira Grande e o das Galveias, Luís António Verney (cf. OLIVEIRA, 2009, p.261). Todos os nomes pertenciam à classe nobre, pois representavam a Coroa Portuguesa no estrangeiro.

Da mesma maneira que as reformas se operaram no âmbito político, concomitantemente, surgiram seus reflexos no âmbito da escrita, ficando evidente uma cisão em duas possibilidades, a dos apoiadores dos modelos de discurso

⁶ Representava todo um conjunto de doutrinas elaboradas a partir da fusão de elementos do aristotelismo com os textos sagrados.

conservador do antigo regime e da imitação do antigo modelo da poética grega e romana, que resistiam às propostas “iluminadas” de expressão.

Todavia, o cenário modicou-se a favor de Portugal com as descobertas e explorações de minérios brasileiros (ouro e diamantes), no início do século XVIII. Dessa forma, as grandes transformações foram provenientes da configuração político-econômica, no conjunto entre o mercantilismo e o absolutismo. O mercantilismo, nesta época, consistiu-se em dupla finalidade: 1) unificar e centralizar o Estado Nacional e 2) construir o poder econômico externo (CATHARINO, 2013, p.35). Deve-se ter em mente a estratégia viável para o desenvolvimento econômico, para a preservação das manutenções no sistema colonial e para a expansão marítima comercial. O lucro gerado pelas colônias conservava a riqueza do Estado absolutista. Para Charles Boxer,

Mesmo em Portugal, a exploração dos recursos minerais brasileiros e o grande reflorescimento do comércio português com a colônia permitiram à metrópole resolver o problema do balanço deficitário com o resto da Europa por meio do ouro que, em conjunção com os diamantes do Brasil, enriqueceu a Coroa, a Igreja e a Corte, e forneceu a Dom João V recursos suficientes para que não fosse obrigado, durante seu longo reinado (1706-1750), a convocar as Cortes e lhes pedir dinheiro. Conta-se que esse monarca disse, ao tratar do assunto: “Meu avô temia e devia; meu pai devia; eu não temo e nem devo” (2002, p.171).

Com base nos ganhos financeiros provenientes da colônia brasileira e com novos impostos implementados no comércio das demais colônias, isso favoreceu os cofres da coroa portuguesa. Dessa forma, constituiu-se a política de neutralidade em relação aos conflitos europeus, no entanto, Dom João V empenhou-se fortemente na defesa dos interesses portugueses no comércio ultramarino e na diplomacia. Isso beneficiou amplamente os rendimentos da fazenda real.

Nesse aspecto, os relatos da viagem do “Diário do Embaixador” contribuíram para compreender o contexto histórico e suas relações entre os portugueses e o outro (habitante ou nativo daquelas terras), observados nos escritos essas relações vivenciadas entre a embaixada e os nativos das colônias portuguesas (Moçambique e Rio de Janeiro). Ademais, atividades diplomáticas prosseguiram no reinado de D. José I (1750-1777), pois se temia que os negócios comerciais e religiosos na Ásia não prosperassem.

O resultado atingido pela embaixada de Sampaio (1752-5) contribuiu para os dois objetivos: reafirmar e consolidar o reconhecimento da presença cultural, econômica e política em território chinês e o reconhecimento da embaixada portuguesa, sem o estatuto tributário. A ação diplomática foi a mais importante entre as relações asiáticas e portuguesas ocorridas neste período. No entanto, as fontes oficiais estavam interessadas em deixar um testemunho da passagem da embaixada portuguesa e seu êxito pela corte de Pequim. O ineditismo do tratamento literário do documento “Diário do Embaixador” consiste em narrar a trajetória da embaixada após a concluída missão na Ásia.

O conteúdo abordado no material descreveu o cotidiano da viagem da embaixada de Francisco Xavier de Assis Pacheco e Sampaio. O Embaixador Extraordinário de sua majestade D. José I (1750 - 1777), mais conhecido como o Reformador, que, em seu segundo ano de reinado, determinou enviar uma embaixada ao Imperador da China, numa expedição até a corte de Pequim.

O texto registrou a missão diplomática à Ásia, passando por Macau, China, Moçambique e Rio de Janeiro. Nesse contexto, referiu-se ao fortalecimento econômico proposto pelo governo do Marquês de Pombal, no reinado de Dom José I. A diplomacia foi o modo mais eficiente para assegurar as relações com Macau. Nos séculos XVI e XVIII Macau foi a principal porta de entrada para os interesses portugueses, em particular, os marítimos comerciais.

Dito isso, o gênero “relato de viagem” permanece associado para Mary Louise Pratt e Todorov ao colonialismo. Trata-se de “[...] asegurar la tensión necesaria al relato de viaje hace falta la posición específica del colonizador: curioso de conocer al otro, y seguro de su propia superioridad”⁷ (TODOROV 1982, p. 101), compreende-se que a produção da escrita deixa marcas do ponto de vista superior para o produtor do relato diante do outro, da pátria (requisito para a sua concisão de secretário de uma embaixada). Mesmo no século XVIII, era privilegiado o uso de argumentos lógicos e bem estruturados, baseados em comprovações (ciência), em oposição às conjecturas (arte), segundo os princípios aristotélicos de distinção entre a arte e ciência.

⁷ “[...] garantir a tensão necessária ao relato de viagem faz falta a posição específica de colonizador: curioso em conhecer o outro e seguro de sua própria superioridade” (tradução nossa).

No estudo do “Diário do Embaixador” há episódios marcados pelas camadas sociais e um esforço de objetividade sobre a discussão e interpretação das relações sociais que ocorrerem no gênero relato de viagem, o qual tem via dupla na construção de identidades tanto para a obra quanto para as sociedades observadas. Se efetuamos uma leitura mais atenta, no olhar que a corte portuguesa lança aos fatos relatados, os embates alcançam opiniões e discordâncias. Assim, também, localizamos na retórica de posse (a voz do superior), a qual utiliza-se de uma manobra que influencia o leitor a se posicionar a favor do que ele quer mostrar, ao sugerir o relato.

O olhar registrado dos portugueses vislumbrou outros aspectos escondidos por detrás das duas missões (diplomática e religiosa). A perspectiva portuguesa revelou-nos em determinados trechos da narrativa a manifestação de aspectos subjetivos e do uso da linguagem poética. A partir desse aspecto o texto mostrou-se como um texto literário, apesar, de este documento ser considerado um texto não-literário. As descrições elaboradas nas interferências dos punhos resultaram em cenas inéditas e em transmissão do conhecimento de outras sociedades por meio do testemunho pelo convívio social com o outro.

CAPÍTULO 1: “FONTE”

O Manuscrito 42⁸, único exemplar, pertencente à Coleção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), em São Paulo, Brasil. No fim da década de 1920, a obra foi adquirida por Félix Pacheco na livraria Maggs Bros., de Londres, do catálogo *Bibliotheca Americana*⁹ e doada ao acervo da Biblioteca Mário de Andrade (1936).

O mesmo manuscrito está sendo editado e estudado por uma equipe de pesquisadores da FCL-UNESP no Câmpus de Assis, visando a produção de uma versão atualizada, transcrita da versão semidiplomática, a qual foi disponibilizada em 2006 no formato digital pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes¹⁰, coordenador da equipe de transcrição. Portanto, ao longo das leituras e das discussões desta dissertação, recorreremos tanto ao manuscrito digitalizado quanto às duas modalidades de transcrição, a diplomática e a atualizada, com a finalidade de compreender e sanar todas as possíveis dúvidas em relação ao conteúdo do documento.

Para compreender o “Diário do Embaixador” português, cuidamos de decifrar e interpretar adequadamente cada parte do manuscrito. A análise ocorreu com o auxílio de três ciências no processo editorial, a saber, a Paleografia, a Filologia e a História, que representam a etapa da leitura desse texto. Iniciamos por descrever o corpus.

1.1 Descrição do Manuscrito

O Manuscrito 42 encontra-se em bom estado de conservação, apesar da idade e da degradação natural do suporte, este permanece acondicionado em uma caixa protetora. Outros aspectos do suporte são a encadernação em couro de vaca, sem referência de capa ou lombada; seus fólhos possuem aproximadamente o

⁸ Este manuscrito ainda não se encontra disponível no sistema on-line Alexandria (sistema da BMA).

⁹ Encontra-se no catálogo da livraria a fonte bibliográfica do documento, como: LONDRES. Maggs Bros. *Bibliotheca americana*; part VII. London: Maggs Bros., 1928. Catalogue n.502, item 5.461, p.385.

¹⁰ A transcrição deste documento foi realizada em conjunto entre o Dr. João Roberto Inácio Ribeiro, a Dra. Cláudia Valéria Penavel Binato e o Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes.

tamanho ofício, desgastados nas beiradas pelo manuseio; apresentam-se diversos erros de enumeração dos fólhos, pois no total são 252 e não 612 como consta no documento; faltam as páginas 63-64, propositalmente cortadas à lâmina, com interrupção na sequência do relato no momento em que a embaixada chega à província de Kianci, na China; e, segundo o catálogo da livraria Maggs, no original constariam onze lâminas de ilustrações, mas faltam também três ilustrações.

Na folha de rosto, apresenta-se o título do documento, sem a indicação de autoria, data ou local de produção. Na folha seguinte à folha de rosto, encontra-se o carimbo da Biblioteca Mário de Andrade (BMA). A atribuição do carimbo proporciona o atestado de autenticidade do Manuscrito 42 e autoridade proprietária do documento. Com isso, tornou-se

possível compreender que marcas de proveniência são vestígios dos lugares por onde uma obra passou e/ou das pessoas a quem pertenceu, e são marcas extrínsecas – que não fazem parte da produção do item [...] elas registram não apenas a origem do item, mas também a sua trajetória, servindo para assegurar o pertencimento do item à pessoa ou instituição que a marcou, ou o marcou por último (ARAÚJO, 2022, p.571).

A Biblioteca Mário de Andrade é considerada uma das mais tradicionais instituições culturais e, atualmente, é detentora de um dos acervos mais significativos do país. Destacam-se dentre suas coleções mais importantes Artes, Mapas, Obras Raras e Periódicos. Costumam-se garantir no acervo a integridade, a preservação das memórias históricas e a bibliografia do patrimônio cultural, além da segurança com a utilização do carimbo nos manuscritos ou impressos em seus acervos.

1.2 Autoria/ Punho

Os estudos filológicos nos remetem não somente à materialidade do texto documento de viagem, mas às informações relativas à origem e ao estilo de autor, obra e época. Isto é, o contato com esta perspectiva de estudo conduziu-nos a um “olhar” para o texto e para o caráter interdisciplinar com outros campos de estudo,

como, por exemplo, a filologia textual e suas ciências auxiliares (paleografia, diplomática, história e crítica textual).

A tentativa de reconhecimento dos punhos e de uma possível autoria do “Diário do Embaixador” impôs mudanças na nossa relação de compreensão, estabelecida entre leitura do texto, identificação de um autor e ponto de vista pelo qual se entendeu qual seria o público leitor. A vinculação entre estes três elementos estabeleceu alguns critérios sociais e pragmáticos (aceitabilidade, intencionalidade informatividade) após a invenção da figura do autor. Poder-se-á observar que o autor se distinguiria pela construção do sentido de modo a identificar o uso da linguagem adequada ao gênero e o perfil do leitor.

Além disso, entre a antiguidade e a idade média, a determinação da autoria em documentos manuscritos não era tratada com a mesma acurácia dos livros impressos. Além disso, nas obras dos séculos XV, XVI ou XVII eram distintos os modos de identificação, atribuição, apropriação e circulação para produções posteriores, ou seja, os critérios para a definição do autor como proprietário não eram pertinentes àquele período (cf. CHARTIER, 2001, p 54).

Nestas circunstâncias, a atribuição da autoria fez uma relação entre a história e a leitura mediante aos privilégios dos livreiros no século XVIII, tal qual formulada por Roger Chartier (2001, p.52), que contribuiu para a invenção do proprietário primordial: o autor. Na maioria dos casos, afirmou Lefèbvre e Martin, “enquanto os homens da Idade Média quase não se preocupavam em pôr um nome em uma obra, os impressores serão naturalmente levados a procurar” (2017, p. 361) os autores.

Sobre isso devemos considerar dois pontos: por um lado, a circulação das cópias das narrativas de viagens e, de outro, a desvantagem da identificação do autor nessas cópias manuscritas. Na prática, havia o impasse entre publicar o texto para um público leitor amplo e o impacto desses leitores referente as interpretações e traduções tratadas nas narrativas. Desse modo, os relatos de viagens circulavam em cópias manuscritas sem a identificação da autoria mesmo durante o século XVIII.

A não designação da autoria em manuscritos do século XVIII, especialmente na obra “Diário do Embaixador”, refletiu uma característica do gênero literário. Por isso, precisamos compreender as motivações pelas viagens e os interesses dos viajantes europeus. Mais explicitamente ainda, para realizar tais registros precisava-

se de uma percepção extraordinária das mudanças vinculadas às maneiras de transmitir a obra.

No texto do “Diário do Embaixador” a ação nas narrativas oferecia a percepção da embaixada e, assim, o leitor conseguia se deslocar “fisicamente” por meio dessas narrativas. Ademais, no diário constatamos um marco histórico nas relações entre esses dois impérios. Nelas compreendemos o contato com o exótico e o real propósito do autor-viajante. Segundo Antonio Candido (1965) os autores-viajantes eram incentivados a escreverem conforme os interesses da Coroa ou das Ordens Religiosas às quais pertenciam, assim como Paredes lembrou também:

A pretensão de um saber “objetivo”, desinteressado e universal escondia a intensificação das disputas territoriais e econômicas no ultramar e polemicas de cientistas e intelectuais sobre as pretensas hegemônias de saber e poder dentro das academias e círculos intelectuais. (PAREDES, 2013, p.96).

No caso, a representação do conteúdo relatado no “Diário do Embaixador” nos informou sobre as tensões e as ocorrências no território chinês. Em virtude disso, o autor citou personagens que lhes eram contemporâneos e refletiu sobre as tensões diplomáticas e comerciais ou descreveu as diferenças culturais e religiosas sobre situações em outro continente (SOARES, 2017 p. 205). Por isso, o autor não se identificou na narrativa, como podemos observar no trecho a seguir do manuscrito:

Por várias revoluções que na cidade de Macau de nome de Deus na China ocorrem não só pertencentes ao culto de Deus no seu - mas também aos interesses dos Reis na terra; entre diversos pareceres que houve as distintas resoluções que se encaminham a salvar ilesas as razões de estado sem que se lamentassem ofendidas as obrigações católicas de zeloso padroeiro daquelas missões: determinou sua majestade fidelíssima o senhor Dom José Primeiro de Portugal no segundo ano de seu reinado mandar uma embaixada ao imperador da China Kien Lum nos 17 anos do seu império (fólio 1).

Para tanto as motivações são apenas uma parte do destaque da expedição; que, de sua parte, se prolonga na exaltação dos funcionários dessa embaixada:

e dezejando achar sugeyto a quem pudese descancado entregaro pezo desta deligencia foi seruido nomiar por seu embachador e menistro plenipotençário a Francisco Xauier de a sispacheco e Sam paço do seu conçelho de cuja illustri asendencia ja os Reys seus perdesçoeres tinhaõ tirado para os exercitos Valerozas espadas e para os tribunais

sentençiozas penas ilustrando:sse tantonestes as togas. Como naque lles os bastois e como de tam generozos troncos não podia denegerar dejenerar o fruto da as acsois paçadas dauaão no rejno justa openiaão as grandes cualidadescom que a tão poucos annos de idade se avancaua o seu talento epremetiam no ri al conçepto de Nosso Monarca serueriaão tanto de exemplo para as futuras que - poderiaõ os que obrace naquella expedição em a Corte de Pekim seruir de Regimento aos que lhe susudeçem em semelhante occupaão. E para Secretario Rial desta Embachada declarou por seu - decreto a Iozeph Ignacio de Brito Bocarro e Castanheda a quem tambem deu aluara e carta Credençial para suçeder no mesmo Carater de Embachador eplenipotençiarario cazo que o primeiro nomiado se empucibilitaçe poralguma cauza a comcluir a sua Embachada e para este transporte mandou Sua Magestade per parar grandiozamente a custa da sua rial fazenda a Nau Nossa Senhora da Con çeição Luzitania grande que hera das milhores e mais bem escopada que se a chauga em o porto de Lisboa. (fólio1).

Nessa visão, o papel da embaixada tinha como objetivo estabelecer um propósito diplomático, por certo, a mais eficaz função para desenvolver os contatos estrangeiros. O autor-viajante fez o “Diário do Embaixador” e, por ser a Coroa Portuguesa sua principal interlocutora e financiadora da expedição, e com subvenção da Igreja Católica, realçou nessas atestações a persuasão por meio da exortação cívica na mediação da escrita entre o julgamento moral e o propósito político e o religioso que permitiu adentrar “com boas intenções” em território chinês.

O autor acentuou o sentimento do receptor ao ressaltar o elo entre a Coroa Portuguesa e o aspecto religioso preconizado pela embaixada. Reconstruiu o conhecimento do outro a partir do olhar europeu, por alegorias do exótico e do impreciso. E com essa ideia o autor-viajante descrevia o “familiar”¹¹, ou seja, o mundo à sua volta e, para isso, nomeia, organiza e classifica o que consegue ver e compreender nos registros. Assim, a viagem da embaixada desempenhou seu principal objetivo diplomático.

Em suma, faziam a Coroa Portuguesa prosperar com novas informações e atenuavam as hierarquias de poder na construção de seu império para reproduzirem esse poder nas colônias. Ademais, no “Diário do Embaixador” observamos o cenário em que os autores-viajantes e/ou escribas não eram permitidos compartilhar as discussões e as informações a qualquer público, devido

¹¹ Os manuais de literatura produzidos pelos europeus revelavam sua visão europeia diante do desconhecido, aquele que procurava entender o novo a partir daquilo que conhecia, o “familiar”, muitas vezes fruto da imaginação desse autor-viajante.

ao grau de consciência das diversas interpretações que seus textos poderiam receber.

De fato, os níveis de conhecimento e de leitura não chegavam às classes populares, pois as narrativas do “Diário do Embaixador” abordavam assuntos administrativos, diplomáticos e políticos da Coroa Portuguesa. Contudo, os interesses e os cenários descritos pelos viajantes importavam, principalmente pela maneira como buscavam reunir e transmitir o maior número de informações que atendesse aos interesses do reino ou, mais especificamente, aos da Coroa.

Por tais razões, era compreensível que muitos autores permanecessem no anonimato, com atenção especial aos viajantes, estes estavam submetidos a descrever os difíceis e os tensos cenários das expedições. Por fim, reconhecemos a relação existente entre texto e autor, que sempre esteve mediada pelo leitor, que não era um leitor comum, tampouco de uma camada menos privilegiada da constituição social portuguesa de então.

A ideia das articulações de leitura implicou uma nova percepção entre a experiência estética e a experiência histórica, para nosso discurso sobre o anonimato. Referimo-nos às capacidades de escrita, segundo Cambraia (2005, p.63), que, no campo da crítica textual, afirmou a existência de três tipos de testemunhos nos textos, o “que pode ter sido fixado pelo próprio autor (testemunho autógrafo), por outra pessoa, mas com supervisão do autor (testemunho ideógrafo) ou ainda por outra pessoa sem supervisão do autor (testemunho apógrafo)”.

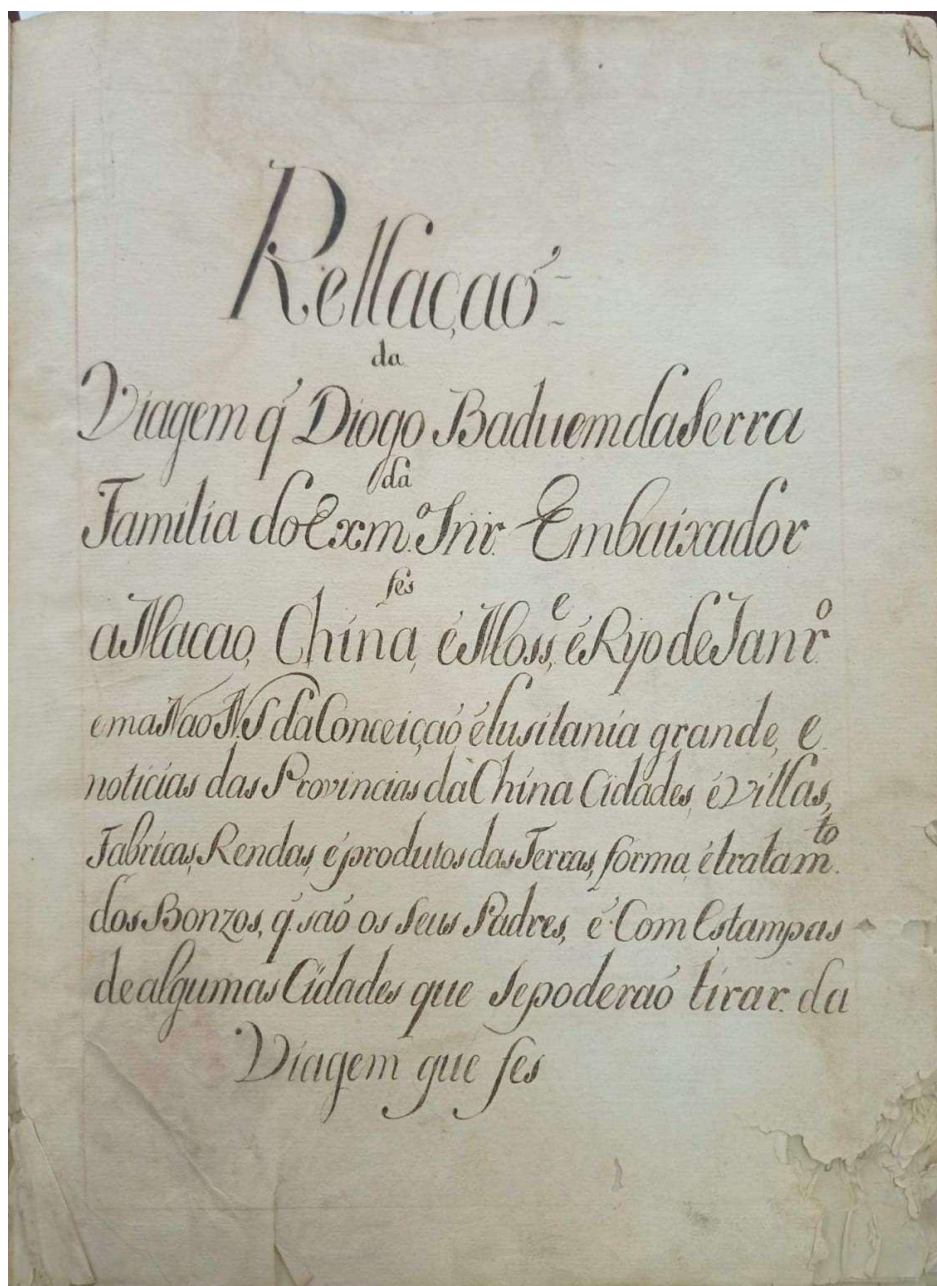
Em vista desses três testemunhos consideramos algumas provas para justificar o fato do manuscrito “Diário do Embaixador” ser um testemunho apógrafo. No “Diário do Embaixador” (1752-1755) analisamos duas concepções: i) a autoria não ser determinada no “Diário do Embaixador”, em razão deste documento não ser oficial e não haver assinaturas no manuscrito dos personagens referidos, do escriba e/ou secretário da embaixada e ii) a prática de escrita do diário ser realizada por mais de um escriba e/ou secretário; além disso, identificamos as intervenções no texto dos escribas e/ou dos secretários no diário sem a “supervisão do autor”.

No início do manuscrito abordava um fator importante, o rei D. José I (1750-1777) na “sua terra de Magus adonde se achauam Suas Magestadesreynantes como deuertimento da caça” (fólio 1). Neste local, os monarcas, deram suas

permissões e por ordens expressas passaram as incumbências a esta embaixada de restabelecerem a paz e a parceria comercial no território chinês, sendo, além disso, nomeados funcionários da Coroa Portuguesa, os quais detinham a autoridade de atuar em seu nome. Todos os secretários da embaixada e o embaixador ficavam encarregados de registrar e formular os documentos oficiais ao monarca. Contudo, ao mesmo tempo em que a embaixada portuguesa era composta por funcionários da Coroa, os embaixadores levavam seus próprios funcionários e membros de sua família nessas expedições.

O secretário do embaixador era o mediador entre a prática escrita e os acontecimentos presenciados, a fim de registrarem em documentos oficiais, como cartas, ordem régia, requerimento, rol e representação, no entanto, os mesmos secretários poderiam registrar um diário para um membro da família do embaixador. Portanto, acreditamos que os autores desse diário sejam os funcionários a serviço da família do embaixador português. “Afim, muitas vezes os livros encomendados pelos nobres não serviam tanto para leitura [embora, servissem] para conferir uma imagem de status e riqueza” (KATZEINSTEIN, 1981, p.99), em razão do nome “Diogo Baduem da Serra”, membro da família do embaixador, ser referido no próprio título do manuscrito.

Figura 1 - Título do Manuscrito 42.



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: O título do “Diário do Embaixador” (1752-1755).

Os privilégios constavam no texto sobre o excelentíssimo embaixador, no entanto, o anonimato prevalecia por parte dos escribas, seguindo, como mencionado, a tradição medieval da produção de textos manuscritos. Dessa perspectiva da autoria coletiva prefigurou a existência de diferentes punhos (escribas e/ou secretários) na leitura deste manuscrito. Ademais, Moraes (2019,

p.82-83) identificou as variações na escrita durante sua transcrição semidiplomática¹², em consequência desses punhos:

Este foi um dos grandes problemas encontrados no processo de transcrição do Diário do Embaixador, pois a um tempo, o reconhecimento dos punhos era menos importante do que a decifração do texto e, no entanto, esse processo de descoberta não avançou enquanto não se reconheceu a existência dos diferentes punhos e a importância do processo de descrição para a leitura. [...] Assim, a compreensão e resolução dos trechos complexos exigiram leitura mais minuciosa do manuscrito e começou a demonstrar maior número de variação de pena (o que é perfeitamente compreensível, dado o desgaste), de inclinação (considere-se que principalmente nos punhos 1 e 4 o documento foi escrito com as embarcações em curso) e de traços que não significavam mudança de punho, se não destas circunstâncias de escrita.

Poder-se-ia dizer, com efeito, que nos estudos do professor Moraes (2019) foram observados os traços de autoria ao delimitar-se os quatro punhos dos secretários no “Diário do Embaixador”. Segue na imagem abaixo a delimitação desses punhos:

Figura 2- Variações na prática de escrita do “Diário do Embaixador”.

PUNHO	SEQUÊNCIA	IMAGEM	REPETIÇÃO	SALTO
1	1-56	Texto		
		Província de Chaucheu	sem número	
2	57-58	Texto		
		Província de Nanjong	58	
	59-62	Texto		63-64
	65-83	Província de Koangsifou	83	
	84	Província de Youchanhien	84	
	85-95	Texto	91	90
	96-103	Província de Lanssi	96	
	104-109	Província de Tehingkiang	104	110-199
	200-209	Texto		210-299
	300-309	Texto		310-399
	400-404	Planta da corte do palácio de Pequim	Sem número	
	405-409	Texto		410-499
3	500-554	Texto		
		Imagem da indumentária do chinês	sem número	
	555-584	Texto		
4	584-612	Texto		

Fonte: MORAES, 2019, p. 87.

Legenda: A delimitação sobre os quatro punhos no Manuscrito 42.

¹² Elegemos sua transcrição por apresentar a leitura do manuscrito completo e demonstrar um baixo grau de interferência na transcrição, em consequência da preservação das características ortográficas (separação silábica, parágrafos, fronteiras de palavras, apenas desdobrando-se as abreviaturas) do século XVIII. Por isso, independente da “realidade” descrita no texto, sua escrita oferece-nos a base e repertório de leituras e de variações na ortografia.

Esse estudo possibilitou-nos avaliar as condições de escritura que relatam as continuidades ou os cortes nas descrições dos repertórios de cada lugar visitado. Assim, incorporamos à divisão de Moraes (2019) a nossa análise ao longo da narrativa do diário. Nesse sentido, as narrativas contêm variadas percepções vinculadas às maneiras de transmitir as vivências da viagem e à natureza do público, pois as informações necessitam dialogar de maneira adequada para os próprios participantes dessa missão.

Esses elementos nos permitem apontar a importância das diversas representações de cenários, de situações adversas e de imagens presentes na narrativa do diário, pois estavam sujeitas à interferência de tais criações sobre a realidade, no campo da literatura de viagem – aberto por e para esses escribas e/ou secretários. Afinal, compreender este manuscrito exigiu de nós lidarmos com sua elaboração e com inúmeras formas de leitura e interpretação sobre o relato dessa embaixada portuguesa.

As experiências e as observações registradas no “Diário do Embaixador” enquanto registro de receptividade na China, o que, veremos adiante, eram uma forma de recolher informações das diferentes culturas no outro Império. Com isso, podemos observar nos relatos que, às raízes iluministas, os escribas recorriam à suas experiências no Novo Mundo para comprovar outra maneira de estar no mundo. Assim, em vez do(s) sujeito(s) individual(ais) ou coletivo(os) se identificar(em), os escribas se submeteram ao anonimato.

Nada disso, porém, invalidava a noção da caracterização da leitura como o local e a habilidade representativa de uma forma de poder, “[...] o livro indicava autoridade, uma autoridade que decorria, até na esfera política, do saber que ele carregava” (CHARTIER, 1999, p.84). Para isso, as narrativas de viagens construídas no “Diário do Embaixador” foram organizadas a partir de uma sucessão dos acontecimentos e a serviço dos valores dominantes da época.

1.3 Viagem

A palavra “viagem” no decorrer da história era representada pelos deslocamentos territoriais que se realizavam por variadas motivações. Os interesses mobilizados por ela desenvolveram os diversificados discursos, encontrados em narrativas de viagem, em diários e em livros. Dessa forma, recorremos ao estudo de Henrique Soares Carneiro, que afirmou existir “dois tipos de viagem: as voluntárias e as forçadas” (2001, p.238), a fim de compreendermos a atuação dessa e seu uso no/pelo indivíduo.

Para o autor, os deslocamentos involuntários referiram-se a indivíduos que viajam por obrigação ou por necessidade como as guerras, os motivos de saúde ou de caráter social. Na época das grandes navegações, entre os séculos XIII a XV, as atividades de viagem eram desempenhadas para a ampliação das fronteiras geográficas, por meio das posses realizadas pelas potências colonizadoras (Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda). Por isso, as narrativas de viagem eram escritas conforme os resultados desses contatos entre europeus e o outro (estrangeiro).

Assim, os portugueses sentiram-se estimulados nessa época a explorar novos horizontes, a observar e a reportar pelo empirismo nas narrativas, graças a suas conquistas e descobertas na África e América. Dessa forma, as narrativas de viagens receberam considerável importância de novas vivências dos autores-viajantes.

Segundo Fussell (1982, p. 39) “travel is work. Etymologically a traveler is one who suffers travail, a word deriving in its turn from Latin *tripalium*, a torture instrument consisting on three stakes designed to rack the body”¹³. Contudo, surgem no século XIX as viagens voluntárias, no momento em que o deslocamento deixa de ser uma imposição ou consequência de uma vida social, e passam a ser também marcadas pelo desejo pessoal por explorar, por conhecer novas culturas, lugares e pessoas.

Acerca do “Diário do Embaixador”, afirmamos não ser uma viagem involuntária, pois as viagens realizadas pela embaixada portuguesa justificam as grandes ambições do império português, sendo, portanto, realizadas com a

¹³ “[...] viajar é trabalho. Etimologicamente um viajante é aquele que sofre o laborioso trabalho, palavra que deriva por sua vez do latim *tripalium*, instrumento de tortura constituído por três estacas destinadas a sustentar o corpo” (tradução nossa).

finalidade de administrar as colônias e ampliar o seu comércio ultramarino. Desta vez, a Coroa ansiava por informações de riquezas encontradas nas colônias e novos acordos com os chineses. Soma-se a isso o fato de os escribas desenharem os cenários, por registrem o que apreciavam e neles introduziram elementos surpreendentes que prendiam a atenção do leitor.

Figura 3: Vila Yuchanhien - China.



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Ilustração das vilas na China em 1753.

No século XVIII, devemos considerar outra forma objetiva de escrita, os relatos científicos, como, por exemplo, o sistema de classificações do naturalista Carl von Linné, que divide o mundo em reinos (vegetal, mineral e animal). Os levantamentos naturalísticos realizados nas viagens científicas detinham a finalidade de identificar novas espécies vegetais e animais para o desenvolvimento agrícola; novos recursos minerais para impulsionar a mineração e para fornecer

componentes explicativos à dinâmica terrestre por meio de observações geográficas da terra, do ar e da água.

A viagem desta embaixada à China foi acentuada com muitos detalhes de observações geográficas, políticas, econômicas e sociais, o que determinou um texto descritivo por registrar o entendimento dos secretários nas práticas de observar e coletar informações diretas da natureza (ambiente) para sua descrição. As práticas de registros eram também representadas por desenhos, isso porque havia duas possíveis justificativas: i. a representação factual era impregnada de concepções que seriam impossíveis de se narrar recorrendo à linguagem verbal e ii. as descrições e reflexões das observações *in loco* necessitavam de representações para legitimar as discussões.

Figura 4: Província Tchekiang.



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Ilustração de uma província desenvolvida na China em 1753.

Ademais, os viajantes representavam em seus escritos os modos de viver e as informações observadas (contextos histórico, econômico e cultural). Assim, as

explorações coloniais não apenas subsidiaram as políticas internas de exploração racional dos recursos naturais das colônias, mas a criação da rede colaborativa para estudos naturalistas por meio dos detalhados diários de viagem e outras documentações.

No entanto devemos destacar a atuação do viajante, o qual desempenhou diversas atividades simultaneamente, em função das vicissitudes da viagem e das estratégias da embaixada portuguesa que eram moldadas na estética expressa na representação de viagem. Assim, os secretários da embaixada tecem várias considerações entre as ações da embaixada e as práticas da viagem como, por exemplo, a viagem por lorchas¹⁴. Consideramos os membros da comitiva que saiu de Macau no dia 20 de dezembro de 1752, em direção a Corte de Pequim passou a ser percebida pelo secretário

Hia repartida toda a comitiva que heram 64 peças pelas lorchas cabendo em cada uma três, exceto a de Sua Excelência que levava em sua companhia o mordomo, um ajudante de câmara, um preto, o do Secretário um gentilhomo um ajudante de câmara e um poeta, seguiam-se as duas cozinhas e uma copa, seguiam-se três que em cada uma havia dois gentishomeis e um preto, seguiam-se uma em que haviam dois Padres da Companhia, para as miçóis daquele em perio; um com o título de matamático, outro com a prenda de cirurgia, seguiam-se cinco em as quais haviam repartido o presidente e soldados, de guarda, seguiam-se quatro em que vinham os moços de pé e fato de Sua Excelência, todas estas lorchas embandejradas com bandejas de seda branca com as armas de Portugal (fólio 41).

Os locais e as impressões dos secretários da embaixada sobre esta viagem referem-se especialmente a produtos da terra, as fábricas destacam aspectos das cidades. Deste modo, a Coroa Portuguesa por meio dessas viagens averiguava outros territórios como instrumentos de controle territorial, humano e delimitava as posses lusitanas sob os territórios. As viagens narradas no “Diário do Embaixador” tinham o objetivo primordial de informar a Coroa Portuguesa.

Para tanto, os registros no papel marcaram as imagens de mundo e as experiências daquelas viagens, as vidas culturais e as intelectuais daquelas nações pelos registros de viagem. Nesse aspecto, as narrativas de viagem registraram, em

¹⁴ Embarcações pequenas, usadas em particular pelos portugueses em Macau.

sua grande maioria, reflexos da capacidade de ver o mundo e o outro, externados pelo viajante por meio do particular modo de usar a linguagem.

Dessa forma, as narrativas de viagem descrevem as experiências em formato de textos, de mapas, de itinerários e de guias para orientar e munir os futuros viajantes, no caso, da necessidade de escreverem seus próprios livros (cf. SOARES, 2017, 197-198). Assim, a realização das viagens científicas eram fundamentais na criação do conhecimento prático para a orientação da demarcação de limites nos territórios visitados pela Coroa Portuguesa.

Acerca de tantos sentidos sobre a palavra “viagem”, faz-se necessário tornar mais preciso o conceito de viagem para os fins exclusivos deste trabalho. Para tanto interessa-nos o conceito do pensador franco-búlgaro Tzvetan Todorov (2006), que o fez questionar: “O que não é uma Viagem?” (p. 231), tal ideia evocou outra percepção ao termo. A mudança, a saber,

[p]or menos que se dê um sentido figurado a este termo – e jamais pudemos deixar de fazê-lo – a viagem coincide com a vida, nem mais nem menos: o que é esta, além de uma passagem do nascimento à morte? [...] diz mudança. O relato também se alimenta da mudança; nesse sentido, viagem e relato aplicam-se mutuamente. A viagem no espaço simboliza a passagem de tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior; tudo é viagem, mas tratar-se de um tudo sem identidade. A viagem transcende todas as categorias, incluindo a da mudança, do mesmo e do outro (TODOROV, 2006, p.231).

Para Todorov (2006) há uma dupla reflexão de viajar e tais processos na prática não se manifestam separadamente. Em geral, são dois tipos: pode ser viagem exterior ou viagem interior. A primeira analisa a viagem como física ou exterior, enquanto os deslocamentos proporcionam as experiências de ver e de encontrar o Outro. Cabe observar, no “Diário do Embaixador”, que a viagem possibilitou aos viajantes encontros com outras cerimônias e culturas, mas notamos uma intenção no texto, pois a narrativa era tecida com uma riqueza de dados enquanto deslocavam-se na China.

Dessa maneira, os escribas descreveram os dias de sua trajetória, visto que a intenção era de explorar o conhecimento acessado por meio da viagem. Para o leitor na corte portuguesa pudessem analisar as novas informações desses lugares desconhecidos, os quais a embaixada havia presenciado, como, por exemplo, em

21 Amanheceu este dia caindo muita neve sem que se viçem as uerduras dos canpos e somente os cristais com que se achauam curti uadas aquellas canpinas, sendo esta a cauza de se fazer muy pouco caminho em este dia por nã poderem os culles traualharem com a çirga, nem os barquejros com as uaras; e por quererem violentalos fugiram al guñs das barcas deichando tanto a çua camacomo algum facto que em alguñs he como de coelho e nã tornaram mais, de tarde fomos vendo algumas pouoaços metidas entre grandes bosques de arruoredos cubertos todos de neve que se nam deuizava a propria cor dos troncos sendo este o primeiro dia em que exprementamos o maÿhor rigor da neve e a maior (Fólio 78).

Há uma preocupação em descrever aspectos astronômicos, matemáticos, climáticos e geográficos. Demonstrou-se que os portugueses começaram em seus relatos a mudar o conceito de viagem, que passou a ser entendida como uma forma de adquirir conhecimento, passando isso para os próximos viajantes, pelas observações científicas e tecnológicas daquela época (OLIVEIRA, 2009, p.258). E por assim ser, a viagem no “Diário do Embaixador” apresentou as mudanças de lugar, a deslocação; a estadia no destino; as motivações da embaixada e por último os impactos causados no contato com o outro. Essas interações e registros são aspectos da segunda definição de viagem.

O segundo sentido de viagem de Todorov (2006) referiu-se à viagem interior. Isso remete ao consenso entre viagem e o estado de mudança. Todorov (2006) analisou os atos de viajar e a metáfora de viagem, isto é, aplicou o conceito de “rito de passagem” para compreender essa mudança. Dado que o indivíduo está em constante transformação, em todos as fases da viagem (preparação da viagem, contato com o novo e retorno a sua pátria). O viajante ao regressar ao ponto inicial, de partida, não voltou o mesmo, pois defrontou-se com culturas e comportamentos diferentes, o que significou explorar-se a si próprio, em vista da metamorfose do eu.

Os secretários, no “Diário do Embaixador”, descreviam em suas narrativas sobre o Outro e informavam as mudanças internas. Referimos as transformações do viajante durante o processo de viajar, decorrente dos múltiplos encontros com a população local à medida que se formou uma nova percepção da realidade. Este movimento permitiu aproximar a percepção factual do que possa ser familiar ou semelhante pelo sentimento de buscar o novo não somente para adquirir mais experiências, mas outras formas de narrar os acontecimentos singulares das viagens.

A partir desse ponto de vista, entendemos, portanto, que a viagem modificou a impressão sensorial, descritiva em que o autor-viajante interpretou o objeto ou o lugar observado e registrou os diferentes acontecimentos presenciados na viagem. A concepção do encontro desvelou o confronto com o que é diferente e exótico. Surgem as condições de confronto em que “o indivíduo [era] levado a perceber espontaneamente sua personalidade enquanto ligada a atitudes, gestos e linguagem dos *outros*. Por colocar em relevo traços de personalidade perante o próprio viajante, as viagens propiciavam a vivência” (NERY, 1998, p.194).

De todo modo, conseguimos captar no interior do “Diário do Embaixador” a cumplicidade entre as viagens (viagem interior e viagem exterior) pois, nesse subgênero literário denominado narrativas de viagem, o escriba adaptava suas narrativas conforme o tipo de viagem para penetrar por outras realidades e figuras conduzidas pelo olhar europeu. Ademais, essas narrativas têm como fio condutor as implicações desses deslocamentos e de como essa prática de viajar afetava os indivíduos dessa embaixada, no caso, a Coroa Portuguesa e a Igreja Católica.

Isso posto, cabe a constatação de que as viagens refletiram outro movimento da embaixada portuguesa, quando há aproximação do escriba com a viagem. De certa forma podemos considerar a embaixada um elemento de transição, um corpo de passagem entre duas nacionalidades e duas realidades há o encontro de ambas as culturas, tradições e legados. Logo, acabam por aproximá-los, o estrangeiro e o povo português. Ademais, no texto descreviam estranhamentos quando se encontravam, os estrangeiros eram incapazes de compreender a cultura portuguesa, mas quem denotava o estranhamento por parte da narrativa era o olhar da embaixada.

Distante de sua terra por trabalho, situaram várias cenas dessa espécie de conflito no compartilhamento de sentimentos expressos no relato. Na condição de visitante e não cidadão, o que de fato ocorreu, a embaixada portuguesa interpretou a partir do seu ponto de vista os conflitos em território chinês. Assim, discutimos, em nossa investigação, o papel e os sentidos do relato de viagem e de sua relação estreita e tensionada com os estudos da literatura de viagem. Para tanto interpretamos o objeto, o lugar observado e registrado de diferentes acontecimentos presenciados no relato de viagem.

1.4 Relato

Desde as grandes navegações, o relato de viagem foi considerado, somente, como um material informativo voltado para um receptor específico e, aos poucos, acabou por oferecer importantes contribuições para diversas áreas do conhecimento (história, sociologia e antropologia). As fontes de informação que ampliam a definição do termo podem ir além das questões políticas, históricas, econômicas e geográficas. Desse modo, as dificuldades começam para definir essa tipologia documental. Segundo Junqueira (2010, p.47),

As dificuldades com relação à definição da fonte começam quando se constata que basta alguém se deslocar de um lugar ao outro e escrever um texto sobre a experiência para que este seja considerado um relato de viagem, mesmo que o autor não tenha saído de casa.

Embora abram a necessidade de compreender os dois enfoques, as escritas da história e dos gêneros literários, Junqueira (2010) explicitou a eloquência da Literatura por um traço em comum com a História ao conciliar a razão com a narrativa. A seu modo, elas lidam com a realidade.

A Literatura era denominada como poesia em razão da tradição retórico-humanista. Desse modo, com base em Luiz Costa Lima (2006), a Literatura concilia a razão com a narrativa para desenvolver o pensamento emotivo, quando o autor se utiliza da imaginação para comover e, assim, conduzir o leitor a uma experiência sublime e reflexiva da realidade descrita como na poesia.

Em suma, uma nova forma da arte escrita, novos progressos subjetivos com as raízes naturalista e as viagens ao Novo Mundo. Dessa forma, os relatos de viagens provocaram outra maneira de estar no mundo. Naturalmente, as marcas textuais sobre deslocamentos (as viagens) são encontradas em relatos, diários, crônicas, entre outras fontes e isso define o estilo e perfil do tempo a que pertencem.

De todo modo, a crítica argentina Carrizo Rueda (2008, p.11) tenta estabelecer uma tipologia, descrevendo o relato de viagem como “um gênero de natureza dual e indivisível”, o que, especificamente, seria uma diferença. O fato era que nos “gêneros” abordados dentro do relato desenvolveram uma proliferação de

uma série de gêneros híbridos, ou fronteiriços na sua inseparável estrutura literário documental.

No entanto, se observarmos as múltiplas categorizações e manifestações dessas narrativas de viagem, segundo a própria crítica argentina, não solucionam essa delimitação do refinamento da narrativa entre a escrita da história, da ficção e da literatura pelos recursos formais do texto, como uma homogeneidade textual. Por isso, em sua explanação, como síntese, Carrizo Rueda (2008, p.28) elencou suas principais características ao apontar que:

Trata-se de um discurso narrativo-descritivo no qual predomina a função descritiva como consequência do objetivo final que é a apresentação de um relato como um espetáculo imaginário mais importante que seu desenvolvimento ou desenlace. Tal espetáculo abrange desde informações de variados tipos até as próprias ações dos personagens. Devido à sua inseparável estrutura literário documental, a configuração do material organiza-se em torno de núcleos de clímax que, em última instância, respondem a um princípio de seleção e hierarquização situado no contexto histórico e que responde a expectativas e tensões profundas da sociedade à qual se dirigem.

Retoma-se o debate em Todorov (2006, p.240) ao conceituar sua segunda definição de relato de viagem:

Mas há uma segunda característica do gênero que a designação não comporta e que é também muito importante: a localização das experiências contadas pelos relatos no tempo e no espaço. No espaço, o “verdadeiro” relato de viagem, do ponto de vista do leitor atual, narra a descoberta dos outros, selvagens de regiões longínquas ou representantes de civilizações não europeias, árabe, hindu, chinesa etc.

As relações entre a descoberta e o componente científico presente nos relatos de viagem produzem a percepção entre o historiador e o poeta, pois concentram sua atenção na coleta de conhecimentos testemunhados e na construção da narrativa (descrever o desconhecido, já-conhecido). Dessa forma, a prática escrita desempenhou no ato de relatar a aporia da verdade. Nesses registros de conquistas e descobertas procurou-se legitimar a verdade, ou quase toda.

Conforme Todorov (2006), os viajantes eram intérpretes de fatores externos, cujo interesse era transcrever suas experiências a partir da sua escrita, do ponto de vista de sua perspectiva europeia e assim confirma-se a veracidade do relato.

Embora, os relatos de viagem evitassem o uso dos discursos ficcionais em prol de discursos históricos, encontramos relações parciais de ambos os discursos no diário.

A técnica assumida no “Diário do Embaixador” era legitimar e exaltar as ações do embaixador, pois estava associando aos grandes feitos do povo português. Além disso, havia outra justificativa explícita, a religiosa, necessitavam restabelecer sua prática cristã em território chinês; nesse sentido, tal finalidade se fundia com a ambição política da Coroa Portuguesa. Desse modo, configurou-se uma manifestação dos fragmentos da realidade na escrita do diário,

em todo aquelle imperio a boa acceitação que se fez desta embaixada como também as grandiozas honrras com que foyrecebido o Embaixador; não sendo de menor disvello o não lhe dar o Emperador dinheiros nem ao Secretario nem ao Mordomo para que fosse distinto dos mais Embaixadores, he sufficiente este conhecimento, attendendo que hum Embaixador sendo enviado por hum Monarcha independentemente como he El Rei de Portugal, que abrindo este os thezouros dagenerozidade, da, com que se facão, todos os gastos, a custada sua Real fazenda, que he o que cabe na possibilidade dos Monarchas da terra. (fólio 522).

Na verdade, o resultado do emprego desses adjetivos (boa e grandiozas) no relato configuravam a forma de escrita na base do ver e do assentar a sua superioridade. O trecho reproduziu para esse círculo de interesses português pela abordagem do autor em conduzir a finalidade da expedição ao próprio modelo objetivista do relato de viagem. “Para assegurar a tensão necessária ao relato de viagem, é preciso compreender, ou melhor, registrar a posição específica do colonizador: curioso com o outro e seguro de sua própria superioridade” (TODOROV, 2006, p.242).

Não deixa de ser interessante fazer, aqui, um parêntese a respeito desse “outro”, a partir dos escritos do livro *Orientalismo*, de Edward Said, que realizou uma reflexão crítica da vida ocidental, pois expressou-se como o “centro do mundo” dividindo-se da “outra” parte (oriental). Tal dicotomia refletiu-se nos discursos iluministas e científicos, e, assim empregavam nos discursos os seus interesses hierarquizantes e evolucionistas do pensamento ocidental: subjugar as culturas e subestimar os povos não-europeus. O escritor argumentou:

Sob o título geral de conhecimento do Oriente, e no âmbito da hegemonia ocidental sobre o Oriente a partir do fim do século XVIII, surgiu um Oriente

complexo, adequado para estudos na academia, para exibição no museu, para reconstrução na repartição colonial, para a ilustração teórica em teses antropológicas, biológicas, linguísticas, raciais e históricas sobre a humanidade e o universo, para exemplo de teorias econômicas e sociológicas de desenvolvimento, revolução, personalidade cultural, caráter nacional e religioso. Além disso, a indagação imaginativa das coisas orientais era baseada mais ou menos exclusivamente numa consciência ocidental soberana, de cuja centralidade não questionada surgia num mundo oriental, primeiro de acordo com ideias gerais sobre quem ou o que era um oriental, depois de acordo com uma lógica detalhada regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções (2007, p.35).

Nesse contexto, o pensamento científico e o iluminista contribuíram com os discursos eurocêntricos, os quais colaboram com certos pretextos na visão dos viajantes e estruturaram a base do ver e do assentar a sua superioridade, como apontado por Todorov.

Em consequência, registrou-se a oposição ao defrontar-se com o “outro”, cujo comportamento era tido como selvagem para o europeu civilizado. A entender “pela visão desse mundo anterior ao cogito, anterior às distinções objetualizadoras, [esse europeu civilizado] confere uma direção própria ao tratamento do outro” (BOSI, 1988, p. 82). A capacidade na manipulação das palavras, ao evocar referências a objetos, situações ou sensações, torna inequívoca esta presença ao longo das expansões ultramarinas.

Desse modo, conseguiram referenciar a imagem do outro no uso das palavras e no da persuasão, e não unicamente pela força física. Do ponto de vista do registro histórico, principalmente a partir do século XIX, a interpretação e a nomeação destes contatos com o Outro, não-europeu, passaram a ser tratadas como uma relação entre colonizador e colonizado. O viajante aprendeu a desenvolver sua percepção pessoal, diferente da percepção do outro, durante as viagens.

O principal propósito na produção desses relatos era registrar um ambiente real, mas, nesse processo de descrever, o imaginário coexistiu nas reflexões do observador e assim construiu-se uma realidade marcada pelo registro dessas diferenças, ou desses “incômodos” que marcaram a relação europeu/outro. Dessa maneira, as múltiplas possibilidades de codificarem os pensamentos europeus existiam nos relatos, a saber, o Outro.

Colaborando para essa discussão, o ato de viajar e o de narrar estão interligados na história. Encontramos a aproximação entre ficção e história no ato de narrar as realidades culturais provenientes de um determinado contexto social. As relações de literatura e da história não devem ser compreendidas paralelamente ou desassociadas entre si, pois estão dialeticamente ligadas no processo de narrar (processo de produção do texto). Um trecho do diário refletira o cenário em “aquisição a brutalidade destes gentios em que todas as suas ideias são de bichos fantásticos e monstruosos, e nisso ficaram certos por lhe certificar o criado do Padre.” (fólio 80).

O exemplo do “Diário do Embaixador” apresentou o narrador, autor-viajante, situado no enredo de peripécias, intrigas, tensões, informações ou experiências, de modo a fazer o leitor se interessar, mesclando seu texto entre sequências narrativas e representativas. A história descrita em cada relato sobre os personagens e os acontecimentos de um determinado período manifesta-se no discurso, ora objetivo (do relato), ora literário (imaginativo, intencional, “pessoal”).

Acerca das escritas da História e da Literatura compreendidas como o relato historiográfico e a ficção verbal, há uma inquietação que provoca a investigação no “Diário do Embaixador” a respeito do “sentido de realidade” liga às emoções do autor-viajante, de sua parte, provoca a dúvida e curiosidade no modo de pensar daquela embaixada. Com isso, observamos por meio da configuração estética desenvolvida nos textos a relação entre a história e a ficção, as quais correspondem à criação do mecanismo expressivo do escritor na sua compreensão de mundo.

1.5 Diário de Viagem

O “Diário do Embaixador” permite aos leitores reconhecerem a importância da observação da realidade da embaixada portuguesa e a forma de notação fragmentada e os aspectos particulares na escrita, ou seja, a tensão e a dinâmica entre o “documental” e o “poético” no olhar da embaixada. Buscamos como ponto de partida definir o conceito de diário, por isso, utilizamos o glossário terminológico

da obra *Caminhando Mato Dentro* (MEGALE et al., 2009), o qual recorreremos para a definição do termo

DIÁRIO: Relato por dia dos acontecimentos ocorridos dentro ou fora da rotina das pessoas envolvidas. Há relatos de viagem, de jornadas, de descobrimentos, de navegação, de trabalhos demorados de que convém seja feito registrado de suas etapas, como uma descrição geológica, entre outros (p.20).

Os diários servem como uma via de registro das experiências do viajante. De acordo com o glossário, a prática de registrar determinadas tarefas diariamente era baseada e orientada pela temporalidade constante de todos os registros, os quais seguiam o calendário e os referenciais de registro do passar dos dias (posição do sol, das estrelas, etc.).

No caso específico do “Diário do Embaixador” reside a singularidade da prosa dos quatro escribas, cujos escritos representaram um processo de retrospectão dos fatos vivenciados, no sentido de percorrer a distância entre o ponto de partida (o presente) do autor para o passado. Desse modo, os escribas utilizavam-se da temporalidade externa para auxiliar a linearidade narrativa, em função da narrativa retrospectiva que retomava a linearidade cronológica interna do enredo em razão de um acontecimento anterior.

Segundo esse ponto de vista, a forma narrativa e a (re)construção dos fatos são assuntos indissociáveis, por isso, os escribas do “Diário do Embaixador” procuravam narrar um passado recente, porém, fragmentado. Esses fragmentos ilustravam a convergência das formas narrativas (diferença da noção entre ficção e a vida) e das interferências dos secretários remeteram a outros gêneros estilísticos, como a historiografia, a autobiografia advinda na relação com as experiências vivenciadas por eles na escrita diarística (a escrita diária). Neste processo de retrospectão sobre a escrita no diário, era necessário recorrer ao uso da memória com o intuito de pensar e de recuperar acontecimentos relevantes.

E, com isso, misturavam-se informações que transitavam entre a objetividade técnica do registro de navegação/relato e a intervenção manipuladora da memória, permitindo terem sido acrescentadas aos registros as interferências pessoais do próprio viajante. Nesses estilos documenta-se uma natureza fronteira ou híbrida

com a ficcionalidade e a abordagem narrativa que distinguem a historiográfica. Dessa forma, as “informações de cunho biográfico em sua obra, [eram] daquele tipo ficcionista que faz da forma autobiográfica de expressão um traço inerente desse processo criativo” (DUARTE, 2009, p.74).

Do ponto de vista do escriba, eram necessárias ser inseridas as múltiplas reflexões pessoais desses encontros com novas sociedades, pois tais inserções construíram a definição de diário no uso da orientação temporal e nas reflexões objetivas e coesas sobre as imagens reconstruídas por seus punhos. O inusitado dos registros do “Diário do Embaixador” era realizar a fusão do diário íntimo com o diário público, em um mesmo texto, ou melhor, “uma fusão entre duas formas de diário, o de viagem e o diário íntimo [...] simbiose entre o autobiográfico e a narrativa de viagem, o que contribui para tornar o seu relato um texto ímpar, diverso dos conhecidos até então” (DUARTE, 2009, p. 80-81).

A autora estabeleceu três níveis de narrativos de viagem. O primeiro referiu-se à viagem como ocorreram os “deslocamentos, os contratempos, os passeios, as festas populares, enfim, o conjunto de pormenores que preenchem cada instante presente da viagem” (DUARTE, 2009, p. 82). Assim, localizamos na primeira parte do “Diário do Embaixador”, ao deslocar-se de Portugal à Macau, alguns registros, como, por exemplo, acontecimentos ocorridos no mar de Java, no sul do Oceano Pacífico:

Leuamos ancora e seguindo viaje com bom vento vimos de tarde as Naus françezas que tinhaõ ancorado na bahia dos bem vindos, erecriando:nos com os aruoredos da Jaba vimos ao norte as Ilhas de Carecatau e deuizando ja a Samatra a noute se nos escondeo pella proa a ilha atraueçada pellas 9 horas da Noute demos fundo em 12braças por serem estes estreitos a nauegação arisca das pellos muitos bachos, Ali estiuemos detidos dois dias por falta de uentos=sem que vieçem Malayos a noço bordo despois de duas ou tres embarçaõs que na aguada nos trouçeroõ algum peche, bastantestartarugas e cocos, e algum as bananas de que seruia de grande ademiração aos praticos por naõ ser a quelle o costume; De tarde vimos as prayas cubertas com mais de duzentos Malayos que formados em companhia e suas bandejras marchauam a tom de gue ra e leuauam so cuberto o que o pejo inçina a ocultar a todos sem que huzacem outras gualas do que as com que os tinha vestidoa natureza ali vi mos de tarde huma nuuem groça que tirando aguado mar se fazia de formidaueel groçura a que os nauegantes nos diçeram chamauam bonba (fólio 18).

O segundo nível englobou a escrita de si, que se constitui pelas marcas de primeira pessoa nos registros, importantes na formulação de mais esclarecimento e veracidade. Nesse caso, os escribas (os poetas) assinalam uma mudança na escrita, no uso dos pronomes “eu”, com a autoidentificação do narrador e abandonando a remissão direta do sujeito- destinatário. Nesse momento o autor, conforme afirmou Duarte (2009, p. 82), registrou “os pensamentos de caráter pessoal, os devaneios, a confissão de saudades dos parentes ou da pátria ou alegria da chegada de notícias”. Em busca da sua descrição familiar localizamos uma memória saudosa referente aos padres na corte de Pequim:

mostrandose tam agradeçidos, quam saudosos no nosso apartamento, sem esperança alguã emquanto vivessem de verem os Europeus; esta affabilidade dos Padres fez a que todos lhes pronosticassem a grande saudade que levavaõ de Pekin, e ainda que a vinda desta embaixada lhe multiplicasse a saudade da Europajulgo, que estes Padres como se achaõ emperga - dos no serviço de Deus, lhes não lembra nada deste mundo ficando para memoria naquella Corte (fólio 522).

Outro nível de narrativa mencionado por Duarte (2009) comportava a imersão dos leitores na História e na Literatura, ou seja, os leitores poderiam acompanhar o contexto sociocultural examinando a escrita do “Diário do Embaixador”. Por exemplo, os modos de comportamentos idealizados, as manifestações de suas culturas. Pode-se demonstrar tais ocorrências em meio às lutas na colônia em Moçambique, quando emergiram as informações objetivas, a partir dos dados coletados no diário. Há nos registros do “Diário do Embaixador”, além do discurso histórico (espaço-tempo), as representações sociais e o imaginário social.

Outras marcas coincidentes com o conceito “diário”, de Megale *et al.*, podem ser investigadas nas práticas sociais, pois possibilitaram acessar “um dispositivo e pedagógico que permite entrever os espaços discursivos de um tempo-e-espaço, as representações sociais forjadas em cada época, o imaginário de atores sociais” (BASTOS, 2000, p.147). Fica evidente que no “Diário do Embaixador” produziu-se um discurso com ares de relato objetivo, mas que no seu interior se encontram mescladas diferentes perspectivas, que transitam entre os três tipos de viagem anotadas acima e ainda se deixam levar, em alguns momentos mais agudos, para o mais pessoal dos registros, a emissão do juízo de valor do escriba em relação a algum acontecimento.

Assim, um discurso de viajante trata de trabalhar o processo de registrar as memórias coletivas a partir da memória particular. Essa ação de ler e de compreender o que se escreveu no diário, portanto, significa que o pesquisador necessita ter a consciência dos vários aspectos (diferentes tipos de discursos/formas) que dialogam, permeiam o texto e repercutem na leitura e na compreensão do documento.

CAPÍTULO 2: “A NARRATIVA”

2.1 Descobertas das Viagens

Em sua maioria, as viagens eram motivadas por interesses materiais, espirituais e mercantis. Dessa forma, encontramos no “Diário do Embaixador” as experiências de viagens a América, a África e ao Oriente, por meio de documentos literários ou não literários, mas todos os registros instigavam a imaginação dos seus leitores. Fernando Cristóvão afirma que os viajantes “contribuíram para assinalar nos textos de viagem aquela tonalidade de maravilhamento em que vivia o homem medieval” (2010, p.11). Com isso, os povos não compartilhavam somente suas crenças e ritos religiosos, mas a vida coletiva modelava as regras sociais, morais e políticas.

Observemos, por exemplo, na “Era Dos Descobrimentos”, na primeira viagem de Colombo rumo às Índias, pela rota via oeste, em 1492, o primeiro relato oficial sob a perspectiva do encontro entre europeus e habitantes das terras americanas. Datados entre os séculos XV e XVI, os primeiros autores-viajantes eram representados como “soldados conquistadores, mercadores, missionários, isto é, [como] os representantes de três formas de colonialismo, militar, comercial, espiritual; ou então se colocam a serviço de uma ou outra dessas três categorias” (TODOROV, 2006, p.242).

Se caracterizássemos os relatos de viagens como registros imparciais, por certo isso resultaria na redução drástica desse gênero literário a seu caráter documental – o que os limitaria a elemento para a História, mas a sua ficcionalidade na escrita buscava atrair a atenção dos leitores. Uma viagem dessas proporções (do “Diário do Embaixador) pelo continente asiático proporcionou algumas explicações referentes a narrativa, exatamente por ela explicar não o mundo como ele era, mas o mundo que correspondia visto da embaixada portuguesa.

Apesar de aparentemente imparciais, os relatos tinham um objetivo, e sabemos que estavam relacionados, muitas vezes, ao desejo e ao conhecimento dos tripulantes dessa viagem sobre um ambiente. Assim, entendemos que as situações narradas eram revividas e reelaboradas na prática escrita pelas interferências dos escribas no “Diário do Embaixador”.

Nessa perspectiva, a ação e a reação dos sujeitos envolvidos na narrativa eram transmitidas por muitas observações (descrições) realizadas no texto, pois os

secretários fizeram menção a um determinado tempo (trama), lugar (cenário) e houve outros dois aspectos essenciais: uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados “em perspectiva, uniu pontos, ordenou antecedentes e consequentes, relacionou coisas, criou o passado, o presente e o futuro, encaixou significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis.”(MOTTA, 2013, p.71).

A prática do “Diário do Embaixador”, em si, era relatar as informações no texto com o foco nas ações do embaixador sobre a transformação e apropriação de saberes, o qual, por sua vez, teceu na escrita a relação da embaixada com o Outro. Os argumentos convincentes apresentam um determinado estilo, pois manifestam uma escrita entrelaçada de características de dois gêneros, narrativo e dramático.

Aqui nos perçeguiram dois bonzos em que hum delles trazia o liuroda irmandade dos seus pagodes e este instou com os europeos a que quizecem deichar o çeu açento naquelle liuro; o outro que trazia huñs poucos de pagodes ou diabos pintados em humataboleta preza esta em as costas em que lhe çubia acima da cabeçamais de hum couado e com çeu curtinado que os cubria e pondo:sse junto da embarquaçam do embachador com grandes alaridos dizendo homito:fo que este he hum dos seus deuzes a quem helles tem m ais reuerençia, e batendo a cabeça na terra comtanta uiolençia em que deichaua huma coua e comendo em hum ramo de aruore que comçigo trazia por forma de açipreste em queformaua a penitençia e estes nos perceguirã athe a distancia de meya legua: este bonzo me diçeram que tinha tomado aquella penitençia por çe acharem duentes duas mulheres com quem heracazado para quem tiraua a esmolla ficando somente o pagode com a penitençia que helle fazia e helle utilizandosse dos conqubios quetiraua e que he jeral em todos (grifos do autor, fólho 209).

Nesse enredo eram descritas as caracterizações do ambiente, das pessoas e das crenças que enriqueceram a narrativa pelo ponto de vista desses autores e/ou narradores. Isso nos permitiram ver em seus escritos como eram realizados a criação dos argumentos que manifestaram a relação profunda com a religião cristã. Compreendemos o contraste no campo das observações, pois as reflexões sobre a presença do mal e do feio¹⁵ eram evidentes na descrição das ações dos Bonzos

¹⁵ Na perspectiva da embaixada, os secretários ao descreverem objetos e/ou ambientes em território chinês enfatizaram na representação (narrativa) características grotescas por não estarem familiarizados com a cultura chinesa. E se revelou, de repente, o horripilante e o sinistro, tomados pela estética do grotesco em descrever as estátuas, as pinturas e os costumes por não serem semelhantes ao dos europeus. Logo, provocavam o efeito de estranhamento nos leitores.

e dos chinas. Logo, o diferente desagradou os secretários da embaixada portuguesa.

Nesse sentido, a narrativa demonstrou ser um ponto de apoio a moral e aos bons costumes europeus. A insatisfação dos portugueses na ação e na trama do diário manifestaram-se, especialmente, no episódio de dois Bonzos, pois estes perseguiram a embaixada por meia légua¹⁶ com o propósito de passar seus ensinamentos e de atrair doações ou recursos financeiros para sua ordem religiosa.

Nesse momento, foram realizadas as descrições do Outro. Isso nos revelou os pensamentos dos escribas sobre os formatos da vida cotidiana na China. Por isso, consideramos essas narrativas como um instrumento potencializador dos saberes. Além disso, no "Diário do Embaixador" os secretários descreverem certas ações baseadas em suas lembranças e assim reescreveram a história pela perspectiva dos portugueses durante seu trajeto à China.

De fato, a prática da narrativa em cartas, em relatos de viagem ou em diários serviam para compreender as experiências do sujeito ao comunicar para o leitor seus significados produzidos nas viagens e dessa forma ocorria a apropriação de saberes. Em outras palavras, o funcionamento da memória obriga-nos a refletir sobre as consequências dos atos narrados e sujeitando os secretários a adotar uma perspectiva em frente a história que lhes foi incumbida de relatar.

2.2 O “novo” registro da impressão/interferência do escriba

Nas viagens marítimas, marcadas pela descrição do “novo”, a ascensão pelo interesse a novos continentes ficou visível nos relatos. Na verdade, as narrativas chamam para sua peculiaridade a escrita autobiográfica. Isto é, a autoanálise da “experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito.” (CUNHA,1997, p.1). Essas singularidades eram evidenciadas na escrita do “Diário do Embaixador” como, por exemplo, “este bonzo me disseram” no uso dos pronomes pessoais oblíquos referem-se a primeira pessoa do singular.

¹⁶ Equivale a 2,41402 quilômetros de distância.

Caracterizada pela valoração da experiência vivida entre a relação social e o caráter pessoal.

Inferimos a narrativa composta por uma rede de intenções, os relatos dos secretários transitaram pelo terreno da vida social sob a forma de narrativa de vida, permitindo-nos assim identificarmos a percepção estética o “pacto autobiográfico”. Segundo Lejeune (2013), o “pacto autobiográfico tem efeitos excitantes (curiosidade, credulidade, compromisso direto) mas também produz efeitos esquisitos, que explicam em parte os preconceitos que acompanham o gênero” (p.538).

No relato do “Diário do Embaixador” articulou-se, no exemplo acima, a vivência do secretário com o mundo narrado, pois descreveu esses Bonzos caracterizado como “diabos pintados em huma taboleta preza esta em as costas em que lhe çubia acima da cabeça” (fólio 209). O interesse maior recaiu sobre as significações e atribuições de sentidos que o narrar carrega como um “simples testemunho que tem de ser integrado no campo coletivo, confrontado com os outros, e incluído com os instrumentos que lhe fogem.” (LEJEUNE, 2013, p.544).

Contudo, interessa-nos pontuar o impacto que a memória pode conferir à narrativa e à escrita autobiográfica no “Diário do Embaixador”. Além disso, os detalhes da história foram adaptados na escrita do secretário em razão do imaginário, ou seja, do conjunto das ideias e imagens que faziam parte da mentalidade dos europeus, e tais fontes narrativas geram trajetórias,

A palavra memória por si só tem um peso forte sobre meu imaginário. Sou forçosamente transportada aos meus arquivos pessoais [...]. Cada uma dessas recordações me leva em um movimento de volta à *origem*, no sentido da busca de um fio perdido no tempo; fio que no conjunto de outros fios compõe uma teia, uma rede de interdependências onde a vida pessoal, profissional, afetiva se relacionam (BRAGANÇA, 2001, p.109).

Dessa forma, podemos perceber que os europeus descreviam as imagens nos relatos conforme seus saberes e parte dos seus pensamentos cotidianos eles viram o diferente e entraram em contato com o Outro. Todavia, devemos ter em mente que “precisa[va] ser, antes de mais nada, ‘compreensível em si e parasi’. Muitas vezes não [era] mais exata que os relatos antigos. Mas enquanto esses relatos recorriam

frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação soe plausível” (BENJAMIN, 2012, p.219).

Por meio desta perspectiva, a narrativa “não esta[va] interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha[va] a coisa na vida do narrador, como a mão do oleiro na argila” (BENJAMIN, 2012, p.216). Consequentemente, a narrativa de viagens demonstrou o uso dos conceitos de experiência e de vivência como eram referidos no “Diário do Embaixador” à maneira como esses secretários armazenaram tais acontecimentos vividos em suas memórias e se apropriaram delas para estimular na escrita do relato o tempo presente.

As viagens ao novo continente atraíram a atenção de muitos autores a desenvolverem desenhos e descrições de animais, plantas e inclusive a expressões e reações dos nativos daquelas terras. Em vista disso, relataram as descrições: exóticas, estranhas, desconhecidas e gloriosas sobre os nativos das terras visitadas.

Assim, as narrativas demonstraram o ato de comunicar e revelar o modo pelo qual os sujeitos conceberam e vivenciaram no mundo um certo estranhamento entre culturas e hábitos diferentes, pois o pensamento europeu baseava-se nos “dois modos de duelar com a ilusão: o modo religioso, consistente em oferecer a alternativa de um depois-da-vida, e o modo da arte, consistente em contrariar o fluxo do tempo, tornando significativos momentos ou cenas em si transitórios” (LIMA, 2006, p.348). Os testemunhos dos exploradores representavam as imagens do maravilhoso, do Paraíso e do Inferno.

2.3 Imaginário Europeu

Entretanto, o adjetivo *maravilhoso* – nesta discussão sobre o imaginário europeu - adquiriu dupla conotação, indicando, com isso, a transição do desconhecido ao revelado. Antes, as fontes confiáveis eram os relatos de viagens que descreviam os lugares desconhecidos para se compreender a imagem dos continentes (Ásia, Américas e África), conhecimento este que contém as narrativas muitas vezes imaginárias e até fantasiosas. Segundo Pratt (1999), o desenvolvimento do pensamento científico iniciou-se com a ascensão do Naturalismo, com isso aumentou a demanda pelos relatos mais factuais.

Apesar dos relatos científicos, estes permaneciam permeados pelo imaginário construído pelas narrativas anteriores. A partir do processo de interpenetração cultural, o qual não foi eficiente para o projeto colonial europeu em território chinês. Dessa forma, a modernização se representou pelo “olhar científico moderno procurar[ou] descrever, e até nomear” (BOSI, 1988, p.69), os processos de transmitir informações nos relatos partiu de todo repertório anterior a experiência da viagem. Tornar visível, ver empiricamente empreendeu um novo tipo de viajante.

O conhecimento já adquirido nessas viagens desencadeou um outro maravilhoso, o qual se baseou nos mistérios do vislumbrado e nos desejos imaginários europeus, destacou Jacques Le Goff:

Mas nós sabemos cada vez melhor, com a psicanálise, com a sociologia, com a antropologia, com a reflexão sobre os meios de comunicação social, que a vida, quer das sociedades, está tão ligada às imagens como realidades mais palpáveis. Essas imagens não se restringem às que se configuram na produção iconográfica e artística: englobam também o universo das imagens mentais. E, se é verdade não haver pensamento sem imagem, tão-pouco deveremos deixar-nos afogar no oceano de um psiquismo sem limites. As imagens que interessam ao historiador são imagens colectivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e formam-se, modificam-se, transformam-se. Expressam-se em palavras e em temas. São-nos legadas pelas tradições, passam de uma civilização a outra, circulam no mundo diacrônico das classes e das sociedades humanas. E pertencem também à história social sem que, no entanto, nela fiquem encerradas. (...) O imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenómeno coletivo, social e histórico (1994, p.16).

O contato entre a embaixada portuguesa e os chineses, segundo o “Diário do Embaixador”, resultaram em algumas constatações como “tem os chinas varias superticções”(fólio 531)¹⁷. As características descritas sobre o povo chinês estavam presentes no imaginário dos europeus por assemelharem a sua crença ao mal, e nos costumes, ao Diabo, ao contrário dos portugueses. A embaixada matinha o zelo para com a moral era civilizado pelo modo de viver e pela proximidade de Deus e da fé católica. Esta crença dominou a vida moral, social e política dos europeus,

¹⁷ O “Diário do Embaixador” na China tinha duas finalidades: a aproximação por meio das relações diplomáticas e econômicas entre a Coroa Portuguesa com o Império chinês e a missão católica como desenvolvia-se naquele território. A descrição das narrativas retratava as vivências da embaixada portuguesa, principalmente, na Corte de Pequim, pois a sua perspectiva evidenciava os costumes, os ritos tanto políticos quanto religiosos e para explicar determinadas situações no cotidiano e justificavam sob a ótica da mitologia judaico-cristã (a figura do Diabo). Desse modo, o secretário selecionou as informações adicionais que revelam a pesquisa realizada sobre este continente (ANEXO F) antes da partida para Moçambique.

pois “as revelações divinas, tal como as tentações diabólicas, exprimem-se nos corpos adormecidos com os sonhos e as visões que durante tanto tempo impressionamos homens da Idade Média” (LE GOFF, 1994, p.61).

A partir da bifrontalidade (bem e mal) na imaginação do europeu com os chineses. Logo, no “Diário do Embaixador” os chineses foram vistos pelos europeus relacionados com ações demoníacas, sobretudo os Bonzos, “muitos bonzos rezando pellas suas contas com que enganauam o pouo formando grande deuoçã”(fólio 107). Por outro lado, o mal era a fraqueza da carne como fonte de prazeres, que eram as tentações do Diabo.

Isto apontou, na perspectiva do pensamento português, o esforço do secretário em descrever as situações incomuns e os costumes do outro, ou seja, o escriba não possuía esta capacidade de colocar-se no lugar do outro na escrita, ou mesmo esta autoridade para justificar tal procedimento diferenciado dos costumes cristãos europeus em seus escritos. O “olhar” o outro de fora permitiu evidenciar a impossibilidade de uma alteridade como, por exemplo, o Bonzo relatar os rituais, e trabalhos destes eram vistos como sacrilégio.

Nesse momento, ocorreu o efeito do estranhamento assim que articularam a visão dos secretários com as descrições da realidade no mundo exterior. E esta viagem da embaixada portuguesa contribuiu ao perpetuar na narrativa um discurso estruturado a respeito das representações formuladas sobre o povo chinês. Basicamente, “anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como admita normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas.” (GODIN, 1994, p.9). E, do ponto de vista espiritual, os europeus consideraram os costumes e superstições como práticas demoníacas e identificavam suas ações religiosas com bruxaria, feitiçaria e outros tantos rituais anticristãos, que já faziam parte de sua mentalidade.

Figura 5: O retrato do Mandarim.



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Ilustrou a aparência de um mandarim e a excentricidade nas vestimentas chamativas dos orientais.

As “Notícias da China” (fólio 528) descreveram vinte e um costumes e tradições do Império e do povo chinês, obviamente distintos daqueles cultivados na Europa. À guisa de comentário, selecionamos três para exemplificar este “estranhamento” europeu em relação aos costumes locais:

Custumaõ perfilharem os filhos huns áos outros, e tomarem pa = rentes, os que nunca foraõ; tanto, que athe o Emperador uza distode forma, que parece; que por se livrar de alguns gastows déo porfilha á hum homem mui rico, a que he actualmente imperatriz, parao homem ter a obrigação de lhe dar quanto ella neccessitar como filha propia: o Emperador he no seu Imperio Pontifice, Santi, fica osque quer; e manda levantar pagodes áos que lhe parece. (fólio 532).

Diante destes aspectos proporcionados pela realidade social na China, compreendemos nas descrições as diferenças das práticas de perfilharem uma criança, o que gerou um estranhamento, pois tal costume dominava as periferias até a alta corte de Pequim. Dessas normas chinesas, vemos que a estrutura da família consistia num conjunto de pessoas que se reconheciam como membros por estarem vinculados por laços afetivos e não por vínculos de sangue. Notamos, ainda, que essas descrições não envolviam casamentos, batismos, registros ou documentação como eram exigidos pela jurisdição portuguesa.

Por outro lado, as práticas normativas da filiação no direito português eram estipuladas pelas normas religiosas e práticas do cotidiano baseados nos processos de legitimação desse Império (COUTINHO SILVA, 2020). As Igrejas eram responsáveis pelos livros de batismo que registravam o local de nascimento, a filiação. Outro elemento que legitimava a perfilhação era passar os patrimônios materiais para a criança como sua legítima herdeira. Em razão disso, notamos na justificativa do “Diário do Embaixador” como funcionava o pensamento do Imperador chinês em doar sua filha legítima para assegurar a sucessão no trono por um futuro herdeiro.

Na China, havia o costume de realizarem casamentos arranjados. Embora essa prática fosse realizada na Europa, os pais das noivas ofereciam um dote para o noivo, e as mulheres por lei não poderiam escolher seus cônjuges, apenas seus pais. As mulheres chinesas também não detinham o poder da escolha sobre seus esposos. Contudo, esses ofereciam uma quantia pela noiva e cabia aos pais aceitarem o pagamento do noivo para realizar o casamento. “Nenhum registro oficial há para os casamentos [chineses]; o único documento comprovante da sua celebração [era] o recibo da quantia paga ao pai da noiva pelo noivo” (LISBOA, 2016, p.189).

O matrimônio na sociedade portuguesa era a base legal da família em consequência das concepções materiais e evolucionistas voltara-se as relações monogâmicas. Entretanto, o matrimônio tradicional chinês possuía rituais e superstições milenares. Inclusive, na tradição chinesa referente à estrutura conjugal, poderia haver relações poligâmicas, a qual estava institucionalizada naquele período. Essas mulheres (concubinas) não eram casadas com os “mandarins” ou imperadores; nessa época, “as concubinas pode[ria]m ser vendidas ou recambiadas à sua família e [era] o que sucedia geralmente quando não preenchiam a missão para a qual foram tomadas, isto é, de dar um herdeiro ao seu senhor” (LISBOA, 2016, p. 189-190).

Para os olhos da embaixada portuguesa, a prática de possuir mais de uma mulher detinha uma perspectiva indecorosa sobre tais práticas, em razão da ética e da moral cristã. Por isso, a religião cristã se opõe à vida cheia de perigos e desordem social como a libertinagem, considerada um pecado. Observamos esse costume oriental de seleção das famílias para a prática do concubinato do Imperador chinês no registro do “Diário do Embaixador”:

Tem os Regulos de obrigação, ou Mandarins principais daquelle imperio, depois de crearem suas filhas, e se acharem com a idade de dezoito annos, de as levarem a offerecer ao Emperador; para suas concubinas, ainda que contra vontade tanto dos Paes, quanto das proprias filhas; uzando muito levarem nas, quando ellas se achão doentes; somente afim, de lhas regeitarem; e todo que as tem, e as não offerecem (como tem succedido) confiscaõ lhe todos os bens, e lhes não deixaõ com que passem os dias de vida; sendo estes amofinados, e desprezados entre os demais = Mandarins. (fólio 537).

Ademais, essas mulheres detinham um prestígio inferior ao da esposa que era a mulher principal daquela família. No entanto, para o homem chinês possuir mais de uma mulher representa um grande prestígio perante a sociedade. “Por isso achava-se limitado o concubinato às classes ricas ou aos que, depois de alguns anos de casamento, não conseguia ter prole. A mulher legítima exercia um domínio absoluto sobre as concubinas” (LISBOA, 2016, p. 189). Assim, a situação das concubinas era complicada nas relações com outras concubinas e a mulher legítima, pois seus cuidados eram classificados de acordo com a divisão hierárquica de favorecimento do Imperador.

No “Diário do Embaixador” apresentaram a proibição da prática cristã em certas localidades daquele império, dessa forma realizaram algumas constatações

da história cultural, pois outra finalidade desta viagem era retratar a necessidade de cristianizar as populações chinesas:

Entre settenta e duas feitas que tem este Imperio; que tem procedido, das prinçiapas; haviaõ alguãs que a veriguandose, se prohibiaõ com as pureza; cujos sellarios, vendo que no prinçipio em que entravaõ o sTartaros á gouernar, se conçediaa religiaõ catholica, sem que se perseguissem os seus professores; uzandose della publicamente; tomaraõ os nomes de christaõs; sabiaõ o Padre nosso e Ave Maria, falvaõ de Deus e jesús maria, e das trz pessoas distinctas, e hum so Deus; e outras = couzas da nossa santa ley, uzando desta capa, para rebuçarem todas as diabruras, que tal he odemonio, como tudo isto; o que ainda dura: e o anno passado lhe deraõ em aprovinça de chantien huã perseguiçaõ, em que pren deraõ alguns (fólio 537).

Durante a Dinastia Qing (1644-1912), sucederam as perseguição de os jesuítas e a proibição das práticas cristãs como o relato descreveu, em razão de as políticas administrativas do império chinês ao não se abrirem para o mundo. Tais políticas adotadas expulsavam os católicos e comerciantes europeus para fortalecerem a própria cultura e se livrarem das influências ocidentais que adentraram na Dinastia Ming (1368-1644) com aproximação das relações comerciais com os europeus. Apenas o porto de Cantão prevaleceu aberto para realização de algum comércio. Nesse momento, os missionários utilizaram o seu conhecimento científico para permanecerem no Império chinês, mas no ano de 1723 o Imperador Yongzheng (1723-1735) ordenou a proibição do cristianismo.

Sabemos que uma das finalidades desta embaixada era a missão católica na Ásia em difundir suas práticas no reinado do imperado Qianlong (1736-1795). Analisando o relato do “Diário do Embaixador”, a China foi capaz de enrijecer a perseguição, que levou à execução sistemática de cristãos, utilizando-se de membros da Companhia de Jesus. Isso teve consequências significativas, incluindo o declínio do número de cristãos, a interrupção das atividades missionárias, o declínio da educação e por fim uma mudança na paisagem religiosa e cultural entre a China e os portugueses. “No fim do século XVIII, o imperador Qianlong era representado pelas fontes ocidentais como um tirano bárbaro perseguidor da cristandade” (RÊGO, 2019, p.72).

Nisso, seus relatos dariam um significado àquelas sociedades a partir de seus próprios conceitos de civilização, dando voz a velhos estigmas que seriam adaptados aos níveis de complexidade de sua cultura, pois diferentemente de outros povos não

perdurou o processo de interpenetração cultural. Em outras palavras os chineses não se apropriaram da cultura alheia, a portuguesa. Além disso, a embaixada portuguesa narrou adaptar-se ao meio ambiente e aos costumes do oriente, inclusive, encontramos essa descrição:

ja porqui hiamoz comendo o arros em lugar de o pão pella rezam de se noz ter acabado o biscouto nem acharmoz pam por estas Sidadez não obstante que sam acostumados alguñsa comeremno porem este he cozido ao fumo com feijois e asucar dentro que para helles he couza muy mimoza(fólho 66).

(...)

Serviraõse ás menzas com muntos pratos de diversas iguariase em lugar dos paos com que saõ acostumbrados a comerem os que todos trazem no seu çinto nos puzeraõ huns como garfos que tinhaõ os bicos de prata e colheres daqui, despedio o Embaixador hum criado do Padre Mandarin, (fólho 512)

Apesar das interpretações pejorativas inscritas nos relatos acerca do bem e do mal, de Paraíso e de Inferno eram marcados pela crença em uma série de mitos e superstições lançados sobre as terras visitadas e quem as habitavam. Assim, eles conseguiram dar sentido à existência de seres humanos em uma região que, com base nas informações que tinham, não podia só ser habitado por monstro e criaturas maravilhosas.

Ademais, as novas experiências e saberes desmitificavam os antigos conhecimentos das escrituras sagradas. Isso resultou em muitos registros e opiniões baseadas em dados empíricos encontrados nos novos mundos. As diferenças de olhares capturaram as aparências dos locais e das sociedades. Nesse sentido, tornaram-se essenciais as viagens para realizar as ações religiosas (ver e fazer). Por isso, conseguiam transmitir as duas práticas: os signos (símbolos religiosos) e os milagres realizados nas peregrinações, pois colocavam os cristãos em contato com o mundo sobrenatural (graças e milagres).

A devoção dos peregrinos e suas motivações possibilitavam desvendar como aquelas pessoas enxergavam a busca pela salvação (tanto leigos quanto clérigos), ao impor sua cultura e sua crença. Para atingir a purificação e a salvação da alma, era necessário rejeitar os desejos carnis e realizar práticas caritativas evangélicas por meio da peregrinação. Em outras palavras, as viagens realizadas rumo ao

desconhecido remetiam a uma grande provação física. Assim, as percepções do mal tornaram-se o fruto da expansão do cristianismo na Europa.

2.4 A Pedagogia do Medo

A “pedagogia”, instalada no imaginário desde o período medieval, deu origem à existência da figura do Diabo como um elemento perigoso e pecaminoso. O papel da doutrina cristã que instituiu esse ser era instruir, explicar e fortalecer a crença na existência do mal por meio da orientação moral, comportamental e espiritual contra seu Inimigo. Originalmente, a maldade do Diabo estava associada a vários aspectos da vida humana como, por exemplo, sua salvação. Dessa forma, a Igreja estabeleceu-se com a estética do grotesco na construção da deformidade física e moral do Diabo.

No imaginário cristão, a figura do Diabo detinha características grotescas e variava de formatos desde semi-humanos, deformados a formas animais como, por exemplo, a forma de serpente, de chifres, de pelos, o pé e a cabeça de bode, de escamas, de asas e de rabo, pois essas características assustadoras eram um conjunto de figuras, de pensamentos, de forças e de representações de várias culturas contrárias às católicas. Com isto temos o Diabo retratado como a personificação do mal, pois a figura do Diabo prevaleceu vinculada às crenças cristãs numa forma de fantoche diabólica ao retratar um instrumento pedagógico divino.

Outro aspecto era a literatura, que funcionou como mediadora desses discursos religiosos (o Velho Testamento), e moldou o imaginário ocidental. Como temos argumentado, o Diabo revelou-se como uma figura central das tradições cristãs, assim o Diabo passou a representar o senhor dos hereges e do outro, a contrariedade de Deus. Além disso, a personalidade do Diabo era associada aos dilemas e desejos íntimos da natureza humana. Dessa forma, essa oposição a Deus era compreendida pela Igreja como um modo de contestar o clero, e isso na idade média era um bom motivo para justificar a conversão de outros povos.

Para tanto, a personificação do Diabo possibilitou o entendimento das relações humanas era visto como instrumento de controle e de poder da Igreja. O Diabo era uma figura difusa, dissolvida no politeísmo popular e, portanto, para tratarmos a perspectiva da embaixada, não podemos deixar de perceber uma relação ambígua na escrita. No “Diário do Embaixador” o relato capturou certas formas da cultura popular chinesa em caracterizar o Diabo, de uma forma a gerar ainda mais temor e medo, a fim de mostrar as interpretações dos fiéis da embaixada.

Ademais o secretário produziu um Diabo que ressaltou o caráter literário das narrativas míticas e atuou como intérprete das experiências pessoais da viagem. As atribuições desse ser (Diabo) tido como “o maligno” remetem à superstição, mitos, lendas de aspectos negativos e tenebrosos. Neste processo de representar o mal, surgiu a forma, no sentido abstrato, do “diabo cristão” na união de diferentes tradições e culturas, pois o “Diabo não é essencialmente cristão, e sim um fruto da eterna reação do homem a forças desconhecidas” (LINK, 1998, p.21). Nesse sentido, os discursos eclesásticos representavam as normas e ensinamentos do bem, e no caso de os fiéis não seguirem tais normas, eram condenados ao Inferno, onde seriam torturados pelo Diabo. De acordo com Cappellari (2011),

[...] as intenções do Clero cristão de moralizar a humanidade para estruturar as relações de poder em um período pós-Império Romano em que a entropia era uma tendência. Ameaçar as pessoas de que se tivessem uma conduta incorreta iriam para o Inferno revelou-se uma importante maneira de promover o controle social. Sendo a sociedade medieval basicamente dividida em três escalões (senhores, vassalos e religiosos, com a Igreja e o Estado fazendo parte de um mesmo sistema), a devoção religiosa ao mesmo tempo continha as ambições do povo, arrecadava impostos e dízimos para os luxos dos nobres e clérigos, e, depois, serviria de justificativa para o assassinato de inimigos e dissidentes (p.180).

Assim, o imaginário da Idade Média ficou marcado pelo medo e pela escuridão onde os diabos/demônios reinavam, pois um ser detentor de várias facetas e formas era uma ferramenta de dominação e controle sobre os fiéis. O Diabo foi compreendido como uma figura mítica e a personificação do mal, o qual provocava a perdição e os prazeres nos seres humanos. Nesse sentido, evocam-se diversas formas e imagens para o Diabo: este era representado pela mistura de animais e seres mágicos. Por exemplo, cabeça de serpente, um homem com cascos de bode, dotado de cornos, coloração avermelhada, entre outras. A relação da

tentação está identificada nos discursos da Igreja, por isso a estratégia de controle, iniciou à “pedagogia do medo” a Igreja como denominou Almeida (2008):

Valendo-se da indefinição da Igreja acerca da origem do Diabo, grande parte do imaginário popular existente enquadrava-o como ser inferior ao homem e objeto de escárnio e zombaria, podendo ser facilmente vencido. O imaginário relativo ao Diabo durante a baixa Idade Média enriqueceu-se através das lendas transmitidas oralmente ou de forma escrita, mas especialmente pelas peças teatrais de apelo popular (p.5).

Nesse momento, tais representações do Inferno e do Diabo, em vez de metáforas, acabaram por materializar-se pelos artistas da época que passam a elaborar imagens infernais ao referenciar a danação eterna para aqueles que desobedecessem às normas morais da Igreja. Apresentaram características singulares através das ilustrações do Diabo. “Ele não é uma pessoa. Pode ter muitas máscaras, mas sua essência é uma máscara sem rosto.” (LINK, 1998, p. 20). Link afirmou sobre não ser definida a imagem do Diabo, observou ser difícil descrevê-la, pois não havia naquele período uma tradição literária e iconográfica sobre sua imagem, diferentemente, das imagens retratadas de Jesus.

Desse modo, o Diabo apela não só ao medo do sobrenatural. Referir-se a ele significava uma estratégia, por parte da Igreja Católica, para adentrar no imaginário coletivo europeu representado por várias máscaras. As técnicas desenvolvidas para representá-lo como uma fera, com pelos, chifres e garras, um ser temível. Estes aspectos provêm da mitologia grega e, em particular, dos deuses pagãos (assim nomeados pela igreja). Como afirmou Link (1998, p.50):

Essa inexistência de tradição pictórica, combinada a fontes literárias que confundiam o Diabo, Satã, Lúcifer e demônios, são razões 48 importantes para a ausência de uma imagem unificada do Diabo e da iconografia irregular. Mas alguma coisa sempre é melhor do que nada. E havia que o artista cristão podia tirar das fontes clássicas.

Ademais, o pensamento erudito europeu desde o século XIV expandiu os estudos doutrinários para combater o Diabo; dessa forma, o Diabo “pass[ou] a ter um aspecto físico nas esculturas e nos afrescos das igrejas e catedrais, e, por consequência, no mundo” (ALMEIDA, 2008, p. 7). Desse modo, as descobertas significaram a expansão dos vastos impérios coloniais. No entanto, havia outra

motivação, expandir a religião cristã até o Novo Mundo, o ideal da “salvação das almas”.

A Igreja Católica, nesse momento, revelou ter interesses em converter as “almas perdidas” em novos mundos. Dessa forma, os discursos eclesiásticos estavam interligados às conquistas territoriais. O pensamento dos cristãos era expandir a fé em novos mundos, mas este pensamento estava associado, naquele período, à mentalidade das cruzadas contra infiéis e à caça às bruxas pela inquisição. Assim, a expansão marítima serviu ao propósito de difundir a religião católica para converter novos fiéis e combater aqueles que não fossem cristãos (inimigos da fé). Com isso,

Muitos dos atributos físicos de Satã que atualmente conhecemos resultam do sincretismo religioso e da assimilação da iconografia de divindades de outras culturas orientais e ocidentais, cuja diabolização foi empreendida pela igreja católica com o objetivo de deslegitimar os antigos deuses pagãos e rebaixá-los a demônios, deste modo, a igreja (re)afirmava o monoteísmo da divindade cristã (ALMEIDA, 2008, p.7- 8).

Nesse sentido, os elementos do imaginário medieval foram transportados para as conquistas expansionistas pelos colonizadores. O mundo era visto pelos viajantes rumo a dois caminhos: o Paraíso Terrestre, obtido nas peregrinações, e o Inferno. Por isso, o Diabo muda-se de continente, pois era ilustrada pela mentalidade dos descobridores, missionários e colonizadores a arte de demonizar o exótico e o “outro”, principalmente, identificados na produção epistolar, em sermões católicos e nas descrições da natureza, hábitos e costumes dos “gentios”¹⁸, “chinas” e “mouros”¹⁹ pelos relatos de viagem. Levou-se em conta que:

O Atlântico passará a ocupar papel análogo no imaginário do europeu quatrocentista -reduzido derradeiro das humanidades monstruosas, do Paraíso Terreal, do Reino do Preste João, talvez -como diz frei Vicente do Salvador - reino do próprio demo, que, aqui, travará combate encarniçado contra a Cruz e seus cavaleiros. O maravilhoso estaria fadado a ocupar

¹⁸ Por “gentio” eram denominadas as pessoas que não tinham sido integradas na religião cristã ou eram pagãos. Ademais nas escritas do “Diário do Embaixador” utilizavam-se desse termo para referenciar pessoas estrangeiras.

¹⁹ Por “mouro” compreendemos o uso do termo no “Diário do Embaixador” para denominar os nativos do continente africano. O termo “mouro” detém “um sentido amplo para definir [na concepção dos portugueses eram desde] invasores mulçumanos de península Ibérica[...] a povos de várias origens, mas, sobretudo, aos habitantes da África” (ALVES, 2010, p.14).

sempre as fímbrias do mundo conhecido pelos ocidentais: o mundo colonial americano seria, pois, a sua última fronteira (SOUZA, 1999, p.26).

Na tentativa, por parte do europeu, de compreender o Outro, justifica-se a necessidade da evangelização para adentrar na última fronteira. Aliás, pode-se afirmar que a Companhia de Jesus desempenhou este papel no processo de conquista em todos os territórios pelos quais passou e, como ferramenta essencial, reconhecia em certas ações, descrições e ilustrações a presença do Diabo.

Em suas escritas, a figura do Diabo representou a cultura europeia (crenças e mitos): “Sem uma iconografia fixa, o Diabo pôde ser Godzilla, um Pã desvirtuado, uma peste peluda com ou sem asas, com ou sem chifres, com ou sem cascos fendidos, feroz ou cômico” (LINK, 1998, p.193). Na visão europeia, descreviam-se as novas terras com a presença desses seres imaginados e pintados/descritos em seus relatos.

CAPÍTULO 3: A EMBAIXADA - O resultado narrado da viagem de Diogo Baduem da Serra (ou a interferência do escriba no relato oficial diário)

3.1 Embaixada portuguesa no século XVIII

Em nossa proposta de construção de um modelo de análise, buscamos observar no gênero narrativo as estruturas de constituição do “Diário do Embaixador”. A proposta de nossa investigação foi indicar como os quatro punhos representavam, em suas narrativas, as relações entre a embaixada e o Outro, durante o percurso da viagem realizada no século XVIII. Com o objetivo de observação mediante as estratégias organizadoras nos discursos desses punhos, propomos a aplicação da metodologia de Todorov à análise da estrutura narrativa aplicada às histórias relatadas pelos variados punhos do “Diário do Embaixador”.

Nesse tempo, o relato buscou descrever os fatos na dimensão da escrita. Assim, identificaram-se os valores de objetividade e da imparcialidade cabíveis à adequação ao gênero informativo do documento. No entanto, o texto não apresentou somente a descrição literal das dificuldades, situações e ocorrências enfrentadas na viagem. No âmbito da narração, o diário manifestou variados modos de narrar, pois cada punho expôs sua forma de relatar a história. A partir da temporalidade e lógica entre eventos e ações dos personagens compreendeu-se a estruturação das narrativas.

Evocou-se nas missões diplomáticas a constante função de estabelecer acordos políticos ou econômicos entre países. Propunham nas práticas administrativas o poder da racionalidade a saber da “influência nefasta do personalismo patrimonialista dos soberanos absolutos sobre a paz e o progresso dos povos” (DANESE, 2017, p.148). Inclusive, nessas missões expressavam a frequente luta dos soberanos na ampliação ou manutenção dos seus domínios. Para tanto era necessário desenvolverem nas relações dos poderes os métodos e os objetivos da diplomacia. Neste contexto, o conceito compreendido de diplomacia era

nomear a nobreza titular para as embaixadas permanentes envolvendo missões de prestígio. Numa Europa “aristocrática e cosmopolita”, representar o rei numa solenidade ou mediação exigia preparo e investimento que não estava ao alcance de qualquer um. Esse cuidado especial, com os embaixadores escolhidos em Portugal, é evidenciado [...]. Passa-se a

entender a diplomacia como uma atividade nobre ao serviço do Estado (LIMA, 2009, p.106).

Assim, tratou-se a perspectiva da articulação não somente no contexto político dos embaixadores, mas observando-se também as interações sociais e políticas nos territórios por onde passaram. Outro aspecto importante era a produção dos documentos da embaixada. O papel desempenhado por este funcionário da embaixada era a produção, organização e despacho desta documentação, a qual passava somente pelas mãos do secretário da embaixada. Contudo, o cargo de diplomático começou a desenvolver uma estabilização do serviço a desempenhar:

a partir do último quartel do século XVII as embaixadas de aparato foram aos poucos substituídas por comitivas mais modestas, menos dispendiosas e mais “profissionais”. [...] surgiram <Instruções> e compromissos de prestação de serviços, os quais fixavam, de um modo mais objetivo e claro, as obrigações do diplomata (CARDIM, 2004, p.101).

O trabalho dos secretários era responsabilizar-se por todos os escritos oficiais, por isso eram pessoas selecionadas diretamente pelo soberano. E na ausência do embaixador o secretário poderia assumir o papel (cf. GOMES, 2016, p.77). Por outro lado, deve-se observar que foram enviados representantes diplomáticos, ou seja, serviçais de confiança do próprio embaixador (cozinheiro, barbeiro, pagens, entre outros). Assim, também, existem os secretários do próprio embaixador, este diferencia-se do secretário da embaixada, que primeiro mencionado estavam a serviço remunerado do próprio embaixador, cuja remuneração provém diretamente da Coroa Portuguesa (PEREIRA, 2014, p.146).

Ocupando a função de secretário real da embaixada, possivelmente José Inácio de Brito Bocarro e Castanheda seja um dos principais nomes, dentre os variados punhos, a contribuir na produção do Ms.42. Pudemos verificar que os diplomatas ou embaixadores enviados ao estrangeiro representavam a afirmação do prestígio cultural e da autoridade de seus monarcas ou das casas reais.

O reinado de D. João V preservou o comércio com o Oriente para manter e fortalecer seus domínios conseguidos à época das grandes conquistas. Embora as colônias e o comércio na Ásia fossem considerados como fontes secundárias para a economia da Coroa Portuguesa, assumiram a estratégia de nomear membros para a aristocracia de Goa, além de encaminhareм frotas e soldados para tal objetivo.

No reinado de D. José I (1750), houve sequência na busca do mesmo interesse. Além disso, D. Jose I, por intermédio da figura de Pombal, procurou ampliar o comércio com o continente asiático. Outra marca dessa ação pombalina presente no ambiente ultramarino foi fazer campanhas comerciais.

Coloca-se, portanto, outra relação do monarca com os Estados papais. No reinado de D. João V, a não relação entre Estado e Igreja era compreendida pelos outros países da Europa como afastamento do poder. Por outro lado, na concepção portuguesa a Igreja era considerada uma aliada política que contribuía nas relações diplomáticas em outros países. Com isso, não era somente esses tipos de missões que a diplomacia cumpria. Na verdade, dependia do caráter da missão e do “tipo de enviara a desempenhar: embaixador ordinário ou residente; embaixadores extraordinários; ministros plenipotenciários.” (PEREIRA, 2014, p.145). No caso, as missões no Oriente eram consideradas problemáticas aos eclesiásticos, pois as políticas chinesas não favoreciam as relações com outras nações estrangeiras, que no caso eram desempenhadas pelos jesuítas e outras ordens religiosas.

Dessa forma, referimo-nos às semelhanças dos empreendimentos diplomáticos portugueses no século XVIII, de duas embaixadas enviadas à China. A embaixada de Alexandre Metelo de Sousa e Meneses (1725-1728), que foi enviada por D. João V, no reinado anterior, e a outra embaixada estudou de Francisco de Assis Pacheco de Sampaio (1752-1755), foi enviada por D. José I, no início de seu reinado, ambas embaixadas foram enviadas com os mesmos propósitos (diplomáticos e religiosos). Outras semelhanças destacadas pela historiadora Justine Renae Vincin (2021): (i) os embaixadores viajavam de Lisboa com a autoridade do rei, (ii) os principais objetivos eram reafirmar as relações luso-chinesa e resolver as disputas religiosas entre missionários estrangeiros e a corte de Pequim e (iii) as inovadoras (argumentar os fundamentos políticos e tributários da China) habilidades diplomáticas empregadas pelas embaixadas.

No primeiro ponto, destaca-se que as missões das embaixadas anteriores não costumavam ter êxito, por falta de experiência e conhecimento por parte dos representantes. Além disso, na metade do século XVIII, nas suas relações com Pequim, discutia-se a reivindicação do poder sob Macau, pois os portugueses esperavam o reconhecimento dos mandarins. Acreditavam, os portugueses, que

Macau era independente do Império chinês. No entanto, os chineses não reconheciam tais leis sobre Macau, pois não havia títulos autênticos da posse e domínio dos portugueses sob Macau. “Até os finais da década de 1760, foram recolhidos todos os documentos dos quais dispunha o Conselho Ultramarino e, surpreendentemente, não existiam” (CZOPEK, 2014, p.155).

A diplomacia luso-chinesa teve importantes contribuições oferecidas pelas atividades jesuíticas (Companhia de Jesus) durante as negociações. Por meio das atividades missionárias pelo território chinês, os jesuítas trabalhavam a serviço dos imperadores chineses. Estes, com seus conhecimentos acadêmicos e científicos, ofereciam contribuições ao Império, dessa forma ganharam privilégios na corte e ordem social de Pequim. Para compreender a importância das atividades jesuítas, observamos que

A persistência da religião cristã permitiu a continuidade da influência linguística e cultural nas suas formas mais duradouras. Pelos anos de 1750, o imperador Quianlong (quarto da dinastia Qing, reinou de 1736 a 1795) visitava missões do padroado português e recebia com entusiasmo uma embaixada do rei D. João V. Os jesuítas marcavam presença na capital e na corte do imperador chinês; mesmo se os padres eram então, pela maioria, recrutados em França pela Sociedade para as Missões Estrangeiras, elas operavam na China dentro do quadro do Padroado Português. Até ao final do século XVIII, o português era ainda a principal língua comercial por todo o Oriente (FREIRE, 2021, p.31).

Para a segundo aspecto, neste momento, as missões católicas na China geraram controvérsias nas ordens religiosas. O principal debate teológico discutia-se entre os ritos chineses (termos e práticas tradicionais) e os conceitos religiosos cristãos. A embaixada tinha como um dos objetivos da missão apaziguar os conflitos de ordem religiosa, mas após a querela dos ritos, iniciou-se uma nova fase de relacionamentos do cristianismo na China.

Deve-se apontar para as políticas internas chinesas, as quais tinham ressalvas nas relações com os estrangeiros, isso ocasionou o banimento dos cristãos e sua perseguição, e os que prevaleceram no território tinham a função de contribuir intelectualmente para o Império. Isso, também, prejudicou as relações econômicas e diplomáticas da China. Dessa forma, as fontes descreveram o imperador Qianlong como um tirano bárbaro perseguidor da cristandade.

A tradição chinesa caracterizou-se pelo funcionamento da vida política e cotidiana. Assim, a China colocou restrições para gerir o grande fluxo de estrangeiros. Durante “a Dinastia Qing permitirá os comerciantes estrangeiros circulassem nas províncias de Cantão, Fujian, Zhejiang, Jiangsu, embora sob a estrita supervisão das autoridades locais” (MA SIYUAN, 2015, p.38). Tais localidades referem-se às cidades onde havia o comércio originário de vários países europeus (estrangeiros) entre o Rio das Pérolas e a península macaense. Em razão da facilidade no transporte da província de Guangzhou se tornou um dos melhores entrepostos para o comércio do mundo.

Assim, neste contexto, os embaixadores eram instruídos sobre o poder e a representação da Coroa Portuguesa e deles conhecedor. Estes possibilitavam o real sucesso das embaixadas, pois se engajaram em novas estratégias diplomáticas. As relações das nações europeias detinham como principal empreendimento expandirem o comércio com o Império chinês.

Dessa forma, a China desenvolveu a diplomacia “tributária” para as relações no comércio exterior. Isso caracterizou a autoridade administrativa, na função de presidir os procedimentos (rituais) de fiscalização dos tributos internos e, principalmente, dos relativos ao comércio exterior. Desse modo, os embaixadores do estrangeiro devem oferecer tributos ao Imperador em troca da proteção e do reconhecimento de subserviência dos representantes de seus monarcas ao Imperador como um dos ritos dessa diplomacia.

Com isso, os protocolos e os rituais sustentados por ideais confucianos da hierarquia e de autoridade levaram, como acentuamos anteriormente, ao fracasso dessas missões. Na maioria dos casos, não eram bem-vistos os rituais diplomáticos por parte dos representantes estrangeiros em prestar durante os protocolos diplomáticos os atos visíveis dessa submissão (VINCIN, 2021, p.31).

No entanto o papel intermediário realizado pelos portugueses ao longo da história demonstrou serem benéficas as missões (em combaterem o contrabando/ pirataria) no comércio de Macau. Assim o sucesso dessas embaixadas deu-se pelo meticuloso planejamento e pelo aproveitamento das ligações entre os impérios português e chinês. Neste aspecto, Portugal não enviava umas embaixadas

tributárias. As embaixadas portuguesas, naquele momento, não eram denominadas nos registros como subordinadas ao Imperador.

Por isso, o terceiro ponto descreveu como inovadoras as habilidades dos embaixadores. Contribuíram ao assegurarem um acordo para continuarem seus empreendimentos do comércio marítimo. Em Macau, a diplomacia desempenhou um papel importante no comércio exterior Qing, mas nessas missões, havia outra finalidade, a religiosa. Estes religiosos também se empenharam em contribuir para o êxito das embaixadas. As instruções e soluções de problemas enfrentados por ambas as embaixadas eram descritos nos relatos para contornarem as políticas Qing.

Nesse ponto, podem-se interpretar os financiamentos e as providências da embaixada. “Considerando que o embaixador anterior forneceu respostas meticulosas às ordens que lhe forem dadas, precisará contar com a conta de Sampaio para determinar quanto ele seguiu suas instruções” (VINCIN, 2021, p.92-93). Para compreender o contexto inserido desta embaixada real de Sampaio, observamos que

as respostas regulatórias de Pequim e Cantão à crescente presença europeia no comércio marítimo tiveram consequências negativas para o comércio e a jurisprudência de Macau, prejudicando as relações com as autoridades locais e aprofundando as divisões entre as instituições governamentais de Macau. Quando a perseguição religiosa contra os missionários levou as autoridades provinciais a Macau, a cidade se viu mais uma vez a beira da crise, enquanto seus líderes lutavam para encontrar uma abordagem comum para resolver os vários conflitos. A embaixada de Francisco Xavier Assis Pacheco e Sampaio em 1752-5 pode, portanto, ser vista não somente como uma resposta às questões religiosas em curso, mas também um esforço para conter os danos causados por conflitos internos, para afirmar a autoridade da Coroa sobre os súditos de Dom José I em Macau. (VINCIN, 2021, p.91 tradução nossa)²⁰.

²⁰ “the regulatory responses from Beijing and Canton to the increasing European presence in maritime trade had negative consequences for Macau’s trade and jurisprudence, straining relations with local officials and deepening divisions between Macau’s governing institutions. When religious persecution against missionaries led provincial officials to Macau, the city found itself once again on the brink of crisis as its leaders struggled to find a common approach to resolve the various conflicts. The 1752-5 embassy of Francisco Xavier Assis Pacheco e Sampaio can therefore be viewed as not a response to ongoing religious issues, but also an effort to quell damage caused by conflicts from within, by asserting the Crown’s authority over the Dom José I’s subjects in Macau.” (VINCIN, 2021, p. 91).

Posto isso, interessa-nos abordar as ações diplomáticas da missão enviada por D. José I. Observamos no “Diário do Embaixador” as funções empregadas pelo embaixador e pelos secretários de enfrentar e de apresentar as ações inusitadas descritas no relato. Os secretários proporcionam nessa documentação as interações e a consolidação nas relações sociais de confiança. Identificamos que a atividade diplomática promoveu pelas relações políticas ou pela comercial a cumplicidade social e cultural entre os impérios portugueses e chineses. Dessa forma, os secretários do embaixador contribuíram nas escritas de seus documentos ou diários.

No documento, da segunda embaixada, “Diário do Embaixador” foram identificados a repercussão dos comportamentos tanto dos embaixadores e a reação daquela sociedade na qual se inseriam. Percebe-se que não havia uma fronteira delimitada entre a vida privada e a ação oficial (TELLES; RODRIGUES, 2020, p.26). Além disso, o documento contém listas com finalidades de informar dados da cultura e economia chinesa. Nessa parte, a escrita estava cada vez mais voltada à expectativa dos receptores. Trata-se dos mais variados graus de inter-relação entre a literatura de viagem e o nível da referencialidade; valem-se os autores dessas técnicas usuais no discurso narrativo-descritivo, para descreverem tais situações que podem pertencer ao âmbito referencial.

3.2 Tempo, aspectos e modo da narrativa, segundo Todorov

Todorov (1972) dividiu os estudos da narratologia em três partes: tempo da narrativa, aspectos da narrativa e modos das narrativas. No primeiro, compreendemos a ordem temporal era necessária para desenvolver o enredo, pela sucessão das ações.

Dessa forma, a supressão ou desdobramento nos escritos caracterizam o ponto de vista, as estratégias descritivas ao configurar a dimensão temporal em episódios, para mais do que uma simples história. Conforme o formalista Todorov (1966):

O tempo do discurso é, num certo sentido, um tempo linear, enquanto que o tempo da história é pluridimensional. Na história muitos eventos podem

desenrolar-se ao mesmo tempo. Mas o discurso deve obrigatoriamente colocá-los um em seguida a outro; uma figura complexa se encontra projetada sobre uma linha reta (p.139).

No caso, esse processo narrativo foi tecido pela sucessão de complicações no desenrolar da viagem e marcado por momentos de tensão. No “Diário do Embaixador”, compreendemos esse processo narrativo em Moçambique no dia primeiro de junho eram notificados as condições da chegada ao porto.

Junho 1º. Levandonos pellas 8 horas em que fazendo hum repiqueno mar, viramos no bordo da terra, e vencendo o baravento da barra, passamos por entre as duas restingas, que corre huã da Ca baçeira, outra do Baluarte, com que defendem a entrada que he estreira, e tanto que nos avezinhamos á fortaleza nos salvou com 21 pessas, supposto não levarmos por dis farçe a bandeira redondaçada e recebemos esta salva içando a bandeira, e a riando as Gavêas, e logo que demos fundo veio o Roquéte Cappitam de Mare Guerra da [Santola] em que havião tres dias que se achavão neste porto, e este comprimentando á Sua Excelencia lhe mandou para bordo huã lancha com seu patrão ás suas ordens, e despedio Sua Excelencia o seu mordomo a comprimentar o Governador que logo este em o seu escaler mandou a bordo hum Capitão a dar boas chegadas á Sua Excelencia; a isto se seguirão algũas vezitas conforme á possibilidade da terra, e diligente o General lhe fez prompta a apozentadoria, que sendo das melhores moradas tinhão poucas accomodaçoens, e mandou para bordo hũa embarcação armada a hiata com 20 pretos (fólio 579)

O discurso poderia conter mais de uma ação, no entanto, o fluxo da narrativa representava o pluridimensional (tempo da história), pelos retornos, antecipações ou retardamentos nos desdobramentos dessa sequência nos enunciados (os episódios, as cenas, as descrições narradas). No exemplo acima, houve uma sequência nos desdobramentos da narrativa. No “4º. Dia do Desembarque Para esta terra” (fólio 580), porém

Aos 9 mandou o Embaxador o seu Estribeiro dar parte ao General de que o hia vezitar 582 em que este diligente lhe mandou os seus palanquins com sombreiros, não jevan do mais acompanhamento que o secretario, sendo cortejado nesta passagem com os repiques dos Conventos. Determinoua Sua Excelencia seu Cappitam de mar e Guerra, o qual dandolhe parte de que se achava desprovida a Nao de todosos generos de mantimentos, lhe ordenou a que pedisse ao General hũa das embarçaçoens quese achavão ancoradas para hirem buscar os mantimentos perçizos para a nossa viagem, em que convindo o governador e descui dandose o Cappitam fizeraõ taes enredos que obrigaraõ ao General, e ao Administra dor da fazenda

Real a que estes obrigassem aoCappitam a que corresse o risco daque lla embarcação sobrea Nao, pois estavam çertos não ser de El Rey, mas sim de hum seu vassalo, e nisto se passava o tempo sem determinação algũa de socorro para a viagem, chegando a tanto que quizerão protestar a Nao ao Govvernador; o qual dizia que para o Embaxador e sua familia tinha mantimentos promptospara a sua viagem, que com esta resolução forão chamados todos os offiçiaes a bor do a conselho, em que consultarão meterse gente na embarcação, e su geitaremse a tudo, pois elles forão a couza enganando o General, dizendo, por hũas bocas que era hũa fragata de El Rey, e por outra se ouvia serde Vasco lourenço, e com esta confizão em que se via o General, foy Deos servido que entrasse neste porto (fólio 582).

O encadeamento dessas ações estava ligado à lógica narrativa, mas, nas leituras dos quatro punhos, observamos a partir da forma estrutural no texto (diário),o encadeamento da história. Ou seja, as informações e situações foram narradas, em ordem cronológica; somente se inicia outra história quando a anterior termina.

Os eventos são colocados em uma determinada ordem, na qual consiste em uma sequência narrativa. Assim, Todorov (1972) definiu a narração por quatro divisões sobre o enunciado narrativo, ao destacar:

A intriga mínima consiste na passagem de um equilíbrio a outro. Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que força qualquer um e a perturbar. Daí resulta um estado de desequilíbrio;por ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido, o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, masos dois nunca são idênticos. Há, por conseguinte, dois tipos de episódios na narrativa: os que descrevem um estado (de equilíbrio ou de desequilíbrio) e os que descrevem a passagem de um estadoa outro (p.124).

A capacidade de contar uma história configura e reconfigura uma intriga, são dispositivos argumentativos, utilizados para construir uma narrativa. Observamos que quem constrói a narrativa possui motivações para produzir certos efeitos. Nesse sentido, o estilo de escrita e o conteúdo permitem explicar a intriga pelas ações humanas. O uso produz os recursos linguísticos e extralinguísticos em efeitos diferentes nos leitores. O contraste das características narrativas se dá, segundo Todorov, pela diferente intenção de cada estratégia discursiva. Podemos compreender o esquema narrativo de Todorov por:

1. Apresenta os personagens, espaço e tempo;
2. Abre um processo (o que gera a tensão);

3. Processo (o momento de tensão);
4. Encerramento do processo (consequência ou solução).

Na tessitura da intriga a escrita constrói uma realidade, mas constitui outra realidade, a simbólica. Estas resultam da apropriação de experiências, do escriba, no discurso objetivo, a finalidade externa de relatar os fatos (o mundo real). O relato referencial e o texto literário compõem a recriação do ambiente, ou seja, ambos representam a recriação dos fatos. Nesse sentido, apontou Tzvetan Todorov (1972, p. 231-232) como a história e um discurso ao mesmo tempo são compreendidos.

Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a recebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los.

Ademais, os aspectos narrativos referem-se ao foco narrativo, aos “diferentes tipos de percepção, reconhecíveis na narrativa [...] Mais precisamente, como o aspecto reflet[iu] a relação entre um ele (na história) e um eu (no discurso), entre a personagem e o narrador” (TODOROV, 1972, p.236). Dividiu-se em três narradores. O primeiro narrador desenvolve sua visão por trás das personagens, aquele conhece as ações que se desenrolam e participa da narrativa. Transmite as emoções e o ponto de vista do narrador.

Na segunda visão, “a narrativa pode ser conduzida em primeira pessoa (o que justifica o processo) ou na terceira pessoa, mas sempre seguindo a visão que um mesmo personagem tem dos acontecimentos” (TODOROV, 1972, p.237). Diferente da terceira visão, de fora, limitam-se a contar a história, sem se envolverem nela. A narrativa permitiu ao leitor acompanhar os acontecimentos devido ao êxito em construir o relato.

A partir do conjunto de acontecimentos descritos na escritura dos punhos, esses escribas selecionam os fatos que consideram relevantes para a construção da

narrativa. O relato aproximou a realidade dos fatos narrados, entendemos que os escribas não veem uma distinção entre linguagem e realidade. “A narrativa nunca obedece a uma ou a outra a força, mas se constitui na tensão das duas” (Todorov, 2004, p.22). Os eventos desencadeados representam o fio condutor desse processo narrativo, se baseou nas ações explicitadas pela sequência de ações realizadas pelos “personagens” e pelo ponto de vista (dos punhos) ao longo da narrativa.

Servindo-nos também de Roland Barthes (1977, p.161), no processo da escrita, observamos uma forma recorrente na construção discursiva que tensiona o movimento das ações ou acontecimentos na escrita fragmentada. Portanto, assumimos que os relatos foram desencadeados ou motivados pela escrita por um evento incomum. Ademais, na leitura desses relatos evidenciamos uma sequência de ações entre os dias dos meses ou no mesmo dia das anotações, revelando as intervenções pessoais dos punhos no diário para observar e/ou denunciar um determinado assunto naquele período. Cabe pensar em outros aspectos, relacionados a diário de viagem, a questão aprofundou-se nos atos da escrita dos viajantes (punhos).

3.3 Interferências: A “técnica do episódio” empregada na composição do “Diário do Embaixador”

3.3.1 No punho 1

A “técnica do episódio” empregada na composição do “Diário do Embaixador” é descrita por uma sequência de narração dos fatos dia após dia. Nesse processo, observamos que não há episódios isolados, tudo é sempre relacionado ao todo, no qual ganha uma significação. Entretanto, há que se observamos dois pontos importantes nesta organização:

1. A narração em geral foi feita de memória, pois a datação seguia uma sequência de dias e meses, como, por exemplo, no mês de julho:

No dia 13 pella manham leuamonos ia na companhia das Naus françezas e dej chando pella poupa hum Ilhote a que chamam Obotam paçamos o outro chama do Obarrete fugindo a huma rocha que tem ao Sudueste 14 pes de alto, ja com grandes calmas por estarmos vezinhos ao Sol e falto dos uentos entre aquelles e leuados Montes demo fundo defronte da ponta de Bantam Obrigados das grandes correntes que aquí ha sem regularidade alguma, pois vazando o mar 20 horas, encheo somente coatro; Semque ahinda este cauculo=seja ordinaria:mente serto pello que fomos expremetando por todos estes es trejtos.No dia 14 recolhemos amara mas sem prouejto, porque a falta dos uentos nola fes largar outra ves. de route se leuantou algum vento que valendo:sse os françezes delleo amanhaçer nos dezapareçera e soconheçemos huma charrua Olandeza que hia para betauia soltamosas uellas pellas seis horas da manham e demos fundo pellas seis datar de em 40 bracas; E com medo dos bachos das duas Irmañs deque nos jul - gauamos perto não aprouejtamos hum vento fauoraueique nos veyoa route,. Que no dia 16 nos ueño a proa; e ancoradosali todo o dia finalizamos a nouena de Nossa Senhora do Carmo a vista de muitos Ilhotes de que he este mar pouoado, nauegamos. (fólio 19)

Observamos, acima, a sequência dos dias que descreviam objetivamente o andamento da viagem. No entanto, as datas poderiam romper essa sequência pela falta de novidades ou de informação, como no mês de abril, em que houve um saltodo dia 23 para o dia 30, a seguir, apresentado:

23 Nesce dia nos tinha rendido o uento de sorte que podemos hir com a proa a o Sueste ahinda que a bolina nos seruia ao nosso caminho de que athe ali ja nos resfres cauam os ares e nos amiaçauam alguñs chuvejros tendo hum delles em a route anteçeden te resgadonos a gauia, que tiueram imenço trauvalho os marinhejros para meterem outra ficamos em a latitude de 28 grause 33 minutos e na lonjetude de 3 graus e tres minutos ten do avançado mais para o Sul 282 leguas e hum terço para Oeste 43 leguas e para-Leste 164. R\$ 30Faltounos ouento com que no dia antecedente se tinha avançado bastante caminho mas com esta falta ja hauia dias que o lementauamos porem recebendo as çuas vezitas que nos fazia que nos fazia por horas não poupaua mos o trauvalho aos homeñs nem o pano a mariaçaõ que ja heram o maisdelles nouos, como quem se hia perparando para o Cabo da boa esperança que supunhamos vezinhos; Os dias se

deminuiam, e os frios se acreçentauam; E ja moderados de ropa porque nos pareçia nuerno: A latetude deste dia foi de 32 graus e 6 minutos e a Lonjetude 18 graus e 44 minutos tendo acrecentado caminho parao Sul 49 leguas e hum terço e para Leste 228. (fólio 9, grifo nosso).

2. O critério de divisão em episódios foi diferente. Na narração eram os subtítulos desenvolvidos pelos punhos para dividirem os assuntos e temáticas de cada lugar. Na China a visão objetiva do escriba relatou os assuntos relevantes (economia, política e religião), enquanto os demais pontos da viagem eram divididos de forma a demonstrar o percurso da narração mais “afetiva” e menos objetiva, em relação ao que se espera de um diário.

A narrativa que o primeiro punho faz da viagem descreve entre outras finalidades as intenções de averiguar práticas religiosas no território chinês (disseminar a religião Católica). Podemos afirmar que a escrita desse punho destacou a necessidade de seguir a organização cronológica definida pelo cronograma de novenas, trezenas e orações. Os padres jesuítas precisavam cumprir ao longo da viagem.

O Diário do Embaixador revelou a contribuição dos jesuítas a bordo das embarcações rumo à China na primeira parte do trajeto. Os missionários atravessavam os oceanos com a função de evangelizar novos povos. Tornaram-se, também, símbolos da expansão marítima dos portugueses. Além disso, os missionários revelaram um papel importante em manter a coragem dos navegadores durante os intempéries e obstáculos ao longo da viagem. Nesse aspecto, as práticas religiosas estavam registradas no relato, principalmente, os métodos usados pelos padres. O passo mais importante no caminho do cristianismo era a pedagogia dos missionários. Compreenderam-se pela organização, pela estrutura com programas, pelos horários e pelas práticas sobre os preceitos cristãos.

De acordo com Beus (2013, p.3), compreendemos a veneração dos santos na escrita da primeira parte do trajeto (de Lisboa a Macau). Os missionários dedicaram-se a dois santos diferentes ao mês, a seguir, observado.

Figura 7: Programação de Novenas

March 4-13	St. Francis Xavier	Patron saint of this voyage
March 12-20	St. Joseph	Husband of the virgin mary
May 1-9	St. Anne	Mother of the virgin mary
May 14-20	St. John	The Baptist
June 1-13 (trezena)	Saint Anthony of Padua	Famous for his missionary work in Asiaand his knowledge of doctrine
July 8-16	Our Lady of Mt. Carmel	The Virgin Mary in her role as patronsaint of the Carmelites
July 29 to August 6	St. Francis Xavier	Patron saint of this voyage
Figure 1. Schedule of novenas and trezenas on board <i>Nossa Senhora</i>		

Fonte: BEUS, 2013, p.3.

Legenda: Trata-se do contexto histórico cristão.

Para facilitar a compreensão no modo como o narrador do primeiro punho relata, foi pertinente evidenciar a relevância das atividades religiosas desenvolvidas na viagem, pois, a partir delas, buscamos estratégias capazes de direcionar a ação de “contar” e de “mostrar” a história. No “Diário do Embaixador”, desde o início a intervenção pessoal do punho na narrativa ficou evidente. Seleccionamos, para ilustrar esta afirmação, uma situação inusitada de um padre “exigir” de Deus uma graça imediata, segundo o relato do primeiro escriba, a seguir, descrito:

hum terço acabada a trezena daquelle dia vendo hum dos Padres da Companhia que acalmaua o uento e que hauia tres dias que heramais brando se rezolueu a che gar a Santo antonio com algumas jaculatorias escandelizado de nos hir Faltante com que nos tinha prinçipiado na çua trezena; e tirando:lhe o minino dos braços lhe premeteu não lho daria athe que comrespondendo a nosa devoção nos dece ventoFauoravel a tam longo caminho comoahinda nos restaua; algum dos sirir cuñstantes se escadelizaram deuotosdaquella sinsera graça e mais que todos hum leigo da Companhia ao que mostraua homem de boa vida o qual pedio ao Padre que restetuhice aquelle sagrado furto que helle ficaua obrigado a que o Santo se não des cujdaçe mais da nosa neçeçidade foi cazo selbre que logo dahi a meya hora se leuantou hum ventinho que fazendo:se de noute

fresco já paçaua de fauora uel e junto ao jantarse conheçia tromenta aqui asepuzemos vingança do santo mas ja arependidos do brinco foi o Padrepautaua a culpa a noute acabada a nouena pedir lhe contrito o indulto daquella ofença, e permetendo:lhe que ahinda que os seus descudos paçagem a esquecimento lhe não daria mais semelhante infa do e que sellenbraçe de que pello tenpo em que apeteendo o martirio pertendia hir a samiar a africa o trigo puro do euanjelho e rega la com o seu proprio sangue e que aquelle Moñstro das aguas ou o inçulente ao seu Respeito ou desuaneçido com o seu embarque sem que lhe condesendeçe com o seu afeto obrigar com teri ueiñstromentas a restituir outra ves (ou padeca) aquelle susto da sua asistencia, (fólios14-15).

O episódio ocorreu entre os dias 07 e 13 de junho de 1752, em consequência de os ventos não serem favoráveis, durante três dias. A embarcação permaneceu parada. Por isso, um dos padres que realizavam as trezenas iniciam as orações jaculatórias dedicadas a Santo Antônio de Pádua. Porém, na falta da interseção e ações por parte do santo, desencadeou-se a revolta desse padre. Segundo Todorov (1972) destacou, o discurso, compreendido como o relato do narrador, representa a forma como o narrador nos faz conhecer os acontecimentos, os personagens e suas ações.

Neste caso, o que chamou a atenção foi o trecho “restetuhiçe aquelle sagrado furto que helle ficaua obrigado a que o Santo se não des cujdaçe mais da nosa neçeçidade foi cazo selbre que logo dahi a meya hora se leuantou hum ventinho” como vimos acima, pois ele evidencia a interferência do narrador pelo uso da sequência de episódios. Dessa forma, observamos em ordem cronológica a narrativa. O acontecimento inicial, do santo não interceder no clima, desencadeou sentimento de revolta no padre. Após essa ação houve uma mudança na narrativa, pois o uso da intriga durante a narrativa intensificou as consequências das ações.

Todos os escribas intensificaram a tensão. Nesse sentido, entenderam que essa ação desencadearia atos punitivos. O texto molda, de acordo com os desdobramentos ocorridos, o leitor a seguir o ritmo, caminhando para o resultado dessa perspectiva, que foi a abstração do escriba em sugerir que a tripulação compreendeu que o santo se sentiu ofendido em relação à ação do padre.

Os devotos confiavam e acreditavam no poder protetor das imagens, portanto, perpetuavam uma relação de poder, com vistas à manutenção de um ideário comportamental baseado nos fatores coercivos e exteriores que vigoravam na estrutura social da época. Nos escritos do “Diário do Embaixador”, os santos e as missas onde os símbolos católicos eram expostos revelavam a veneração dessas

crenças católicas. Nesse sentido, o diário colaborou com a reflexão dos usos de símbolos e de imagens, pois retratam a condição vinculada a um contexto dereflexão às ideias sacras e, assim, os escribas exploram a vulnerabilidade do ser humano ao prender a criatividade a um símbolo ou imagem, como exposta pela afirmação de Todorov (1977, p. 293). “Os símbolos nunca são como qualquer espécie de signo, senão o resultado de uma evolução que criou uma relação involuntária entre as coisas: eles não se inventam nem se impõem no próprio momento.”.

A aparição dos elementos simbólicos da Igreja Católica representava, no texto, a obediência e a persuasão às práticas e crenças cristãs. Mas nesse episódio, durante a cena do castigo, observou-se no discurso a transformação das ações do personagem (padre). Nesse sentido, o olhar que testemunha e narra não registra de formadistante e objetiva os acontecimentos. Com isso, referimos que no relato o primeiropunho impregna com sensibilidade de quem presenciou e esteve em risco duranteo tempo instável (chuvas e ventos fortes), ao não poupar a verdade quanto à vulnerabilidade ao temor sentido por todos os viajantes, além de reforçar que taisatos serviam de correção pela ação cometida, e a aplicação dessa tratava-se de inibir a falha na obediência dos devotos, em particular, do padre.

que os oradores chorauam tam violentas lagrimas como deuotos, que como quem tinha a Deos nos braços nos deçe a conhecer tambem a graça da çua mam, mas parece que naõ satisfeito ahindao Santo a desconçolaçaõ que tiuera daquelle robo continuou a nosmortificar com dobrado vento, E moñstruozas ondas paçamos a Noute com aquella fadiga lutando os mares athe que pela manhamtomando o uento as forças que nunca teue nos prometia outras 24horas de mais trauvalho! Mas foi Deos seruido; que acalmado comhum chu vejro se paçaçe ao Norueste e nos ficou fauorauel mas sem poder sosegar=a Nau com os muitos balanços que daua das grandes ondas que lhe ficaram; estas sam as cordoadas com quenos singio Santo antonio a quem nos por testando naõ lhe re petirmotiuos lhe votamos mayhor respeito hera o frio da sorte ja porquique em jelando: sse as manus aos homeñs sem poderem apertaras cordas, fugiam ao trauvalho e custaua muito ao mestre faze lostornar a helle por se esconderem pellas cubertas com uentos rijos e demaziados chuvejros seguiamos a nosa viaje com o trauvalho dopano que nos obrigava a estes sobressoltos (fólio 15).

A narrativa comenta aspectos do mundo (exterior). Entretanto, compreendeu-se que o testemunho ocular sobre as ações vivenciadas era as experiências do escriba (a sua visão). O compromisso da escrita diarística era relatar os fatos de forma imparcial e, no entanto, observamos na escrita aobjetividade e parcialidade nesses

discursos. Por isso, o valor contextual atribuído ao “Diário do Embaixador” revelou ser importante na escrita deste punho, era um artifício da escrita a serviço do seu olhar (europeu), como, por exemplo, “hum chuveiro se paçaço ao Norueste e nos ficou fauorauei mas sem poder sosegar=a Nau com os muitos balanços que daua das grandes ondas que lhe ficaram; estas sam as cordoadas com que nos singio Santo antonio”; assim, o relato desse escriba intercalou as relações vivenciadas no cotidiano com o seu discurso religioso.

Nesse episódio, compreendemos que o relato diário se elaborou a partir dos aspectos subjetivos (efeito do real), como uma aproximação não objetiva/subjetiva com os fatos vivenciados (reais). Percebemos a interferência do escriba em referir-se à realidade nesse episódio, no momento de descrever o efeito do real ocasionado pela ilusão de realidade. De acordo com Barthes,

A verdade desta ilusão é a seguinte da enunciação realista, a título de significação de denotação, o real volta para ela, a título de significado de conotação, pois no mesmo instante em que esses detalhes são supostos denotarem diretamente o real, eles não fazem mais que os significarem sem dizê-lo (1972, p. 43).

As experiências brevemente relatadas dos longos dos dias podem ser vistas como confissões, pois apelaram ao santo, com intuito de continuar a viagem, mas a verdade foi que os escribas estavam sempre próximos a condições terríveis, compreendidas pelo medo e pela morte, como, por exemplo, no apelo do padre ao utilizar “aquele Monstro das águas”. Neste período de isolamento no mar, o diário foi o meio de manifestar as agruras experimentadas por aquela embaixada, e, portanto, essa atitude de autocomiseração seria uma forma de estruturar a partir do ponto de vista, do primeiro punho, a contemplação das frustrações, dos medos e das dúvidas.

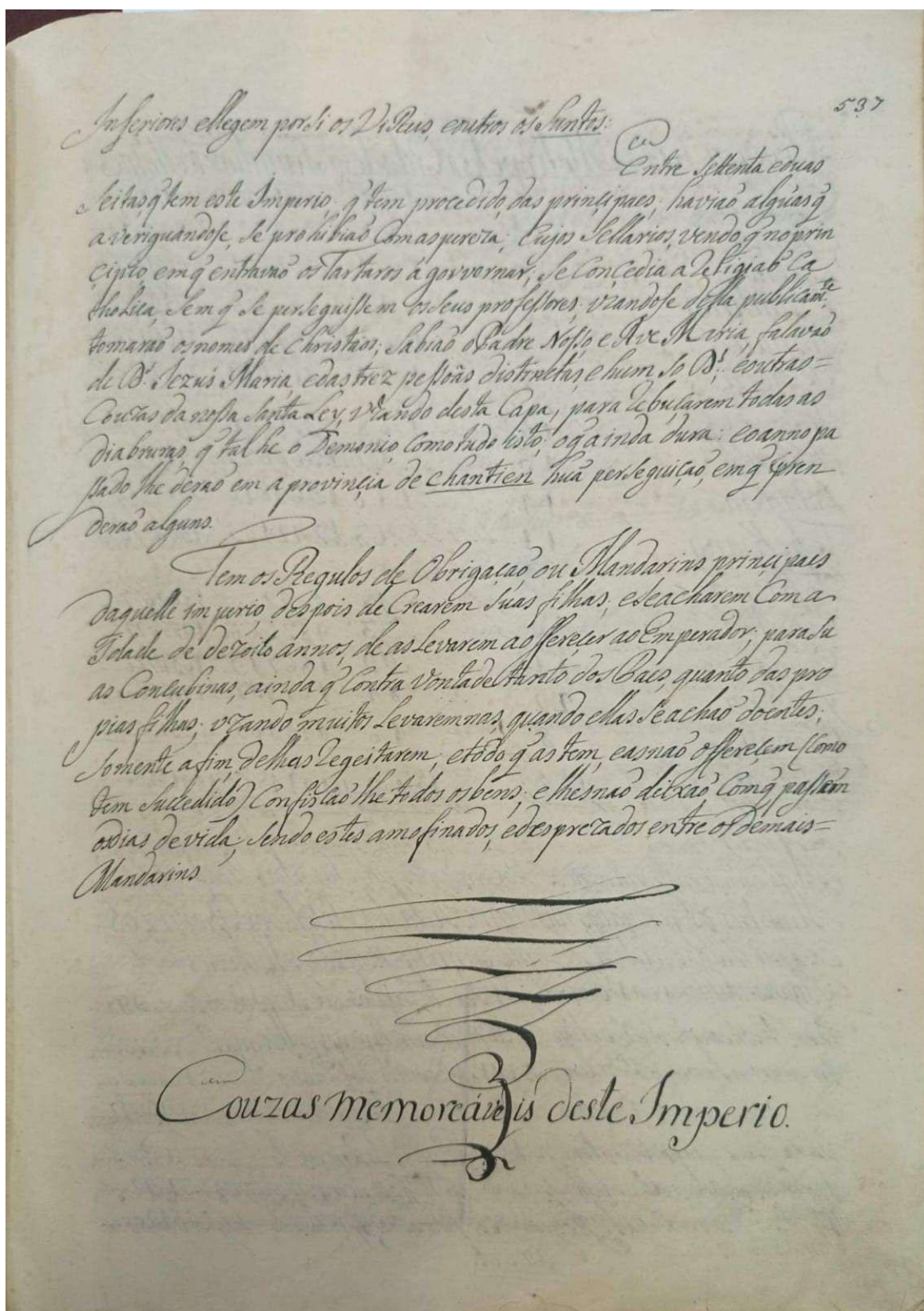
Além disso, no final desse episódio, depois de tantos sofrimentos, as interferências aproximaram-se dos interesses religiosos como forma de manter a fé cristã por parte dos fiéis e desenvolver nos gentios a mentalidade evangelizadora cristã, por isso, no

dia 13 não deu lugar a dizer-se missa a Santo Antônio e se lhe acabou a trezena; de tarde os soldados lhe armaram na coberta um grandioso altar festejando-o com muito bem concertada música que até ali lhe tinham repetido no mesmo lugar a sua trezena” (fólio 16).

Assim, a escrita transformou esses estados vivenciados (de circunstâncias penosas) em momentos de resistência à integridade e da fé cristã até Macau.

3.3.2 No punho 2

Figura 8: Registro do punho 2 no Manuscrito 42.



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Descrição das "Coizas memoráveis deste Imperio" (fólio 537) no punho 2.

A China imperial seguia uma estrutura hierárquica de poder e de tradições milenares durante o reinado do Imperador Qian-long (1711-1799), o quinto imperador manchu da dinastia Qing. A organização imperial chinesa era o “poder centralizador na Corte era exercido em todo o território, com a autorização do imperador, pelos mandarins, que se constituíam na elite letrada do país” (PALAZZO, 2014, p. 16). Nesse tempo, as políticas chinesas entre os estrangeiros não eram favoráveis, porém, segundo Palazzo, “quando a Companhia de Jesus decidiu que enviaria seus missionários para o interior do Império, o enclave português se mostrou um excepcional ponto de partida para o estudo do idioma e o contato com os hábitos chineses” (2014, p. 17).

Neste aspecto, compreendemos que os mercadores e os eclesiásticos caracterizavam as intermediações das relações entre os dois impérios, o chinês e o português. Dessa forma, os mercadores e jesuítas representavam o projeto ultramarino desenvolvido em Macau, o que contribuía com o desenvolvimento de sua pátria e atendia, também, aos interesses da Igreja. Outra solução encontrada pelos eclesiásticos para desenvolverem suas atividades no interior do império chinês foi explorar as variadas relações de poderes desenvolvidas entre a elite letrada chinesa e a jesuítica.

Estabeleceram-se relações entre uma das mais poderosas instituições europeias do período moderno e o maior império asiático do mesmo período. De um lado, havia o interesse chinês em explorar a ciência ocidental para dominar os saberes e habilidades dos missionários da Companhia de Jesus como parte de seus projetos de controle político e cultural; de outro, os jesuítas recebiam a proteção dessa elite letrada para ter acesso a diversas áreas do império para desenvolver os planos da missão.

No caso do “Diário do Embaixador”, a situação demandou o apoio de outros jesuítas que estavam diretamente ligados à corte e contribuíram para o êxito desta embaixada portuguesa enviada no segundo ano do reinado de D. José I (1750- 1777). Este solicitou, com finalidades diplomáticas de estreitar os interesses entre lusos e chineses, ligados ao comércio ultramarino e religião cristã, a ida da embaixada portuguesa para a missão da China em 1752, chegando a Macau em agosto de 1752, que era, para todos os ocidentais, a porta de entrada na China. E se juntaram aos outros padres retidos na corte do imperador em Pequim no ano seguinte.

A importância do “Diário do Embaixador”, nessa parte do trajeto, foi representada pelo segundo punho ao descrever os costumes locais, a fauna e a flora, assim como o encontro entre culturas (portuguesa e chinesa). Por isso, observamos na narrativa elementos constitutivos da conquista espiritual no oriente. Nesse contexto, as conquistas espirituais representam no pensamento europeu a religião católica como a única religião verdadeira, e, assim, foram associadas as culturas não cristãs ao Diabo e denominados de inimigos da fé. Nesse sentido, identificamos na escrita, deste punho, as tensões nas diferentes definições, representações e manifestações culturais sobre outras civilizações não europeias (cristãs). O texto, com a presença de uma escrita alegórica, de apelo instrucional, transpõe valores cristãos e moralizantes ao descrever a presença dos Diabos e uma iminência do mal, nos rituais e crenças dos Bonzos, “chinas” ou “mandarins” (assim referenciados pelo “Diário do Embaixador”).

Os jesuítas descreviam as entidades desconhecidas e diferentes a partir de um inimigo conhecido (o Diabo). Segundo Carvalho, “a demonização não significava o rechaço absoluto ao Outro, antes era uma tentativa de estabelecer pontes analógicas por meio das quais o diálogo intercultural e a negociação do universo sagrado podiam fluir” (2015, p.752). Partindo dessa percepção, localizamos no “Diário do Embaixador” no total seis Diabos ao longo do percurso na China, mas discorreremos sobre dois episódios relevantes com o propósito de compreender as interferências do segundo punho na escrita.

O primeiro episódio da ocorrência, nos dias 06 a 09 de fevereiro de 1753, encontrava-se na vila de Ouvangahien, na província de Kianci, quando o sargento da embaixada deu falta de dois soldados (um deles era Manoel Antônio, e o outro, Manoel Lopes). Nesse momento, o embaixador ordenou as buscas para localizarem os dois soldados portugueses no Império chinês. A embaixada conseguiu notícia no dia 08 de fevereiro:

neste dia os acharam viuos, e quaze mortos de frio e fome, e os conduziram para huma estalaje adonde paçaram a noute. e no dia 9 chegaram a Cidade adonde os estauam esperando que com estanutiça bem se podera sopor alegria com que todoz fiquariamos; estes muy amarelloz, mortoz de fome, cançados, e preguntandolhes o suçudido contaram desta sorte, que saltando embora viram humas sepulturas com çuas bandejas e que indo a uellas se perderam; e como lhe anouteçe no meyo de huñz montez ca hio hum delles dentro em hum Rio que para sahir delle foi perçizo valerçe das a bellidades que em huma ocaziam destas seruem aos homeñz! Nadando se saluou; Fiquando toda aquella noute embrulhado noz mesmoz vestidoz, e chouendo sobres helles muita

neue; e no dia seginte em que auistando huma caza a qual lhe não quis dar a brigo; e como hum delles leuaçe humaz palhas que tinha tirado de hum ninho e outro hum as eruas, que tinha apanhado naquelle canpo o que lhe seruia de mantimento sem queestesse coubeçem explicar com aquelles gentioz pediram fogo parase puderem agentar que compadeçido delles hum jentio o leuou a çua choupana e lhe deu fogo como tambem a cada hum huma tijellade arroz e que lhe seruio de muito sustento por estes se acha remmuj debelitadoz; e a tenpo que estauam comendo lhe appareçeram aquelles Solda dos chinaz e moztrando lhe estez hum papellemcarnado poreçanoz lhe diçeram que vi nham em procura dellez! Isto lhe seruio de grande esforço; e o conduziram a huma es talajeadoonde os tretaram bem sem que aquelles gentioz lhes fizeçem couza alguma mais do que o não lhe quererem dar abrigo por naõterem dizpois que dar conta deles (fólíos 69-70).

Assim, os fatos foram descritos, mas não ficou claro o que motivou esses dois soldados a tantos “castigos”, por isso, o segundo punho concluiu:

porem eu suponho que o qui leuou estes pobres a terra, foram hunzdiaboz que em a uegia se uiheram fazer patentes estes muy infeitadoz guarneçadas as cabeças de muitas flores e algum tanto caiados estas ou estes diabos he que seriam a cauza delles padereçerem tantos trauualhoz e nos tantasaflicoiñz: premiou o embachador grandiozamente ao mandarim, e o mesmo fes aos soldadoz que tinham tido aquelle trauualhoa quem mandou dar huma grande porçam de dinheiro e com grande jenorozidade; a este mandarim falou e lhe deu asento asejtando esta vezita pella boa deligencia que tinha feito; aqui nesta Sidade hauiam alguñs cristausqui hum delles veyo falar a Sua Excelencia leuando:lhe o seu prezente pella rezam de que ninguem vaj vezitar que não leue alguma couza ainda que seje hum ouo, este lhe leuou hum aratel descurçiunejra, que em recompença desta o premiou o embachador com uarias galantarias de prata (fólio 70, grifo nosso).

Desse modo, a presença do Diabo justificava a existência dos problemas na visão desse segundo punho. Nesse sentido, compreendemos outra estratégia do escriba para dar uma maior ênfase à crença do Diabo. Este argumentou por meio das atitudes e das ações realizadas pelos “chinas” uma forma de explicação para os leitores a respeito dos pecados; no caso, os escribas referem-se às diferenças dos costumes, testemunhados na escrita através deste depoimento pessoal ao visualizarem a presença do Diabo no cotidiano daquela vila. Tal discurso expressou o olhar português sobre as consequências daqueles “castigos” realizados pelo Diabo por meio das tentações e das curiosidades despertadas naqueles dois soldados portugueses. Assim, o cenário nesse episódio produziu muitos efeitos de

sentidos grotescos ao expressar a credibilidade no enunciado e dar detalhes do Diabo e de suas ações.

Ademais, o punho utilizou outra forma de informar as suas interferências, a partir de uma “consciência” individual, um “eu” representado na escrita do “Diário do Embaixador”, o que correspondeu à autorreferencialidade estabelecida por uma produção de sentidos no momento que o escriba explorou o Diabo no discurso. Identificamos com isso a representação imagética do Diabo, pois a Igreja foi bem-sucedida em não representar uma única iconografia do Diabo, pois preocupou-se em usá-lo sem um rosto específico, enquanto elemento de doutrinação e coação, “[...] porque os castigos e sofrimentos parecem reais mesmo quando os diabos não aparecem” (LINK, 1998, p. 148). Isso nos remeteu a outro trecho no “Diário do Embaixador”, que relata a aparição do Diabo no banquete realizado por um governador na China,

Chegando ao palácio onde todos se apearam, exceto o embaixador, que entrando na cadeira para dentro, ao qual o veio tirar o dito governador e o conduziu ao som dos muitos instrumentos para uma sala fronteira a um tablado armado de custo e bom gosto e logo secunduziram os criados particulares para outra sala à esquerda, na frente da qual ficaram os soldados ministraram as mesas com chá e doce, saindo ao mesmo tempo muitas figuras adornadas de ricose diversos vestidos que representaram comédias, intremeses, tragédias, várias danças e caçadas, em que mataram os caçadores um veado de cujo tiro caiu, fazendo uma cabriola. Naturalmente apareceu também o diabo manejando o tridente (habilidade rara) sem que este nunca lhe caísse no tablado, condenando várias almas saindo de esfusio com muitas labaredas de enxofre e com outros muitos diabretes (fólio 512, grifos do autor).

A figura diabólica descrita pela percepção religiosa do segundo punho fez relações entre o domínio e a autoridade sobre o destino das almas heréticas. Dessa forma, o “sentido de julgamento e decisão se encaixam bastante com o papel desempenhado tradicionalmente pela Fortuna, o que pode explicar a aproximação e o empréstimo de elementos entre essas iconografias” (MONTEIRO, 2022, p.214). Assim, o texto descritivo manifestou o recurso *ut pictura poesis na Poética* de Horácio, o que “nas margens da retórica e da poética, em um espaço intermediário em que se reúnem a metáfora e o visível” (LINTCHTENSTEIN, 1989, p. 68), nos discursos em que são narrados nas imagens pictóricas e iconográficas.

Desse modo, as palavras simulam imagens as quais formulam no campo da visão metáforas sobre o Diabo chinês. Segundo Link (1998, p.18), o tridente associado

à imagem do Diabo é “[...] resultado de influências clássicas”, ao relacionar o mesmo instrumento do deus grego Posêidon ao Diabo. Este era detentor de uma “habilidade rara”, outro modo de interferência do escriba, mediante o uso do recurso *amplificatio* que era “não apenas para a comoção e o deleite, mas também para reforçar a credibilidade, pois permite ilustrar o discurso verbal – aquilo que se torna “visível” comove mais intensamente e opera a favor da argumentação”(RODOLPHO, 2014, p. 102), evidenciando como se estabelecem certas associações no sentido emulativo. Demonstraram-se, portanto, na perspectiva do escriba, suas duas principais formas de interferir na escrita ao refletir a visão desta embaixada portuguesa, as questões voltadas à construção de uma sociedade pagã. Assim, a crença na imagem do Diabo fortaleceram a oposição entre os valores da ética cristã e dos valores não cristãos nos discursos apresentados.

3.3.3 No punho 3

Figura 9: Registro do punho 3 no Manuscrito 42.

Em seu reino, e de por quatro negros cativos, e sua quantidade de 593
 negros, todas descalças com seus paños, e a cobrasi os corpos, e a cabeça sua
 capela de misanga, e ainda q' alguns usavam de boné ou de capote, e a calça
 de seda, ou de seda, ou de seda, com hum sapete, e hum almoçada de caméce
 ou de tudo com, e os gachos e breve sapete, e a jaqueta de almoçada q' se
 apanhavam q' toda esta ostentação na fôr de cada cativo, e se propo ao de
 Labia, por q' em cada tempo andas descalças o com hum paño como os negros os
 negros suas fronte com o langotim q' he a dorma dos portugueses, e do mesmo
 malhorie e as malatas, e negros q' todas estas trajas, como os gallegos, ha na Cide
 os portugueses certos tem hum barba e exaltando costume q' comprando por
 mais de seu negocio algum negro he fazem conjunção de sua negra a q' apelida
 Lanceta, e contentem q' emmo amancadado, e q' todos vras em the os mesmos celos
 q' de modo q' he de modo a q' vras q' todos falam e se me conta haver hum morador
 q' este tão grande peccado, a q' cabendo os. E assim a terra firme donde elle tem
 suas fazendas, e os moradores seus palmaros nesta ha varios lugares, como he a Cabacera
 grande, e a pequena, e a quitungonha, São Cul, q' neste todos os moradores São Moisés
 ou moros e chamados de que, e entre ellos tem o nome de Pezo, estes he q' governa
 e os a q' uelles de xinhos preto, e Cobras, e o de de nro Monarca q' vem a ser huns
 tantos paños, ha mais o lugar de Montevila q' fica pouco distancia da Cabacera, como
 he a de gila, cada hum destes tem seu Capitañ Mo, e todos os moradores a fim
 moros, e a fôr, e portugueses a auxiliarem, e o lugar de Montevila, e moros e de
 Mubangu normezas de Maio, Junho, Julho, Agosto, e ainda Setembro, a fôr
 rem negros, e este conta de misanga, q' a trocá por negros, e por mais q' este gene
 ro de contrato, trahem outros negros, q' vem de outras terras, das queos gastas dias de
 Catimbo, e por causa deste negocio, houve tão grande ruina, como fôr as mortas de tan
 tos Officiaes e soldados tão valentes e honrados, e mais he o de de de q' tiveram as armas
 Portuguezas, perdendo em tão deshonesta occazião as herrias accoas, q' ja parecias ete
 nas, pelo q' tinham de alenta das: e toda esta origem manou de Montevila, e de onde ha
 via hum Ajudante do Captañ Mo, a qual hinda ao leito de Mori mundo com hum pouco
 de fato p' fazer o seu negocio, os Captañ tanto q' da o a paschadas, he fortas e fato q' de
 va va fôr por fôr feito a dita Ajudante o mesmo quando elles vinha as negros te
 rras a fazerem seu negocio, com q' aggravado o Ajudante, se veio queixar ao seu
 Captañ Mo, e este immediatamente se apresentou ao General a q' uelle insulto aju
 dado dos maos moradores, e a paschadas de modo q' intentou hir tomar vingança q'
 oxala tal nao fôr, q' monta as armas Portuguezas, e deia tão exortadas da glôria
 palmas e triumphos q' a prole da citana tem se portado, e quem dirá todo este exor
 to do Captañ Mo, e nas fôr de interesse, sendo sócio no mesmo fato, e não querendo, e
 Companheiro na morte, com os maos Officiaes q' da moros: amestado o General
 e em mais alodo, he mandou da Guerra, todos Sabem a o Commum a fôr de q' que
 ainda sejas, e he o mesmo com o Conselho, e a doura Capacidade nada de o de

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Descrição das chefaturas em Moçambique pelo punho 3.

Encontrou-se registrada pelo terceiro punho no “Diário do Embaixador” a Guerra de Morimuno (1754-1755). Apontamos a mudança na perspectiva portuguesa em relação a Moçambique como resultado do processo detransformações sociais, econômicas e políticas como características importantes do século XVIII, particularmente na segunda metade. Quando Moçambique se retirou comercialmente de Goa, na Índia, e se tornou metrópole em 1752, recebeu seu próprio estatuto de subordinação a Lisboa através de um decreto que designou Francisco de Melo e Castro como governador e capitão-geral de Moçambique.

Dadas essas circunstâncias, as narrativas do “Diário do Embaixador” fazem referência especial à forma como o comércio interno na África Oriental mudou desde os tempos das antigas rotas do marfim e das caravanas de escravos que viajavam pelo interior. Os portugueses pretendiam desviar o tráfego interno para os portos da costa marítima devido à importância estratégica de Moçambique nas rotas comerciais, além de aumentarem as fazendas da Coroa e escravizarem os macuas, pois até então Moçambique não era lucrativa.

Dessa forma, os portugueses buscavam administrar a exportação do marfim escravaria com o estabelecimento de negócios desenvolvidos nos portos, ao impor impostos sobre o comércio com fornecedores africanos e comerciantes do Oceano Índico. Assim, os portugueses reorganizaram o poder nas civilizações africanas e as suas interações com a autoridade colonial, a qual era a principal fonte de conflito entre o controle português e o território moçambicano. Para evitar o aumento das fazendas reais e a escravização, as três chefaturas mais poderosas de Moçambique estabeleceram uma aliança. Primeiro criaram uma rede de cobranças para quem adentrasse em terras macuas.

Afirmou Antunes que tal “situação dificultou a circulação das caravanas de carregadores de marfim e as rotas dos traficantes de escravos que se dirigiam às praias da Macuana” (2017, p.87). O comércio nestas zonas do interior acabou interrompido e isso resultou em efeitos significativos na receita alfandegária de Moçambique. Devido a essas situações o povo português necessitou combater tais estratégias, no entanto, a ineficácia do combate português foi provocada pela falta de familiaridade com o território moçambicano, a falta de organização e utilização dos recursos bélicos e materiais. Da perspectiva militar, realmente, os portugueses encontravam-se num contexto desfavorável aos seus interesses, assim relataram no

manuscrito a respeito da situação portuguesa. No relato foi descrito os riscos vivenciados naquele porto pela embaixada em Moçambique:

Aos 9 mandou o Embaxador o seu Estribeiro dar parte ao General de que o hia vezitarem que este diligente lhe mandou os seus palanquins com sombreiros, não jevan do mais acompanhamento que o secretario, sendo cortejado nesta passagem com os repiquesdos Conventos. Determinou a Sua Excelencia seu Cappitam de mare Guerra, o qual dandolhe parte de que se achava desprovida a Naode todos os generos de mantimentos, lhe ordenou a que pedisse ao General hũa das embarçaõens quese achavão ancoradas para hirem buscar os mantimentos perçizos para a nossa viagem, em que convindo o governador e descui dandose o Cappitam fizeraõ taes enredos que obrigaraõ ao General, e ao Administra dor da fazenda Real a que estes obrigassem ao Cappitam a que corresseo risco daque lla embarcação sobre a Nao, pois estavam çertos não ser de El Rey, mas sim de hum seu vassalo, e nisto se passava o tempo sem determinação algũa de socorro para a viagem, chegando a tanto que quizerão protestar a Nao ao Governador; o qual dizia que para o Embaxador e sua familia tinha mantimentos promptos para a sua viagem, que com esta resolução forão chamados todos os offiçiaes a bordo a conselho, em que consultarão meterse gente na embarcação e su geitaremse a tudo, pois elles forão a couza enganando o General, dizendo, por hũas bocas que era hũa fragata de El Rey, e por outra se ouvia ser de Vasco lourenço, e com esta confuzão em que se via o General, foy Deos servido que entrasse neste porto. (fólio 582, grifo nosso)

Cabia aos portugueses lutarem para retomarem o controle dos territórios Macuas, mas segundo o “Diário do Embaixador”, isto foi um fato irreal. A embaixada, ao seguir a agenda política de Portugal com sua viagem de manutenção de posses ultramarinas em Moçambique, deparou-se com o cenário de conflitos armados entre portugueses e chefaturas macuas. A questão das frequentes interferências de Morimuno, no deslocamento das caravanas, resultaram em mais conflitos.

Percebemos, nitidamente, que as forças macuas se utilizaram da estratégia: recuar seus guerreiros e no melhor momento atacar o inimigo, ou seja, os portugueses, devido principalmente pelo conhecimento do terreno. As organizações macuas, guardavam estreitas ligações com a estrutura social e militar.

Encontram-se no relato algumas interferências pessoais, as quais refletiram em importantes informações e conhecimentos sobre a colônia. Buscou-se pelo teor testemunhal da narrativa, como uma forma de denunciar as características dos trabalhos empreendidos pelos portugueses na colônia à Coroa Portuguesa. Compreende-se, aqui, que o “teor testemunhal das narrativas se convertia no uso de outros recursos diretamente relacionados a um estilo de escrita” (CASTRO, 2013,

p.124), pois, nesta ocasião, o terceiro punho retratou na descrição o olhar externo da embaixada como:

estes nos informavão a consternação em que se Via a terra a faltade mantimentos, e muntas doenças achandose 4 embarçaçoens naCoradas, e hũa prompta para partir a Ilha de São Lourenço a buscarsocorro para a Nao Santola, e com estas imformaçoens que nos davão estas vezitas ficamos esmorecidos de vermos que tínhamos de passar o noviçado (tributo que todos tem a infeliçidade de portarem a si milhante porto) não obstante se livrarem dos quatromandamentos da terra que são, sereno, Sol, Susto, e Sexto. (fólio 580, grifo nosso)

Esta passagem dá-nos uma visão negativa dos negócios portugueses em Moçambique. Nesta visão registrada pela embaixada no ultramar, o terceiro punho descreveu as impressões portuguesas sobre aquela colônia. O declínio do comércio português deve-se às batalhas com o povo Macua, mas tal visão mercantilista deve ser posta em perspectiva, não se pode negar a existência de um interesse econômico na realização de tais viagens.

Contudo, era necessário ter em consideração outros elementos constitutivos da mentalidade portuguesa. Como o desejo de expandir os territórios, mas o documento revela a flagrante falta de estratégia dos portugueses na denúncia deste conflito. Dessa forma prejudicou quaisquer atividades expansionistas, isto é, o terceiro punho testemunhou as fragilidades da ocupação dos portugueses no território moçambicano realizado no curto período passado pelos embaixadores de maio a dezembro de 1754.

Neste aspecto, o escriba reconheceu a falta de prática administrativa e o prestígio militar ao trazer informações relevantes para a compreensão da tal situação. Segundo a visão do terceiro punho, os erros cometidos pelos militares portugueses foram enumerados:

Esta praça que se achava guarnecida de 2 Companhias de Granadeiros 4 de fuzileiros, e hũa de Artelharia teve essa guarnição; mas hoje apenas acharseão doze Soldados de cada Companhia por esta rem deminutas: o serviço desta praça he mais de auxiliar que de tropas pagas; no tempo que aqui me achei observei alguns erros: o primeiro foi marchar a Companhia para de Granadeiros com bandeira, O Segundo foi sahir o Sargento Mór da Praça e o Ajudate com bandas e gollas mandando o Corpo, couza quesomente tocava ao Sargento Mor 3º. ao passar do Santissimo ao general fazerem as continências, de que procedeu aos offiçiaes ficarem com o chapeo entre as pernas, tambem vi marchar o Alferes com bandeira no lado esquerdo do Cappitam, tambem reparei de se darem descargas depois das Ave Marias: de minha admi ração exponho hũa questaõ que observei entre o General e o Sar gento Mór Manoel Antonio da Paixaõ: fez o General dous Ajudantes da sala com as patentes de Cappitaens e ordenava que o Sargento desse partes aos taes, e querecebe sse delles ás

ordens; ao quereplicou o Sargento Mor dizendo quenaõ tinha duvida, porem quelhes desse a graduação de Tenentes Coroneis fora desta praça em pouca distancia ha hum campo por nome Saõ gabriel em o qual naõ ha mais quehũa Cruz(fólio 590-591, grifo nosso)

Em segundo plano, as descrições deram um panorama do que havia acontecido com a colônia, a situação era preocupante com a ausência dos recursos. Assim, notou-se a ampliação da crise financeira. Além disso, não havia conscienciada a gravidade e dos erros que cometeram nos abusos, nos excessos e dos erros na administração da colônia. Observamos no relato que estes portugueses, como Malfeitores²¹, não cumpriram as ordens da Coroa, retendo ganhos financeiros, abusando da lei e extorquindo os povos governados.

O terceiro punho utilizou a estratégia de autorreferencial na narrativa do “Diário do Embaixador” e por desinteresse na região litorânea acreditou-se ser insalubre, pois o testemunho do escriba modificou a perspectiva da narrativa para uma crítica, diretamente, das atividades realizadas pelos Malfeitores (portugueses) no contexto da ação colonizadora portuguesa em Moçambique.

No relato do “Diário do Embaixador”, este mecanismo estava ligado não só à posse do território, mas relacionava a imagem de Portugal. Em resumo, o relato do terceiro punho elucidou o desprezo dos portugueses (Malfeitores) no conflito com os macuas em 1754, e por isso o secretário ao testemunhar ofereceu-nos contributos para o registro deste conflito. Mesmo na condição de observador (secretário da embaixada), enfatizou e comentou como operavam as relações de poderes e suas implicações nos conflitos entre portugueses e moçambicanos.

O discurso eurocêntrico, um mecanismo de poder, não era muito empregado nesta narrativa, em razão dos escribas descreverem o fraco domínio português sobre a colônia devido à falta do planejamento estratégico português. Dessa forma, deixam transparecer a fragilidade estratégica quando tentam impor o eurocentrismo ao povo moçambicano. No próprio relato do embaixador há evidência desse fracasso, em

²¹ A narrativa do diário denunciou os malfeitores representados como piratas, contrabandistas e corruptos. Nessa viagem, durante a passagem da embaixada portuguesa pelas colônias (Moçambique e Brasil), foram registradas tais ameaças para a Coroa portuguesa, pois seus funcionários eram os agentes Malfeitores. Porém, frente à dificuldade de fiscalização os registros ajudavam a Coroa Portuguesa se informar das ações contraventoras.

consequência da negligência por mais de meio século o território dominado por garantirem o lucro com o norte da África.

3.3.4 No punho 4

Figura 10: Registro do punho 4 no Manuscrito 42

De como
 Sua Excc^a desembarcou
 Na America
 Cidade do Rio de Janeiro

Em 12 de Fev. vieram os Desembarcadores da
 Relacao p.^a formarem o vintoto a Companhia de S. Ex.
 a qual embarcou em o barchim do General em Com.^{p.} do Minis-
 tro e do Secretario e outros. E. Cater embarcou o seu Mordomo
 e hum Ajudante: ao descer do portulo se alçou a bandeira do
 Tope e Talhou a Nao Com 25 peças ao mesmo tempo se p.^a tendo
 os instrumentos os seus e chos e v.^o des.^o se levaram comar q.^a se na
 regava, e a p.^a pela Iha das Cobras o Comprimentares Com-
 o pela e de la brindo se a fragata de Guerra N. S. do L.^a
 onento Com dois da frota se deslheru esta com dar hua salva a
 sua Excc^a Com 25 peças e chegou q.^a foi a Val Longo do Rio
 da Cidade de meia Legoa de desembarcou p.^a hua ag.^a de tentadorias e os
 ministros da Relacao lhe preparara sendo hua quinta Com duas
 a Commodatoons e singular naviata e recepta Continuaras a ve-
 zitar os principaes desta Cidade e Pretados das Religioes, Com
 tambem da Conda de São Miguel q.^a se estava expedindo para o
 governo dos Boiaões ao de desembarque do vintoto de S. Excc^a Tal-
 vou a Nao Com 9 peças, e ao de desembarcar de sua familia Com
 25

Com a noticia da chegada do Embarc.^a a esta Cidade partio
 os minis.^o Genes Joze Antonio fratre de Andrade Gov.^o a qual

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Descrição sobre a Cidade do Rio de Janeiro pelo punho 4.

A Coroa portuguesa, no século XVII, implementou transformações na administração das capitanias da América portuguesa, em especial, na capitania do Rio de Janeiro. Após a descoberta de metais e pedras preciosas em Minas Gerais ocorreu a abertura de novos caminhos ligando o Rio; com isso, tornou-se o principal polo mercantil da América portuguesa. Para Portugal, o porto fluminense detinha o papel estratégico no transporte de mercadorias entre Rio de Janeiro a Lisboa, em decorrência da posição geográfica favorável das rotas comerciais e para o sistema de navegação (Europa, África, América).

No entanto, o pressuposto estratégico para os interesses portugueses apresentava “uma brecha através da qual prosperava cada vez mais um intenso contrabando no tráfico de escravos de Angola e do Brasil com o Rio da Prata” (BOXER, 1973, p.90). Os lucros oferecidos da América portuguesa à Coroa eram alvos de disputa, por isso, as autoridades metropolitanas não poderiam permitir qualquer gênero de comércio ilegal e de contrabando.

Outra estratégia era necessária para defender o território dessas invasões, assim estabeleceram artilharias e formação militar no processo de interiorização na cidade do Rio de Janeiro, para isso, “[...] começaram a ser hierarquizados de forma a permitir um controle maior por parte dos agentes governamentais. Os representantes de Portugal estabeleceram nesse local a circulação de homens, ideias e mercadorias pelo território” (RIBEIRO, 2016, p. 221). Ademais, o fortalecimento das defesas tornou-se indispensáveis para a manutenção do processo de colonização.

Todavia, a Coroa portuguesa não poderia proibir o direito de hospitalidade às embarcações de nações amigas em qualquer de seus portos, pois as convenções internacionais e tratados de paz assinados representavam o acordo entre os países estrangeiros. De acordo com a autora Maria Fernanda Bicalho:

Fruto do temor quanto à possibilidade do comércio e do exercício do contrabando, extenso é o rol de leis, alvarás e proibições acerca do fornecimento de mantimentos, serviços e préstimos a esses navios. Mas nem sempre as prescrições régias eram respeitadas e o comércio, sobretudo ilegal, evitado. Isso ocorria frequentemente com a cumplicidade ou por iniciativa dos mesmos funcionários que deveriam impedi-lo (2003, p.34).

Outro ponto, que atemorizava a Coroa portuguesa era “a existência de potenciais espiões entre os muitos estrangeiros que percorriam os portos e sertões americanos” (BICALHO, 2003, p.35), pois tais informações eram passadas da colônia

americana transmitidas pelos espiões eram úteis a seus compatriotas, pois elaboravam estratégias para invadir determinados locais do vasto continente brasileiro.

Pelo exposto, foi possível articular a história da cidade do Rio de Janeiro à leitura do “Diário do Embaixador”, em:

o Cappitam como Senhor abs soluto sem attenção algũa nem attendendo aos protestos desembarcou o que lhe pareceu, malsinando este qualquer notícia que tinha de algũa couza que os seus Offiçiaes pertendiaõ desembarcar: uzando das suas maximas industrias, fazendose doente pera ter a sua assistençia na terra, e dan do menza a bordo pera melhor poder cavilhar as suas intenções à que se dessem por suspeitosas e com tal ardileza que immediatamente aportando a esta Çidade requereu aõ administrador e juiz da Alfandega hũa guarda para bordo, que sem continençia, veio esta assistir, estando ainda Sua Excelencia embarcado; não fazendo aqui a menção de ser nao de Guerra como nos outros portos a tinha intitulado: mas Certo he que este titulo sose lhe dava, quando servia de Conveniença, e não de prejuizo; e por agora escrevo quanto basta a esta folha, que parece bastante donde se poderá colligir a mesma verdade não faltando a este termo, a mesma gente Luzitanica (fólio 601)

Desse modo, o leitor além de acompanhar a sequência da história narrada, compreende a duração das ações. “O diário possui também uma respiração, um ritmo, que expressa e aponta para a situação anímica e corpórea de seu autor.” (SELLIGMANN-SILVA, 2009, p.162). A intencionalidade literária que nos referimos foi à construção do texto (a relação entre narrador e texto). No caso, do quarto punhode início ele tencionava a relatar os fatos ocorridos, essa motivação para delatar os Malfeitores, estava relacionado a estratégia da Coroa Portuguesa em revelar a situação das colônias, pois o próprio capitão e administradores realizavam as negociações de cargas ilegais para outro país (Londres).

Por isso, a narrativa do cotidiano deslocou o ponto de vista da esfera pública (narrar os fatos a sua volta) para uma aproximação da atmosfera privada (opinar, interferência pessoal), isso gerou o testemunho impactante correspondendo a um tema que reflete interesses da Coroa. O objetivo era deixar os portugueses ‘abismados’ porque representam uma tensão na confluência de interesses entre Coroa Portuguesa e Malfeitores. Desse momento em diante, o quarto punho conhece a desventura. Não apenas isso acarretava prejuízo comercial à fazenda portuguesa, como desestabilizava o comércio regional.

Aos 10 em que velejados com ventos á popafez a Capitana sinal para nos fallar, e botando o seu escaler fora mandou à nosso bordodous cu tellos por ver que a nao com que Sua Magestade despender com á mayor grandeza

dos seus Reaes thezouros hum gorsso cabedal, lhes servia da cutellos hũa bojarrona, e hũa vella de Estae: aquy veraõ como os Monarchas vivem enganados com os seus administradores, porque atten dendo aõ lemitado gasto quelhes podiaõ fazer estas vellas em o Rio de Janeiro não teve por objecção lançar hũa vaca ao mar disposta para a calçadeira querendo sastifazer à sua colera dizendo quea gente da Nao lhe à não mereçia como se fosse grandeza sua; agora quisera saber como se fazem estas despezas; mas como o que entrou não tem assento senão por entrada, e não por despeza; bem he que se não saiba o que se gastou, o que se deu, e o que se usur pou; devendoos administradores cuidarem que para semelhantes expedições em mandarem pessoa com capacidade, e que tenhaõ militado, porque como nestas viagens tem muitos encontros a que se devem corresponder politicos, sem que se falte as razoes de Estado (fólio 607, grifo nosso).

Esses fatores nos mostram que os “capitães mores, apesar de ocuparem e exercerem funções estratégicas para a política portuguesa, o que favorecia o enriquecimento ilícito gerado por essas brechas fiscais” (CARVALHO, 2015, p.89). A julgar o quarto punho que escreveu o tráfico na viagem da embaixada, pois do porto fluminense era carregado a nau as mercadorias para o escambo (os comerciantes traficantes) a Lisboa, por exemplo, em agosto de 1755, no dia 23, a seguir:

saber se teriamos polvora com que podessemos remedear aquelle imfortunio, e como lhe offereçemos 17 barris, que de tarde haviaõ de hir para seu bordo, se aproveitou Sua Excelencia desta aberta mandando o seu Estribeiro comprimentar politicamente ao Commandante; de tarde veyoo Escaler com o Escrivão e Meirinho para conduzirem a polvora depois de passarem hum reço: e ve leçados fez à nao sinal de navio de mais que suppozemos ser hum quenos faltava da armada de Parnanbuco. No ultimo deste mez na altura e trinta graos e 15 minutos succedeu descompor Cappitam ao Cappitam da Frescal, por este sem attenção algũa nos passar pela prôa, e ser percizo aribarmos. (fólio 608).

Tal problema, recorrente no século XVIII, tornou-se um dilema administrativo para esta embaixada, pois ocorreu no trânsito da capitania do Rio de Janeiro a Lisboa, a partir de testemunho do quarto punho, um trajeto comentado pelas ações desses Malfeitores portugueses. Há por trás uma estratégia de escrita pensada pelo quarto punho em utilizar a primeira pessoa gramatical “eu”, a qual remeteu-nos ao ato elocutório, à enunciação. A partir do ponto de vista próximo de uma linguagem informal e aliado a uma sintaxe fraturada, faz do seu texto de denúncias. Com isso a obra “Diário do Embaixador”, por variadas tramas discursivas desenvolvida pelos quatro punhos, tornou-se uma obra inusitada e única. Cada escrita detém suas

particularidades, mas todas são interessantes porque descrevem pelo olhar dessa embaixada o projeto ultramarino e o diplomático em cada parte dessa viagem.

CONCLUSÃO: Diabos, Malfeitores e o Outro

As narrativas de viagem demonstraram duas facetas: a primeira nos revela os aspectos históricos (os acontecimentos e eventos históricos), que eram aliados à segunda, a qual consistia na forma singular de registros no “Diário do Embaixador” (arte literária de cada escriba, no exercício de sua função de assistente do Secretário), possibilitando a representação do mundo a ser descoberto, retratado em riquíssimos fatos e personagens. Pensando que as narrativas sejam a um tempo históricas e literárias, o gênero relato de viagem, neste caso, abrange diversas descrições recorrendo a outros gêneros, levando o “Diário do Embaixador” a ser tratado na linha dos textos fronteiriços.

A narrativa do “Diário do Embaixador” (1752-1755) de Diogo Baduem da Serra é uma obra coletiva (no sentido de ter sido escritos por diferentes punhos, ainda que com as mesmas orientações de registro), desenvolvida segundo as características de uma escrita diarística (às vezes, tornando as opiniões e intervenções no documento objetivo algo com ares de autobiografia em certos pontos do registro diário). Neste sentido, a narrativa resultou num documento repleto de interferências, no qual utilizaram-se da primeira pessoa para realizarem os comentários, explicações e reflexões pessoais. Em terceira pessoa prevaleceram as colocações referentes à viagem.

Para a organização discursiva, destacamos três níveis narrativos encontrados no “Diário do Embaixador”: 1. refere-se a viagem, as descrições dos ambientes, os passeios da embaixada, as festas comemoradas pela tripulação, enfim, os secretários retratavam todos os momentos vivenciados na viagem, como, por exemplo, os registros de informações dos povos, as fábricas, a situação política ou a importância econômica; 2. a incursão realizada em seu interior se refugia em experiências de caráter íntimo, seja em busca de lembranças do passado, de devaneios e de confissões. Observamos em suas referências e vivências de viagens o caráter autobiográfico na escrita dos punhos. Nesse aspecto, o diário ultrapassou as limitações desse gênero, pois os secretários se incluíram no enredo da viagem e passaram a

fazer parte das cenas ao emitirem suas opiniões sobre recepção da embaixada portuguesa em cada ambiente narrado ou as intervenções dos Diabos e/ou dos Malfeitores. Com relação à existência desses Diabos, eram uma citação constante (em todos os punhos), como forma de demonstrar alguma “coisa colocada fora da ordem”; os Malfeitores aparecem na forma de pessoas que não respeitam ou não levam em consideração os pontos de vista da embaixada (em outras palavras, ignoram ou desconhecem as leis que regem os comportamentos daqueles estrangeiros), o que propicia uma inversão de valores, se se considera o fato de que os narradores são os estrangeiros; o *Outro*, portanto, visto desse prisma, é fruto do olhar do escriba, que representa uma nação, um olhar, mas desconsidera ou ignora as leis locais; 3. engloba a imersão pela História e pelos acontecimentos político-sociais. Entre outros aspectos, as narrativas de viagens são reflexos da capacidade de ver o mundo e o *Outro*, na perspectiva da embaixada.

Observamos externados na reflexão sobre o *Outro* uma impossibilidade de alteridade por parte do segundo punho (durante a viagem à China), pois buscava justificar apenas as ações da embaixada e não compreendia os rituais e os costumes dos “chinas” e dos “mandarins”. Dessa forma, o segundo punho recorreu a figura do Diabo para realçar a missão católica na viagem.

Portanto, as interferências no diário nos possibilitaram reler o passado e compreender as ideias, os costumes e os hábitos daquelas sociedades visitadas pela embaixada portuguesa, mas também identificar nesses discursos, dos secretários, situações que se aproximam da ficção ao expressarem suas vivências sobre a realidade da viagem. Isso demonstrou a abrangência de se estudar o documento manuscrito “Diário do Embaixador” e de se estudarem o alcance da língua portuguesa pelo mundo no século XVIII.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Carla Carvalho. **Figurações do mouro na literatura portuguesa: o lado errado do Marenostro?**. 2010. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.
- ANTUNES, Luís Frederico Dias, «Formas de Resistência Africanas às Autoridades Portuguesas no Século XVIII: A guerra de Murimuno e a tecelagem demachira no norte de Moçambique», **Cadernos de Estudos Africanos** [Online], 33 | 2017, posto online no dia 11 dezembro 2017, consultado o 16 fevereiro 2022. <http://journals.openedition.org/cea/219> ;DOI: <https://doi.org/10.4000/cea>.
- ARAÚJO, J. M. G. de . Carimbo, sim: o carimbo como um aliado da segurança em coleções especiais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.16, n.3, p.566-581, dez.2022.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Tradução Jaime Bruna. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BARREIRO, J.C. O trabalho do historiador e a literatura de viagem. In: ESTEVES, A. R.; ZANOTO, S. A. (Orgs). **Literaturas de viagem: viagens na literatura**. Volume 1. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2010.
- BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo Cultrix, 1977.
- BASTOS, Maria H. Câmara. O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). **Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.
- [OSBORNE] BEUS, Annalyn. "Translation and Transcription of a Passage from the Badueman Manuscript: An Eighteenth-Century Portuguese Embassy to China," **MA thesis**, College of Humanities, Dept. of Spanish and Portuguese, Brigham Young University, 2013. <https://scholarsarchive.byu.edu/etd/4016>. Acesso em: 01 Nov. 2022.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ENSAIOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BICALHO, M.F. **A Cidade e o Império. O Rio de Janeiro no século XVIII**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003.
- BOSI, A. (1988). Femenologia do olhar. In: A. Novaes (org.), **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras.

BOXER, Charles. **O império português 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOXER, C.R. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. São Paulo: Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

BRAGA, Isabel Drumond. Luzes, natureza e pragmatismo em Portugal: o contributo da Real Academia das Ciências no século XVIII. **Tempo** (Niterói). Vol.22n.41,p.551-565, set-dez.2016.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Fragmentos autobiográficos: memória e formação contínua de professores. **Contexto & Educação**, v.63,n.16,p.107-118,2001.

CAMBRAIA, César Nardelli, 2005. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes (Col. Leitura e Crítica).

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo. Companhia Editorial Nacional, 1965.

CASTRO, Júlia Fonseca de; HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Uma leitura das viagens contemporâneas: a questão do testemunho nas narrativas de viagem**. 2013. 159 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 08 de abril de 2013.

CARDIM, Pedro. A prática diplomática na Europa do Antigo Regime. In: RODRIGUES, I.N; MARTINS, F. (ed.). **História e Relações Internacionais**: temas e debates. Évora: Publicações do Cidehus, Edições Colibri. 2004. E-book. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/156>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

CARNEIRO, Henrique Soares. O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. In: **História: Questões e debates**, Curitiba, n. 35, p.227-247, 2001. Editora da UFPR. Disponível em : <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2681/2218>>. Acessado em 11 de junho de 2023.

CARVALHO, Flávia Maria de. **Os homens do rei em Angola**: Sobas, governadores e capitães mores, séculos XVII e XVIII. 2013. Tese (Doutorado em História)- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2013.

CARVALHO, António Vilhena de. “Nós os franceses mais quisemos ver toda a sua cabeça: dois relatos e uma embaixada a Pequim (Pacheco de Sampaio, 1753),” **Oriente / Ocidente** 32 (2015), pp. 42–52.

CARRIZO RUEDA, S.A. Construcción y recepción de fragmentos de mundo. In: CARRIZO RUEDA, S.A. (ed.) **Escrituras del viaje**. Buenos Aires: Biblos, 2008.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. A Arte da Idade Média como construtor de um conceito visual de mal. **Mirabilia**, Barcelona, v. 12. N. 1, p. 175-188, Jan- Junho, 2011.

COUTINHO SILVA, Luisa Stella de Oliveira. **Nem teúdas, nem manteúdas**: história das mulheres e direito na capitania da Paraíba (Brasil, 1661-1822). Frankfurt am Main: Max Planck Institute for European Legal History, 2020.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas napesquisa e ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol.23 n.1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CRISTÓVÃO, F. Introdução: literatura de viagens: da tradicional à nova e à novíssima. In: BASTOS (Org.). **Literatura de Viagens**: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas). Coimbra: Almedina, 2002.

CZOPEK, Natalia. Os portugueses em Macau no século XVIII. Considerações sobre um encontro de culturas. **Romanica Cracoviensia**, 14, 2014, pp-153-167. Disponível em: <https://www.ejournals.eu/Romanica-Cracoviensia> . Acesso em: 10Agos. 2022.

DANESE, Sérgio. A diplomacia de cúpula na história ocidental: do absolutismo a Woodrow Wilson. In: _____. **Diplomacia Presidencial**: história e crítica. 2ed. Brasília: FUNAG, 2017, p.143-179.

DE ALMEIDA, M.R.H. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo. Disponível: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chacelaria/GT6/Marcos_Renato_Holtz_de_Almeida.pdf . Acesso em 15 de dezembro de 2022.

DUARTE, Constância Lima. As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16,n. 25, p. 73-87 jul./ dez. 2009.

FIORETO, **Thissiane Verissima et ivcvndissima descriptio...**, de Ulrico Schmidl: literatura de viagem ou relato de viagem?. 2015. 245 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

FREIRE, António de Abreu. Portugueses pelo Oriente. **Rotas a Oriente** (Revista de Estudos Sino-Portugueses), Aveiro, n.1, p.11-40, jul./dez.2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/ro.v0i1.26112> . Acesso em: 06 Jul. 2022.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Oráculos da geografia iluminista**: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FURTADO, Junia F. - “O oráculo que Sua Majestade foi buscar: Dom Luís da Cunha e a geopolítica do novo império luso-brasileiro”. In: Fragoso, João; Gouvêa, Maria de Fátima. (orgs.) **Na trama das redes**: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2010”, p.373-400.

FUSSEL, Paul. From exploration to travel to tourism. In: ___. **Abroad**. British Literary Traveling Between the Wars. Oxford/ New York: Oxford University Press, 1982.

GODIN, Neide. **A invenção da Amazônia**.-São Paulo: Marco Zero, 1994.

GOMES, A. L. de C. P. José da Cunha Brochado: de secretário de embaixada a embaixador extraordinário. **Tempo (Niterói, online)** v. 22 n.39.p.072-087, jan-abr., 2016.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. (Org.). **Cadernos de Seminário de Pesquisa** (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH- Editora Humanitas, 2010.

KATZEINSTEIN, U. E. **Os escribas e sua significação para a transmissão escrito pensamento**. 10(1): 95-118, mar. 1981/Tradução de M. R. Schreiber/.

LEFEVRE, Lucien; MARTIN, Henry- Jean. **O aparecimento do livro**. Trad. Fulvia Maria Luiza Maretto & Guacira Marcondes Machado. 2.ed., São Paulo: Edusp, 2017.

LE GOFF, Jaques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LE GOFF, Jaques. **O imaginário medieval** [tradução de Manuel Ruas, original de 1985]. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LEJEUNE, P. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 48, n. 4, p. 537–544, 2013. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15460>. Acesso em: 6 agost. 2023.

LINK, Luther (1998). **O Diabo a Máscara sem Rosto**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras.

LIMA, Sheila Conceição Silva. Cisma: tradição e modernidade na diplomacia de D. João V. **Tempos Históricos**, v.13 – 1º semestre - 2009, p.103-113.

LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LISBOA, Henrique Carlos Ribeiro. **A China e os Chins: recordações de viagem**. 1ª reed. -Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão/CHDD, 2016.

MEGALE, H., FACHIN, P.R.M.; COSTA, R.F; NETO, S.de A.T. **Capítulo I – descrição dos documentos**. In: MEGALE, H., NETO, S.de A.T; FACHIN, P.R.M. (Org.) Caminhando Mato Dentro – Documentos do Outro do Século XVIII. Série Diachronica. São Paulo: Espaço Editorial, 2009.

MONTEIRO, P.R. Contatos entre o sagrado e o profano, o cristão e o pagão: um estudo sobre imagens do manuscrito dos Carmina Burana. In: PEREIRA,

M. C. L.;PELEGRINELLI, A. (Org.). **Primeiros Olhares**. 1. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.p. 204-225. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/universidade/livro-gratuito- analisa-imagens-medievais-e-relacao-com-locais-e-cenas-sagradas/>. Acesso em 06 de agosto de 2022.

MORAES, C.E. M. de. O Diário do Embaixador Diogo Baduem da Serra: particularidades filológicas e estilísticas. In: MORAES,C.E.M. de; BULHÕES, R. M.(Org.). **Capítulos Lusoamericanos** (história, filologia, literatura e linguística).

São Paulo: UNESP- Campus de Assis, 2019, p.75-100.

MOTTA, L. G. (2013). **Análise crítica da narrativa**. Brasília, Brasil: Editora da UnB.

NETO, M.J.; MALTA, M. (eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculosXIX e XX**: coleções reais e coleções oficiais. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e artes gráficas, 2020. E-book, p. 25-36.

NERY, Paulo Roberto Albieri. **Viagem, passeio, Turismo: estudo comparado do deslocamento como valor**. Rio de Janeiro, 1998. 224p. Tese (Doutorado em Antropologia).PPGAS Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em:

< <http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d19-pnery.pdf>>. Acesso em 11 de junho de 2023.

OLIVEIRA, R. de. As metamorfoses do império e os problemas da monarquia portuguesa na primeira metade do século XVIII. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.11 , n. 20, p. 95-122, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/394/420>. Acesso em: 06Out. 2022.

PALAZZO, Carmen Lícia. Os jesuítas como atores privilegiados na comunicação de imagens da China para a Europa: séculos XVI a XVIII. **Revista Tuiuti**: Ciência e Cultura, n. 48, p. 13-31, Curitiba, 2014

PAREDES, R.C. Relatos imperiais: a literatura de viagem entre política e a ciência na Espanha, França e Inglaterra (1680-1780). **Almanack**, Guarulhos, n.6,p.95- 109, 2013.

PEREIRA, Ana Luiza de Castro. “E o conhecimento da viveza(...) o habitou para aquele lugar”: Duarte Ribeiro de Machado de secretário de embaixada a enviadoextraordinário na restauração portuguesa. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v.15, n.28, p.143-158, jan./jun.2014.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

PRATT, M.L. **Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação.** Trad.Jézio Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

Rellação da viagem que Diogo Baduem da Serra da família do Excellentissimo Senhor Embaixador fes a Macao, China e Mossambique, e Ryo de Janeiro em a nao Nossa Senhora da Conceição e Lusitania Grande,e notícias das provincias daChina cidades, e villas, fabricas, rendas, e produtos das terras, forma, e tratamento dos bonzos, que são os seus padres, e com estampas de algumas cidades que se poderaõ tirar da viagem que fes (manuscrito 42 da Biblioteca Municipal Mário de Andrade). São Paulo, 1752-1755.

RÊGO, Débora Lopes do. **Ocidentais a serviço do Imperador:** Requisitando missionários para a corte em Beijing, 1781-1785. Tese (Mestrando em História) - Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 137f. 2019.

RIBEIRO, Mônica da Silva. (2016) 2021. "O Rio De Janeiro Como cabeça DoCentro-Sul Da América Portuguesa, século XVIII: Estratégias políticas E transformações socioeconômicas". **Locus:** Revista De História 20 (1). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20757>. Acesso em: 06 Out. 2022.

RODOLPHO, Melina. Écfrase e Evidência. In: **Let. Cláss.**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2014. p. 94-113.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. (org.) **História, Memória, Literatura.** O testemunho naera das catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

SIYUAN, Ma (2015): **Um olhar português sobre a China:** as relações luso-chinesas nas obras de alguns autores portugueses. Universidade de Aveiro. Tesede Mestrado. <http://hdl.handle.net/10773/14618> . Acesso em: 20 de Dez. 2022.

TELLES, P. D.; RODRIGUES, P. S. Arte e diplomacia no final do antigo regime:as coleções do conde da Barca e do marquês de Marialva na sua ação diplomática ao serviço de Portugal. In: **Colceções de Arte em Portugal e Brasil nos séculosXIX e XX:** coleções reais e coleções oficiais, edited by Maria João Neto; Marize Malta, 25-36. Lisbon, Portugal: Caleidoscópio, 2020.

TODOROV, T. A Viagem e seu Relato. **Revista de Letras**, São Paulo, v.46, n.1,p.231-244, Jan./Junho 2006.

_____. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: MartinsFontes, 1982.

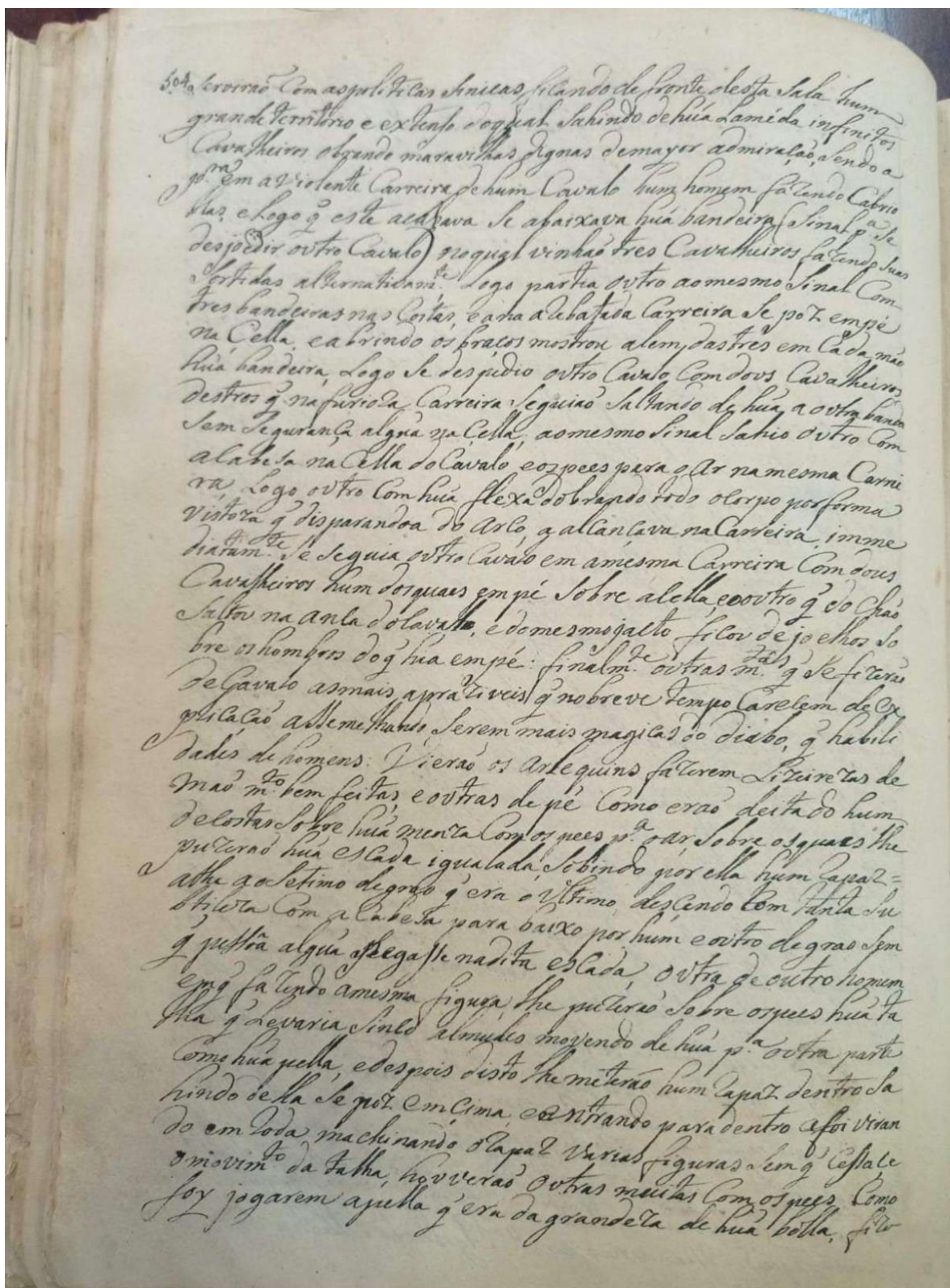
_____. **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Teorias do símbolo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

VINCIN, Justine Renae (2021): **To Continue the Great Friendship**: Eighteenth Century Luso-Chinese Diplomacy and the Endurance of Portuguese Macau. Monash University. Thesis. <https://doi.org/10.26180/14265611.v1>. Acesso em: 17de Nov.2022.

ANEXO E - Espetáculo com cavalos no China



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Grande admiração por uma cena de rua perigosa entre um cavalo e um homem fazendo cabriolas e logo que este acabava se abaixava umas bandeiras para saltar sobre outro cavalo.

ANEXO F - O Diabo manejando o tridente

512. Ministrava as menças com xá e doce, sahindo do mesmo
 tempo muitas figuras adornadas de lucos e diversas vestidas q' repre-
 sentava Commedias mte meças tragedias varias canças e Caça das
 em q' mntava os Caçadores humieado de cujo tiro Ca' hio fazendo hum
 Cabriola naturalm^{te} appareceu tambem o diabo manejanço o tri-
 dente (habilidade daq). Sem q' este nunca lhe Ca hipe notabado, Com
 demagão varias almas, sahindo de q' sustigle Com multas Lavare-
 ras de enxofre e Com cutis mualos dhabreles.
 Scrivao as mntas Com multos pratos de diversas iguarias e em lu-
 gar do pates Com q' spo a custumados a Comerepr. os q' todos tinham na seu-
 rinto a espulera, hums Como garço q' tinham os bicos de prata e Co-
 theres daquil^{te} despedio o Embaix^{or} hum Criado do^{te} Mandarim
 a Caça Com bishete seu para o Mordomo entregar pinte moças em
 Cruzados nores de prata q' trazidos se Levaram a Sala dos Criados parti-
 cubitos donde se Cubrio hua mença Com hum juano ex. Carnado so
 bre o qual se lepartio em montes Conforme a quantia dos Comme-
 diantes antes de a Cabarem as habilidades Congregao a dita men-
 ça otatara nofo Conuector edous Mandarins q' a Levaram a Sala
 aonde estava o Embaix^{or} Com o Govv^o ena entrada della apu-
 terao em quanto o Embaix^{or} de mandava a Silencia Segun-
 do o estilo q' se observa naquelle imperio foi Logo Congregao
 para dentro do hablado do qual sahirao os Comediantes a bater Ca-
 beta as Exec^o a gradacendo elles a quella offerta, apanha-
 a Commedia nos Voltamos a nossa Caça a Com panhados de mais
 dous Mandarins a sem os Reis da quinta Ordem q' em pre nos
 seguirao en Contunuo as duas boxes fadas Com agra p^{te} Caça
 da poeira havendo a prevencao de terem em todas as l^{as} de agra
 Congregao todas as mndragadas, e as veras q' o Govv^o deter-
 mina Com sua Ordem.
 15. Determinando e Exec^o este dia para visitar a Bispo
 Policarpio da Comp^o a qual achando se deite de hua perna na
 qua^{te} lhe tinham saltado herpes ordenou ao seu Cirurgiao q' lhe
 desis^{se} o tempo q' nos estivessemos naquella Corte, maõ Cono

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Os nativos encenando uma peça na corte de Pequim com seus costumes e cultura excêntricos em 1753.

ANEXO G - Informações das Províncias relevantes na China

538

Províncias	Metropoles	Cidades	Familias	Homens
Pekin	8	135	481989	3132234
Chansi	5	92	589659	3087015
Chensi	8	107	831051	3331176
Chanlong	6	92	770555	6759685
Honan	8	100	589295	3106270
Sechuen	8	124	161129	2204570
Houguang	15	108	331686	4833590
Kiangsi	13	67	1363629	6919800
Nankim	14	110	1969816	9967429
TcheKiang	11	63	1242135	4575470
Fokien	8	48	509200	1802677
Quantun	10	73	483360	1978022
Quangsi	11	99	186719	1054760
Yunnan	22	84	152958	1433100
Cuangsi	8	10	845305	231365
<u>Somas</u>	<u>155</u>	<u>1312</u>	<u>10191486</u>	<u>58917183</u>

Não entrao neste numero, os descendentes da Família Real, os Gov.
Ministros os Graduados nas universidades Soldados Bounzos
e os que não chegam a idade de vinte annos e tambem Mulheres

Lugares militares da 1ª Ordem	1471	Templos de Idolos	998
da 2ª Ordem	567	Bounzas pagas pelo Imper.	350000
da 3ª Ordem	311	Bounzas do Exco	1000000
da 4ª Ordem	300	Gov. Togados	13647
da 5ª Ordem	150	Gov. Militares	18320
da 6ª Ordem	100	Sold. qd assistem ao mandarim	716920
da 7ª Ordem	300	Soldados de prezo dios	561900
<u>Somas</u>	<u>3200</u>		

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Detalhes técnicos e financeiros das principais cidades daquele Império em 1753.

ANEXO H - Relatório do Império chinês

539

Omnes q' deinde a china da Tartaria Comprehende em Si-
quatro Provincias. Sem Contar as Pallas q' saz tem quasi 400 Legos
as Portuguezas e Contando as outras serã 500 q' este se fez em quatro ann

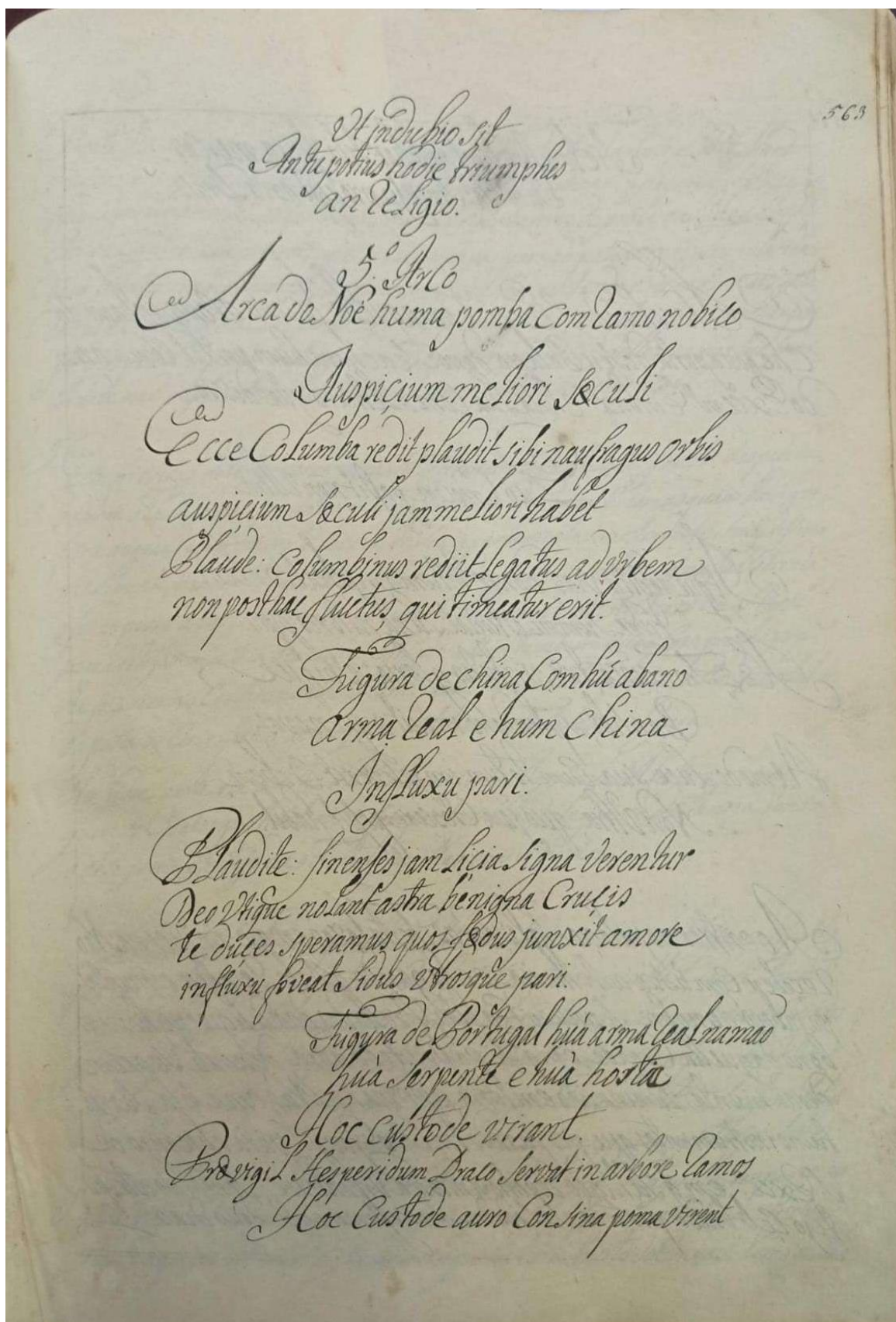
Montes Celebres	1573	Tributos q' pagão ao Emperador	
Bontes Celebres	331	de arroz trigo e milho	43155190 - Sacos
Torres e arcos triumphantes	1159	Cada Saco tem	120 - Libras
Universidades	155	Seda Lavrada	191530 - Cates
Vararias Celebres	272	Seda Liza	409896 - Cates
Gente grã ou da em Letras	90000	Algodão Lavrado	295308 - Cates
Templos antigos	709	Baens de sal de	124 - Libras
Mausoleos	688	Cada hum e	1291261
Varoens Famosos	3636	Empnala de	100 - quilates
Mulheres Famosas	240	tem Cada anno	2790000000
Numero de Christaos	290000	para a Emperatriz de pnda	2833962
		das sandegas	150000000
		de arroz branco	450000000 - Sacos

Estas São as noticias q' se pöderão des cubrir pe Nos B. a Sistentes
na Corte de Pekin q' esta se acha na altura de quarenta graus ao Norte,
em Longitude de. Nôta de sette centas e cincoenta Legos. Sendo esta Cor-
te hũa das mais bellas planicies q' pode Considerar a Terra, em aqua se
achão fundadas duas Cidades, Tãta Sinja em q' a hũa tem os Chinas e os
Tartaros q' querem; a outra he Tartara q' tendo quatro Legos ao oceano
O palacio do Emperador enella não a hũa algum mais q' os Capães
q' servem no palio q' são cinco mil e neste palacio he donde se encontão
as grandes architecturas de portuos e he hũa pintada de amarello e
Bento de quinta deste palacio mandou o Emperador edificar dois montes q' lo-
bre hũa está hũa guirita de de Crisio Com muntos arvoredoz e pro outro hũa
Torreão, servindo este dispendio para descobrir toda a Cidade, aqua

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Narração de relatórios de informações da sociedade e de economia.

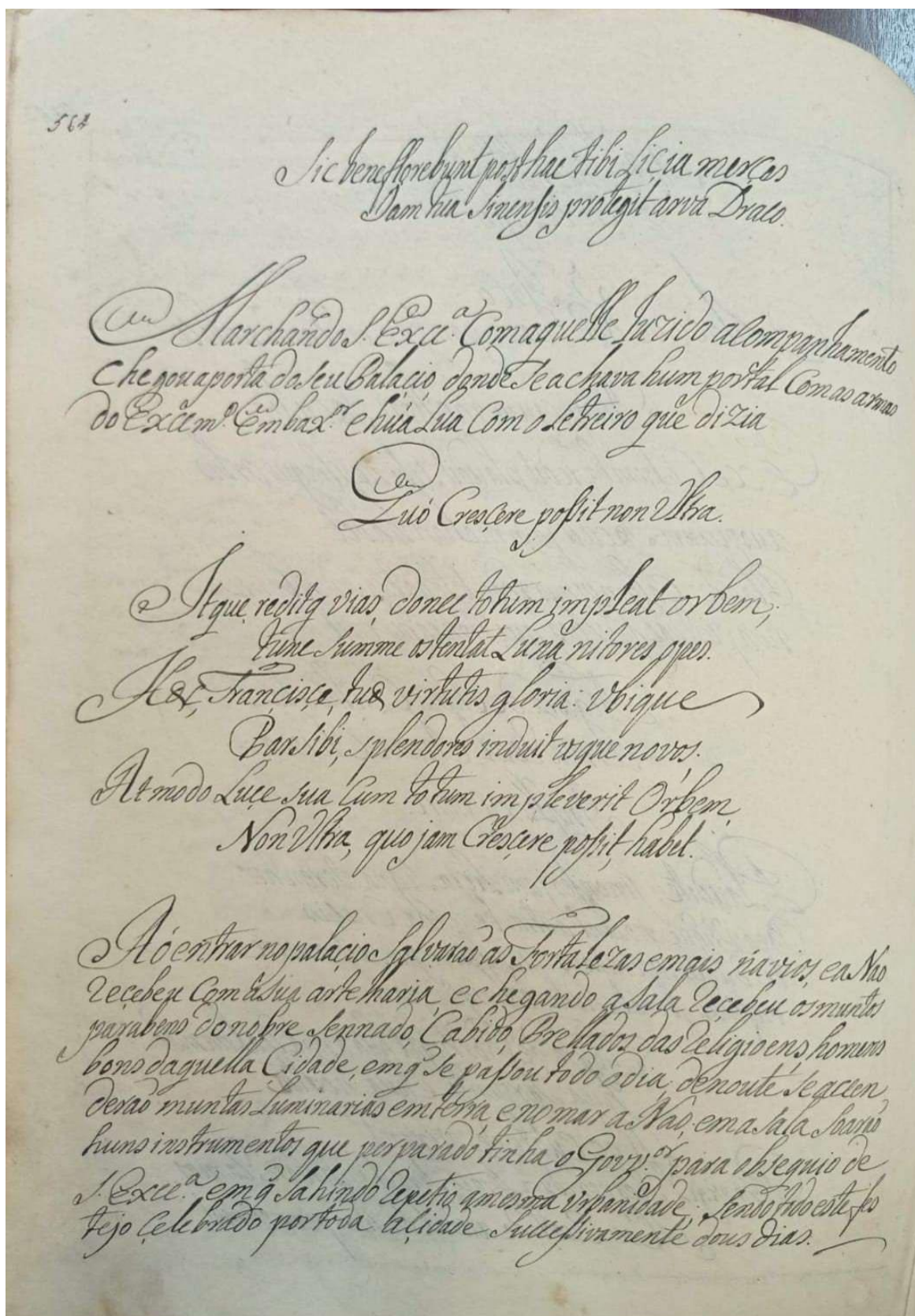
ANEXO I - Arca de Noé descrição em Latim no Manuscrito 42



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Passagem do diário faz o uso de latim.

ANEXO J - Embaixador no Palacio do Governador chinês



Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: descrevem a arquitetura do palácio.

ANEXO K - Notícias de Moçambique no Manuscrito 42

59^o
 Perjuizo à Fazenda Real, a chandese de todo com todo perdidos que
 He mi a imatias q' mais parecem carnis de mantiga q' de gado.
 a que deste armadum esta outro q' le fez para a Comenda
 da yndia, e por se achar perdido de bombas, e nas cabe a conta
 q' ha q' a de nos e o mesmo d'elle. Tem esta Prata tres C
 e setenta e hua bastante m. d. g. d. donde bibe a Guarnica, q' a de
 bem por de cas, mas apurando ouz dno p. as agoadas dos Maiores
 sendo estes donde a faziam, tem mais hum poco nomeio da
 Prata e oco chamado dos Maiores q' serve p. a Lavoura da yndia
 tem outra Cisterna de tras da Igreja q' serve p. a gastos, por
 ser agoa menor e longa. Tem alguns de 2 armadens onas to
 dos mais mi e os mais q' a rissimam. e a achao farto, o qual se
 dos puros soldados he mi e oim, por haverem duas Cadeiras
 e hum administrador q' cobra os onas m. d. g. a thes da de Com
 a do Corido tem agoa, e alguns de 2 milho, ou a meixoeira
 q' se parece com a alquimia do Reino q' sustenta os puros m.
 e porisso andas puros, e o administrador the da porco, com o ten
 tido de q' the figue m. d. Os Soldos dos Soldados granadeiros de
 q' ha duas Com panhas, tem cada mil e cada hum 18 tostons
 e duas panjas de mantiga. q' he de 2 alqueires e 10 onas m. d. g. d.
 das duas panjas the fica p. a sustenta m. d. de 2 tostons, adverte
 do q' hum par de capatos, custa 2000 r. O da Prata ha
 q' ha de mi m. d. g. d. Com da Cadeira e tem 2000 e duas
 panjas. Os fideleiros tem 1200 e duas panjas q' tiradas estas he
 Cesta hum Cruzado este he consideravel viver de 2 puros soldados.
 Esta prata q' se achava guarnecida de 2 Companhias de Granadi
 ros, e de fideleiros, e hua da Arte Maria teve esta guarnica, mas
 hoje apenas a chandese de 2 soldados de cada Com p. q' a esta
 tem de minutas: o serviço desta prata he mais de auxiliares q'
 de tropas puros. no tempo q' aqui me achei o thes de alguns erros.
 O p. de 2 marchas a Com p. de Granadeiros Com bandeira, O

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Descrição detalhada dos Prejuízos à fazenda Real sobre seus agentes perdidos nos conflitos com as chefaturas africanas em 1754.

ANEXO L - Moçambique descrição de conflitos internos

O segundo foi a hir o cargo. Mor da Braca e o Ajudante 598
 de Combandas e gollas mandando o Corpo, Conde e o
 Dilecto ao cargo. Mor 3.º ao pessar do antipicho e general
 salarem as Continenciais, da q.º proledeu aos Officiaes ficarem
 com o Chapeo entre as pernas, tam sem virmas dar e o feres
 Combandeira Red. Lado esquerdo do Capp.º. Tam sem Repari
 de se darem des Cargas depois das Ave Marias: de minha admi
 ração expozho nua questao q.º observei entre o General e o
 gento Mor Manoel Antonio da Paixao: fez o General
 dois Ajudantes da Sala com as patentes de Capitans
 e ordenava q.º o cargo. Mor de se partes aos feres, e de se
 se de lles as Ordens, asq.º Explicou o cargo. mor dizendo
 q.º nua finta dovida, por em q.º lles de se a graduacao de
 Gen.º Coronéis. fora desta praça em pouca distancia ha
 hum Campo por nome São Gabriel em o qual nao ha ma
 is q.º hua Cruz, para este Campo ca he hum baluarte
 da praça cujo tem hua face e mampello deintrente Contra as opi
 nioens de alguns authors este se acha mal franqueado por
 q.º de nenhum pte. he defendido, na base do para pisto tem seu gen
 te, por em mui dao nifilado: as Guardas de montão todas as
 24 horas por hum official, hum cargo. e hum Cabo e 15 solda
 dos 20 ou 22 q.º he quando estas bnd. tem a Cidade por las
 duas e se por mal dispostas, tem hua praça por nome quibirinho
 aonde se achao as preter vendendo Coulas de Comer as fa
 las e as feitas ao antigos, entao a baldeas tudo e ao p.º thos
 donde assiste toda a Castaria, e a Cidade he povoada de
 gentios chamados Banianes, q.º são os mercadores de terra, e
 destes ha duas Comp.ºs. Com seus Capitans p.º. qualquer o cargo
 de se offeratur. tem esta ilha hum Collegio dos B.ºs da
 Comp.º este sem exercicio, em o qual senao ache onas q.º o
 Dileto, tem o de São Domingos, q.º nao tem mais q.º o Prior tem
 ali q.º he a Matriz, cujo vigario he Religio do de São Domingos

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Relatório das ações dos Malfeitores em Moçambique.

ANEXO M - Contrabando no Rio de Janeiro no Manuscrito 42

602

Embarque do Exm^o
Embaix^{or}
Esta Tragédia
desta Viagem.

Em 5 de Junho embarcou S. Exa. com hum barge
tin do General em Companhia de J. Antonio Freire de
Almeida Governador das minas geraes e formandinho vis
toro a acompanhamento ao seu Embarque quatro Captaes
emô hio os Desembarcadores da Realção, o Intendente do
Furo o Juiz da Alfandega e Administradores da Fazenda Re
al e ao som dos muitos instrumentos em q^{ta} se formava hum
suave melodia, largando a terra, passaram pela Ilha das
Lagoas, a qual cortou com vinte e hum peço, e saíndo de
bordo o Capp. de Mar e Guerra Pedro Luiz de Olival Co
seus Officiaes já acompanhados a S. Exa. ao passar pela
Ilha das Cobras, salvou esta com vinte hum peço, a qual
salva recebeu a nao da Embaixada com igual numero, e
chegado q^{foi} a bordo subindo o portão, se adiou a família
e ficando a bandeira de donoa no loje, o de cetera abri
do com 21 peço, partindo de terra ao mesmo tempo o Conde
de S. Miguel Governador dos Goiaes q^{foi} ao passar pela Ilha
das Cobras, o salvou com 21 peço. Chegando este ano
so bordo, o de cetera ao portão o Capp. e mais Officiaes

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Relatou a contrafação na embarcação como última tragédia nesta viagem em 1755.

ANEXO N - Notícias do Rio de Janeiro no Manuscrito 42

637

A isto emq. velejados Com ventos a pipa fez a Capitana Sinal
 p.^o nos fallar, estando o seu escalor fora mandou a n^oso bordo dois Cu-
 tellos por virg. a nao Comq. S. Mag.^e mandou despendor Com a maior
 grandexa dos seus Leados thezouros hum grosso Catbedal, thes. Serria
 de Catellos hua bojardona e hua vella de Estae: aqui v^oras Como
 os Monarchas vivem enganados Com os seus administradores, porq. atten-
 dendo ao Lemitadagao q. thes podiao fazer estas vellas em o Rio de Jan.
 nao lere por objectao Lancar hua vaca ao mar disposta p.^o a Caloeira
 querendo satisfazer a sua Colera dizendo q. a gente da Nao the a nao me-
 recia Como se fosse grandexa sua; agora quizera saber Como se faem
 estas desperas, mas Como og entrou, nao tem a serito Senao por entrada, e
 nao por despera, bem he q. Senao saia og se gatore, og se deu, e og se v^oras
 por, devendo os administradores Cuidarem q. p.^o Similhanter expedicoes
 em mandarem pessoa Com Capacidade, e q. tenhamo militado, porq. Como nos
 tas Viagens tem m.^o entontr a q. se devem Com responder politico, sem q. se
 falte as dezoens de Estado; Com experimentamos em os Estreitos perto de
 Betavia; e Mares dos Hollandezes: donde hum navio de Guerra da
 dita nacao Com respondendo politico Com esta nao the recebemos a sua
 Salva Com diminuiçao. E Cuidado q. o Comandante da Fota finha na
 ta nao bem o tem motrado, porq. q.^o avia mais abraçada, ferrando os
 seus pannos, e demorando a fota Senao adiantava de la muito p^ossos.

A isto na altura de doze graos e 50 minutos ao Lume do N.^o fez a Ca-
 pitana Sinal de navio de mais, o qual avistamos pella pipa a n^oso b^olta
 vento e natarde deste dia fez a n^osa nas dinal de outro q. pella pipa
 a v^oramos o qual a Capitana le conheceu sem q. nenhum d^oestes the
 falese. Tendo este o penultimo dia da Novena de N.^o P.^o do Carmo.

Em Aorta quinto dia da Novena da S. Santa Anna de q. os naves ga-
 tes das d^oavistos, servio de prodigio fazea Capitana Sinal de S.
 navios o quae h^orao pella pipa e a n^oso. Sofr^o vento ao mesmo
 Lume de N.^o quarta N.^o E. e largando a Capitana a n^oas

Fonte: Manuscrito 42 da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2023.

Legenda: Na narrativa diarista descreveu as ações da tripulação desviando pedras preciosas da Coroa Portuguesa adquiridas na Colônia para Inglaterra em 1755.